

Pascoaes

TEIXEIRA DE PASCOAES
VICENTE RISCO
(Epistolario)

Risco

TEIXEIRA DE PASCOES
VICENTE RISCO
(Epistolario)

Prefácio e transcrição de Maria Luísa Malato
e Maria Celeste Natário

NON NOVUM SED NOVE, insistentemente...

Vicente Risco tenta encontrar a primeira memória que tem de Portugal...

“En mi casa había una edición minúscula de Os Lusíadas, en grabados antiguos: Camoens, de armadura completa y coronado de laurel, un párpado caído sobre el ojo ciego, y un libro en la mano; la asamblea de los dioses en el Olimpo, entre nubes y barrocos rayos de luz; las naves en un mar de menudas ondas onduladas; un torneo, debajo del qual decía:

Cual [sic] do cavalo voa, que não deçe [sic]
Qual co cavalo em terra dado, geme...” (Risco, 2005: 115)

Risco só mais tarde lê Eça de Queiroz, Camilo, Antero. E é mais tardio ainda o seu interesse por Eugénio de Castro e pelos restantes “nefelibatas” que, em Coimbra, assumiam orgulhosamente o epíteto de “aqueles que andam nas nuvens”. É desde logo curioso que Risco associe o prazer de ler a poesia dos “nefelibata” à de um conhecido livro de Júlio Dantas, *O Amor em Portugal no século XVIII*: “no lejos de la misma estética”: era ainda para ele a mesma “soberbia suntuosidad de una arte de excepción y del delicado ensueño de aquellos tiempos” (Risco, 2005: 116). Talvez até o mesmo “dandismo vital e social”, mas também ideológico, que marca o pensamento de Risco na juventude (Justo Beramendi, in Risco, 2005: 12). O conhecimento que Risco tem de Pascoaes é indireto e ainda mais tardio, mas empático: “lo más recóndido del alma portuguesa se nos revelo en el ‘saudosismo’ – cuya primera revelación debo a un francés: el prodigioso autodidacto Philéas Lebesgue, en un artículo del *Mercure*. De poco después

data mi relación personal com Teixeira de Pascoaes y com Leonardo Coimbra. No sólo Portugal, Galicia misma estaba en aquel espírito, en aquel transcendentalismo que aún tiene en mi un adepto. Hay que conocer la significación profunda del Oceano, como realidad y como símbolo, para comprender la dedicatória de Teixeira de Pascoaes:

Galiza, terra irmã de Portugal
Que o mesmo oceano abraça longamente...” (Risco, 2005: 116-117).

Mais do que uma proximidade fronteiriça, a proximidade da Galiza é muitas vezes vista como uma ligação umbilical: a existente entre irmãos, ou a existente entre mãe e filho, ou avó e neto. Sempre mais mátria que pátria, porque baseada numa propriedade amorosa e espiritual, como a linguagem e a paisagem, e não brutalmente material, como o poder político ou económico. Antes marcada pelo desafio do oceano, cujas ondas lambem as praias mas empurram os dois povos para terras distantes. No episódio do Magriço e dos 12 de Inglaterra, evocado naqueles versos do Canto VI d’ Os Lusíadas que Risco sabia de cor, ou na lembrança do oceano, que abraça longamente a terra, é sempre a valentia e o gosto da liberdade das gentes fracas o que atrai Risco. Portugueses e galegos são heróis improváveis. E sempre Risco se haveria de interessar pela construção dos heróis e pelo seu necessário despojamento (cf. Sobre el concepto del héroe, Ourense, Misión, 1939).

Demorámo-nos nos pormenores deste texto de Vicente Risco porque ele nos revela a subtileza da influência, força criadora que

não pressupõe, para ser criadora, a subserviência ou a sobranceira. Antes parece marcada por um sentimento de admiração à distância, que demora a concretizar-se num encontro. Neste diálogo entre Vicente Risco (Ourense, 30/9/1884-30/4/1963) e Teixeira de Pascoaes (Amarante, 2/11/1877-14/12/1952) é pouco significativo o encontro físico, a empatia de dois seres que conversam, olhos nos olhos. Têm em comum alguns hábitos, mas, sobretudo, têm em comum duas paixões, que, afinal, se traduzem numa: a Galiza e Rosalía.

Ambos gostam de desenhar e pintar, ainda que o façam de uma maneira pouco disciplinada e acabem por espalhar o gosto da cor pelos versos e tenham o traço como expressão intuitiva (Risco, 2005: 130, 144; Pascoaes, 2002: passim, Sá, 2004: 143 ss.). Ambos são reticentes às grandes viagens e apreciam as pequenas e lentas, especialmente as caminhadas a pé (Risco, 2005: 129, 131). Pascoaes costumava mesmo fazer a pé o longo caminho entre a sua Casa, em São João de Gatão, e o Centro Histórico de Amarante.

Ambos gostam do seu recanto de província (Ourense ou Amarante), de fidalgos que nunca saíram para a corte, cientes de que da janela das suas casas de granito podiam ver a largueza do mundo. Escreve Risco: “Mi aspiración principal es estar tranquilo. [...] Busco ‘los ventanales desde donde la espalda se da al mundo’, para contemplar los ponientes grandiosos y las luces espléndidas que, a lo mejor, anunciam los ponientes” (Risco, 2005: 130). Escreve Pascoaes: “O espectáculo do Cosmos nos deslumbra, desde a nuvem de chuva a molhar-nos o coco incandescente, à nebulosa Andrómeda a desfazer-se em estrelas a um milhão de anos de luz. E este deslumbramento é a própria fonte da Religião e da Poesia,

duas Irmãs, como Teresa e Mariana” (Pascoaes, 1954: 21).

Ambos desconfiam da ordem lógica e da coerência racional. Define-se Risco: “En religión soy, naturalmente, ortodoxo, diria ortodoxísimo; en casi todo lo demás heterodoxo. Me muevo con bastante comodidade n la contradicción” (2005: 129). E Pascoaes, ele que escreveu São Paulo, um livro que a censura classificava como heterodoxo, afirmava ainda mais radicalmente sobre tudo: “A crença absoluta é um produto antipático do nosso orgulho inquisitorial, contrariante o mais possível da humildade cristã. Quem se julga na posse de uma certeza filosófica ou religiosa cai no mais trágico ridículo profundamente ibérico [...]” (Pascoaes, 1954: 10, cf. Ferreira, 2004: 221)

Pascoaes, talvez mais do que Risco, tem consciência de que o que os une é complexo: “é um parentesco de sangue, profundo, antiquíssimo e não apenas uma afinidade casual nascida de idênticas simpatias literárias” (carta de 20/6/20). Na verdade, o que os une é também morarem ambos numa linha fronteira, entre a ortodoxia e a heterodoxia, o sentimento do espaço e a percepção diferente do tempo presente (mais universal em Pascoaes, mais particularizado em Risco?). Significativamente, ambos influenciam discípulos com quem discordam, ambos parecem compreender irreverências de quem os vai ouvir. Vicente Risco desempenhou um “papel de magistério” sobre várias gerações de escritores e políticos vinculados ao nacionalismo galego, “hasta sectores muy amplios del gallegismo” (cf. Valcárcel López, in Risco, 2005: 11). Sobre Pascoaes pesou algum preconceito político: o de uma ideologia “nacional” ultrapassada pelo dito “cosmopolitismo” de António Sérgio ou pelo proclamado “modernismo” de Pessoa (cf.

v.g., Sá, 2004: 113).

Trata-se aqui, porém, de um equívoco. Se, para Pascoaes, “o homem superior vive também como patriota”, “o homem sublime vive ainda a vida da Humanidade e mesmo a do Universo” (Pascoaes, 1978: 45). O horizonte final de Pascoaes é, inequivocamente, universal - o seu próprio redentorismo é para aí que aponta, em última instância: “o fim do universo não é redimir o animal, mas sim o próprio universo” (Pascoaes, 1993: 129). Daí, com efeito, o equívoco. Como escreve António Cândido Franco no número 10 da Revista “Nova Águia” (2º Semestre de 2012), a propósito dos “100 anos d’O Saudosismo”, “o uso e o abuso do epíteto ‘nacionalista’ aplicado ao saudosismo doutrinário da Renascença Portuguesa é enganador, como se tira da Arte de Ser Português e das duas ideias-chave deste livro – a Humanidade está acima da Pátria e o Homem, vivendo para a Humanidade, é superior ao que vive para a Pátria”. De resto, já Eduardo Abranches de Soveral, num Colóquio evocativo dos 50 anos da morte de Pascoaes, havia sublinhado que “o pensamento político de Pascoaes, dados os seus fundamentos (...), não pôde ser acolhido pela ideologia do Estado Novo” (cf. “Sobre o pensamento político de Teixeira de Pascoaes”, in Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2004, nº 21, p. 216).

Ambos acabam por ser vítimas daquela efervescência fugaz das tertúlias de café. Ou das posições inflamadas das polémicas da moda, nos periódicos de um determinado tempo. No caso de Risco, as charlas no Café El Cortijo, no Roma, no Parque, ou no El Tucho, depois significativamente por ele crismado Volter (cf. Valcárcel López, in Risco, 2005: 14 e 30). Se, nos anos 30 e 40, durante e depois da guerra civil espanhola, Vicente Risco, cató-

lico, se foi aproximando de algumas decisões anti-republicanas, sempre teve a escutá-lo jovens fascinados pela sua estética romântica com laivos surrealistas: “[...] la mayoría de ellos militaban ya en la causa del compromiso antifranquista y muchos, casi todos los más jóvenes, incluso en formaciones socialistas y comunistas”. De política no se hablaria mucho en aquellas charlas, pero en cualquier caso a este nível Vicente Risco fue un fracasado: sus discípulos ‘salieron retorcidos’, diria el, en el tema ideológico” (cf. Valcárcel López, in Risco, 2005: 15). Algo inversamente parecido terá sucedido com Pascoaes. Se, nas Brasileiras do Chiado e do Rossio, entre outros cafés frequentados por Pascoaes, se iam aglomerando os que viam nele um agitador de consciências, nem sempre a sua “arte de ser português” viu nela reconhecida a arte de misturar sangues e de suspeitar das modas e dos dogmas. O próprio Fernando Pessoa, que Pascoaes teimava em não considerar um verdadeiro poeta, ficava a ouvir João Correia de Oliveira a falar-lhe mal, fraternalmente, daquele Pascoaes que, em 1905, escrevera Elegia de Amor, passando “o resto da vida literária a pedir desculpa em má poesia por ter escrito um dos maiores poemas de amor do mundo” (Pessoa, s.d.: 153, cf. 35). E Fernando Pessoa quase calado, sem conseguir dizer mal. Anos depois, ainda José Gomes Ferreira, indiscutivelmente um escritor de esquerda, ia ouvir Pascoaes à Brasileira: “Confesso que nunca percebi essa relutância pelos versos de Teixeira de Pascoaes” (cf. Ferreira, 2004: 218-219). É de notar, aqui, que alguns dos primeiros textos publicados por Pascoaes tiveram, por vontade do próprio, uma circulação restrita (apesar de, desde cedo, terem sido traduzidos): algumas obras eram “edições de autor”, apenas para distribuir pelos amigos, e mesmo aquelas editadas com a chancela da “Renasença Portuguesa” tinham uma tiragem pequena e estavam quase

circunscritas, em termos de distribuição, ao Norte do País (situação que só se irá alterar com a conhecida edição da Bertrand e depois, mais recentemente, com a da Assírio & Alvim).

E, no entanto, o mesmo José Gomes Ferreira se espantava de, nos finais dos anos 40, já não ver um livro de Pascoaes numa livraria de Lisboa. Tinha ficado fora de moda. Tal como Vicente Risco viu muitas vezes esquecida a irreverência de muitos dos seus textos... Com efeito, sobretudo no rescaldo da polémica com António Sérgio, Pascoaes tornou-se, aos olhos de alguns, um autor “fora de moda”, mesmo em termos políticos. Somente se viria, em parte, a “reabilitar” quando, em 1949, apoia publicamente à candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República. Mas Pascoaes nunca foi um homem de facção, nunca esteve refém de sectarismos ideológicos. De tal modo que poderia dizer o que Agostinho da Silva escreveu sobre si próprio: “A direita me considera como da esquerda; esta como sendo eu inclinado à direita; o centro me tem por inexistente. Devo estar certo.” (inédito: Arquivo da Associação Agostinho da Silva).

Ora o primeiro interesse da correspondência entre Vicente Risco e Teixeira de Pascoaes é, a nosso ver, precisamente o da reconstituição e compreensão dessas finas malhas da simpatia intelectual. Quase sempre subtil e improvável, facilmente redutível a duas ilhas que mutuamente se podiam ignorar. Para um ambiente cultural, o mínimo pormenor é significativo, tudo importa. O contributo do escritor célebre é tão importante como o do leitor anónimo. Refira-se o do conhecido polígrafo Philéas Lebesgue, autor das “Lettres Portugaises” no Mercure, entre 1896 e 1951, responsável pela divulgação europeia de poetas portugueses,

como Pascoaes ou Pessoa, bom conhecedor da elite intelectual portuguesa, e colaborador assíduo em revistas literárias portuguesas (*Arte*, *O Mundo*, *Atlântida*) e galegas (nomeadamente na *Nós*): foi ele que verdadeiramente pôs em contacto Risco e Pascoaes. Ou, num sentido inverso, o ignoto galego que, no seu hotel de Entre-os Rios, falava a Pascoaes de poetas e intelectuais galegos: “[...] Angelo Vasques Henriques, um verdadeiro cavalheiro galego, de Noia, creio eu, de quem sou amigo. Ele fala-me sempre com grande entusiasmo em Vicente Risco, Cabanillas e outros” (Carta de Pascoaes a Risco, 10 de Junho de 1921).

Pascoaes, ao contrário de Risco, parece chegar a Fevereiro de 1920, com muito poucos conhecimentos sobre a Galiza e a cultura galega: “por enquanto só conheço a bahia de Vigo e algumas poesias de Rosalia de Castro”, confessa-se (20/2/20).

A correspondência pode pois confirmar que este diálogo entre a Galiza e Portugal tinha algumas assimetrias. Vazquez Costa fala precisamente de “un diálogo asimétrico”, de uma evidente falta de reciprocidade no interesse que Portugal tinha pela Galiza (Vazquez Costa, 1995: 5-21). E essa assimetria é credível, sobretudo se ainda hoje verificarmos que poucos autores galegos têm visibilidade nas nossas livrarias e que o prestígio da Literatura portuguesa, sendo relativo e reduzido, é ainda assim mais identificável numa livraria galega. Para o facto contribuem fatores difusos (cf. José Luís Barreiro, in Agra Romero/ Rodríguez Rial, 2003: 71-73). As instituições galegas (empenhadas na construção e manutenção de uma identidade galega e no contributo que a identidade portuguesa pode trazer para uma projeção comum e europeia) parecem ser mais ativas do que as instituições portuguesas (do-

minadamente centralistas), sendo a identidade do noroeste peninsular, na visão de Lisboa, uma extravagância regionalista. Também ao facto não serão estranhas as leis gerais da imitação. O fluxo emigratório foi durante muitos séculos unívoco, da Galiza (região) para Portugal (país), e esse, ainda que frágil, prestígio político-económico, é inevitavelmente, segundo Gabriel de Tarde, um elemento conformador das leis da influência: “a sociedade é a imitação, e a imitação é uma espécie de sonambulismo” (Tarde, s.d.: 113). As relações de influência, nunca são uniformes. Em qualquer consideração que se faça sobre como se estabelece um diálogo, há que determinar previamente quem dialoga e quando. Quando tentamos localizar no tempo quem levou a cabo essas relações, sempre se pode distinguir uma realidade medieval, anterior à unidade política da Espanha e outra posterior ao “reurdimento” da identidade galega e das suas instituições. Ou um maior dinamismo entre as duas guerras do século XX, por alguns só identificáveis depois da visita de José de Figueiredo à Galiza, em Agosto de 1919. Ou um progressivo fechamento desses interesses durante largo tempo, só corrigido pela valorização do eixo atlântico num contexto europeu/ europeísta...

Talvez este contexto difuso tenha deixado alguns indícios na correspondência entre Pascoaes e Risco. O saudosismo português de Pascoaes parece por vezes distanciar-se, e muito, do saudosismo galego de Risco. A Pascoaes é inicialmente estranho, por razões óbvias, a teoria do nacionalismo galego, publicada por Vicente Risco em 1920, “formulación canónica do cerne comum a tódalas ideoloxias que conviven no nacionalismo galego ata a gran mutación dos anos sesenta” (Justo Beramendi, in Risco, 2000: 9). Ainda quando Pascoaes considera como comum a cau-

sa civilizacional e vê na Galiza o “berço sagrado da nossa História” (carta de 20/2/20). O pensamento de Risco parece, por razões igualmente claras, pouco preocupado com o universalismo do saudosismo português, tal como delineado por Pascoaes, poeta talvez ainda mais desconfiado da pureza do romantismo finissecular (cf. Borralho: 2004: 81-102).

Mas o que parece mais patente nesta correspondência de Pascoaes a Risco (sobretudo centrada nos anos de 1920-1922, e que está longe de estar completa) é a construção de um projeto comum que, divergindo nos ramos, concorda nas raízes. A correspondência entre Pascoaes e Risco, inscreve-se numa teia muito complexa de compatibilidades estratégicas, que nem sempre indicam uniformidade de pensamento (bem pelo contrário), mas que tornam a divergência um fator secundário, acessório, contextual. Teixeira de Pascoaes corresponde-se com Risco, mas também com Alvaro Cebreiro, Antón Noriega Varela, Castelao, Cabanillas, que nem sempre concordam entre si (cf. v.g., os variados estudos de H. Busto Abella, Santos Araújo, E. Alvarez e Alonso Estravis). Teixeira de Pascoaes colabora com o jornal *A Nosa Terra*, com revistas como a *Nós*, *Rexurdimento*, ou o *Diário da Galicia*, que nem sempre têm a mesma política editorial da *Renascença Portuguesa* ou da *Águia*, que também não são uniformes (cf., a título de exemplo, José Luis Barreiro, in *Agra Romero./ Rodriguez Rial*, 2003: 79).

Ao longo da correspondência agora editada, são frequentes, não só as referências à fraternidade entre a “alma galega” e a “alma lusitana”, “almas gémeas”, e a um comum “sentimento saudoso (galaico-lusitano)” (cf. cartas de 20/2 e 30/3/20), com também,

progressivamente, a construção de um universo intelectual comum aos “dois Povos da Saudade” (carta de 20/3/20): “Espero ler com imenso interesse a sua Teoria do Nacionalismo Galego” (carta de 20/2/20). “Tem para mim um grande interesse o movimento nacionalista da Galliza, porque representa o renascimento da Alma Gallega” (carta de 30/3/20). Pascoaes denomina a meia centena de páginas da Teoria do Nacionalismo... um pequenino “Evangelho galego”, “trabalho completo”, “a aspiração d’um povo codificada”, figurando então entre os livros que mais ama (carta de 21/5/20).

Em 1921 e 1922, a troca de livros entre Pascoaes e outros intelectuais galegos próximos de Risco ocupa grande parte das cartas existentes. Pascoaes envia vários livros seus a Vicente Risco, a Ramón Cabanillas, e pede a indicação de outros intelectuais galegos, bem como de livrarias da Galiza a quem possa enviar exemplares para venda (cf. carta de 10 e 20/3/[20]). Recebe em troca livros de Vicente Risco, de Cabanillas e de António Noriega Varela (cf. cartas de 5/8 ou de 12/11/20). E passa depois a pedi-los para os divulgar em Portugal. Quanta atualidade há, infelizmente, nesse seu pedido: “É necessário que os livros galegos sejam postos à venda em Portugal, que se espalhem o mais possível entre nós. Fundou-se uma grande sociedade editora – Lumen – que tem livrarias nas principaes terras de Portugal. Ela pode tratar da venda dos livros galegos. Eu sou amigo do seu director e proprietário principal, Arthur Leitão, se quiser e concordar comigo, eu falo-lhe n’esse sentido” (carta de 12/11/20, cf. 10/7/21). “Preciso de conhecer a sua obra poética [a de Cabanillas], assim como a de Pondal e outros”, porque deseja muito falar da Galiza nos jornais em que colabora (carta de 12/1920). Pascoaes trata de remeter 100 exemplares de *Marânos* para os representantes de *Nós* (carta

de 20/3/20) e teima em pagar a assinatura da Nosa Terra, para fazer parte do projeto galego, porque é a mesma a sua “obra civilizadora” (30/3/20). Prescinde de 50% do preço dos seus livros, para que a importância reverta a favor de A Nosa Terra e da Nós (carta de 29/4/21). E em 21 de Agosto de 1921 acrescenta: “desde que o producto é para esses jornaes, podem-nos vender pelo preço que quiserem. Não é assim? Só peço desculpa pela pequenez da oferta”.

É evidente, nestas cartas, o poder da afinidade. Dá ideias novas. Pascoaes, em Barcelona, parece ainda mais entusiasmado com a Galiza. Encontrou de Rosalia, na Catalunha, uma Antologia que alimenta o seu entusiasmo por ela: fala pela primeira vez de ir em romagem à sua campá, beijar a terra sagrada. Devotamente, pede a Risco: “Sabe o que eu, desde já, queria de Rosalia? Era o seu retrato, gravura ou fotografia”. Declara Rosalia uma “poetisa assombrosa! A maior depois de Sapho!” E vingando talvez inconscientemente o gesto que Safo teve por Faon e o salto de Leucadia: “Morro por ela” (cf. cartas de 12/5 e de 20/6/20). Na carta de 20 de Junho de 1920, diz dessa antologia que lhe ofereceram em Barcelona: “É um livrinho que eu rezo várias vezes!” E sugere agora um novo paralelismo, que quer explorar: Rosalia de Castro e Frei Agostinho da Cruz. Repete-o ainda exclamativamente, a 21 de Agosto de 1921: “Rosalia e Frei Agostinho!” A ideia pede agora textos: “Qualquer dia escreverei qualquer cousa acerca d’eles para a Nossa Terra”. E a hipótese desse futuro texto pede mais livros e mais autores: “Quando eu ahi for, trarei comigo todas as obras de Rosalia, Pondal e outros que não li ainda”.

Quando organizadas cronologicamente, as cartas de Pascoaes para Risco revelam, ainda que irregularmente, uma cada vez

maior cumplicidade: “Meu querido Confrade” (20/2/20), “Meu querido amigo” (10/3/20), “Meu querido amigo e confrade” (20/3/20), “Meu muito estimado confrade” (12/5/20), “Meu querido confrade e amigo, irmão na saudade e na esperança” (21/5/20), “Meu muito querido camarada” (12/11/20), “Meu querido camarada” (12/12/20), “Meu querido irmão” (10/7/21); “Querido irmão” (21/8/21), “Queridíssimo irmão” (18/3/26)... Não sendo claro se se refere a Risco ou à Galiza, Pascoaes logo declara: “Quanto mais nos conhecemos, mais irmãos nos sentimos” (carta de 12/5/20). Sendo certo que há documentos que faltam (não sendo por isso possível organizar a correspondência de uma forma alternada, próxima da do diálogo), resta inexplicável a quebra do ritmo das cartas entre Pascoaes e Risco, malgrado a crescente cumplicidade: 12 documentos em 1920, 5 documentos em 1921, 2 em 1922, 1 em 1926... O que a pode ter explicado? Talvez a correspondência não estar completa, não sabendo nós o que falta.

Incompletas, dispersas no tempo, simples no estilo, versando sobre coisas por vezes banais, é nelas indelével o poder catalisador da afinidade. A afinidade que leva a ler outros livros, a procurá-los, ainda quando se está longe. Mas também aquela afinidade que por vezes nos revela as nossas próprias asas e nos faz por vezes esquecer a euforia inicial... A carta de 18 de Março de 1926, repete por várias vezes o que parece mais evidente, o esquecimento: “eu não o esqueço, como não esqueço a Galiza, [...] a mesma amizade e admiração [...] o meu pensamento nunca abandona as terras d’Além Minho. [...] O meu silêncio tem representado trabalho mas não esquecimento”.

Teixeira de Pascoaes passa agora largas temporadas (de Novembro

a Abril) fora de Amarante. Fica hospedado em Lisboa, no York House, às Janelas Verdes, de Novembro a Abril, “em busca de sol tantas vezes mítico” (cf. Ferreira, 2004: 218). Mas talvez devamos atentar na carta de 1926 o que parece ser uma reformulação dos projectos iniciais de Risco e de Pascoaes. “Logo que chegue a Amarante, enviarei colaboração minha para a Nós. Ainda bem que ela reaparece animada de nova vida! Ainda bem!”. “A Renascença do Porto e a sua revista *Águia* vão entrar n’um período de vida nova que pode ser fecundo. É ideia minha e do nosso grande escritor Raul Brandão, e de outros, converter a Renascença n’uma sociedade literária luso-galaica, sendo a revista *Águia* o seu órgão, colaborada por galegos e portugueses. Que lhe parece?”

Desenganemo-nos. As cartas entre Pascoaes e Risco quase nada têm de privado, quase nada de íntimo. São estratégias, textos de missionário que, como São Paulo (que Pascoaes tanto admirava), parecem seguir aquele preceito pragmático dos oradores: “Verdade é que também alguns pregam a Cristo por inveja e porfia, mas outros de boamente; [...] Mas que importa? Contando que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento ou em verdade” (Fp, I, 15 e 18). Por isso Pascoaes se não importa que Risco publique e mostre as suas cartas, onde e a quem as quiser ver: “Pode o meu querido amigo dispor das minhas cartas como entender” (carta de 20/6/20).

Critérios de Transcrição

Apoiados nesta disponibilidade dos autores, a principal questão que se coloca aos editores é a da fidelidade às ortografias usadas pelos dois autores, ambos sensíveis às conotações das grafias.

O galego não tinha, no início do século XX, uma ortografia oficial. Era uma língua em muitos aspetos marcada pela longa resis-

tência da cultura oral. Inicialmente, para Risco pelo menos, o galego era uma linguagem fechada, incapaz de servir plenamente os propósitos cosmopolitas da classe intelectual: “debe conservarse como una parte de nuestro rico, de nuestro bellissimo folklore [...] pero el que queira ser leído, que escriba en castellano” (apud Beramendi, Risco, 2000: 11). Mas já em 1919 Risco se insurgia contra Xaime Solá, que via na língua galega uma língua inculta, de “labregos”, promovida por quem pensava em castelhano: “Que nos pensamos en castelao cando queremos falar en galego! Nos pensamos como todo-l-os homes pensan, nin en galego, ni en castelo [sic], pensamos en human. Homines sumus” (Risco, 2005: 178).

Na correspondência existente (1920-1926), Pascoaes somente refere a qualidade poética da língua galega, quanto mais não seja pela sua extraordinária semelhança com o português. Admira o estilo de Risco, essa escrita que o próprio classificava de automática, por não a burilar: “Como o pensamento e o sentimento se casam, n’uma prosa encantadora de espontaneidade e vivacidade” (Carta de 21/8/21, cf. Risco, 2005: 130). E chega a conceber uma aproximação gramatical entre as duas línguas: “O português deve tender para o galego e o galego para o português até se tornarem n’uma só Língua” (carta de 5/8/20). “E que a Nós seja realmente Nós, isto é, galegos e portugueses” (carta de 12/12/20). Inicialmente escreve “Galliza”, mas depressa passa para uma ortografia mais simples: “Galiza”. Sem obviamente ser decisiva, até que ponto esta perspectiva “inter-nacional” do galego de Pascoaes e a leitura dos textos em galego por uma comunidade intelectual portuguesa, não vai dando a Risco cada vez mais entusiasmo pelo carácter internacional do galego?

Quanto a Pascoaes, sabe-se que nunca aceitou a reforma ortográfica que entrou em vigor a 1 de Setembro de 1911, sem a auscultação do Brasil, de que foram responsáveis Gonçalves Viana, Carolina Michaelis, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos e Cândido de Figueiredo. Não porque Pascoaes fosse avesso a qualquer reforma (parece insensível às questões e acentuação), mas porque encarava a ortografia (tal como os poetas Fernando Pessoa ou João Penha) como uma matéria plástica. Do ponto de vista estético, as “excrescências” fonéticas dos “th”, ou os “y” evocavam genealogias familiares, pés de lyrios, movimentos de lagrymas (cf. “Fisionomia das Palavras, A Águia, nº 5, 1ª Série, 01.02.1911). Mas nas cartas para Risco, pelo menos, Pascoaes usa grafias simplificadas: o “ph” restringe-se aos “phantasmas”, parece esquecer os “y”, escreve “assignatura” e depois “assinatura”, e escreve regularmente “ação”, “direção”, embora Pascoaes mantenha “offerecer” e escreva “bahia” e “industriaes” e “felicitar”...

Por se incluírem aqui as cartas fac-similadas para quem se interesse por estas questões, resolvemos uniformizar e atualizar a grafia do português, segundo o acordo atualmente em vigor. Todavia:

- mantivemos ou assinalámos a grafia dos nomes próprios (“Arthur”, “Sapho”) e a de todas as palavras que denunciasses uma pronúncia diferente da canónica, ainda que fossem indício de regionalismo ou pudessem passar por “incultas” aos ouvidos dos que nunca desafinam: como “Libraria” ou até “encómodo”..
- mantivemos as maiúsculas que pudessem ser personificação: “Lembrança”, “Alma”...
- uniformizámos a ortografia e a acentuação das palavras: “acêrca”/ “acerca”; “Castellao”/ “Castelao”, “hontem”/ “ontem”...
- desenvolvemos as abreviaturas: “Teix.”/ Teixeira de; “nº”/ nú-

mero...

- eliminámos apóstrofes: “d’esse”, “d’ahi”, “d’uma”...
- transformámos os sublinhados em itálico: “Nós” em vez de “Nós”;
- uniformizámos pontualmente os cabeçalhos das cartas: “1920 Amarante 20 Março” foi transcrito “20 de março de 1920/ Amarante”.

Non novum sed nove. Não falamos de coisas novas, mas de novo. Muitas destas questões merecem hoje uma insistente atenção.

Continuamos a subscrever, com excessiva facilidade, a falta de políticas culturais que reconheçam o potencial anímico da literatura. De novo. Talvez ela tenha de ser sempre assim, silenciosa e subversiva. De novo.

Continuamos a queixar-nos de que não chegam à Galiza os livros e os autores portugueses e que, ainda com maior dificuldade, chegam os livros e autores galegos a Portugal. De novo. Talvez não devamos esperar que eles cheguem, e agora, como sempre, os devamos procurar, disponíveis que estão na internet, ou nos pedidos online. De novo.

Continuamos a lamentar esta apagada e vil tristeza, que sempre descure o espírito e cuida mal da matéria. “Os despojos d’um naufrago nas mãos da gatunagem!”. E a paradoxal necessidade de não desistirmos. “Isto por aqui é uma desgraça. [...] Então, quando vem a Portugal?” (carta de 19/2/21). Talvez tenhamos de nos conhecer melhor, tentar que venham cá, tentar ir lá, onde quer que cá e lá nos levem. E trocar livros e ideias para sentir falta de mais livros e de mais ideias. De novo.

Rolamos ainda não felizes esta pedra de Sísifo. Chegaram-nos às

mãos, oferecidas por Maria Virgínia Guerra Monteiro, três dos quatros volumes da revista *Céltica*, Caderno de Estudos Galaico-Portugueses, que saiu no Porto, no início dos anos 60 do século passado, por iniciativa e teimosia do poeta Manuel Oliveira Guerra, pai de Maria Virgínia Monteiro: “Após meio século de silêncio sobre *Céltica*, eu tentei quebrá-lo”, escreve-nos. “E, dessa minha tentativa (feita nos últimos anos) resultou terem-se erguido vozes, na Galiza, em Santiago de Compostela, na Corunha, etc., falando em *Céltica* como exemplo de interesse cultural, de uma herança galaico-portuguesa”. Nos números da *Céltica*, colaboram muitos intelectuais da Galiza e do Norte de Portugal, nomes como Barata Foyo, Maria José Teixeira de Vasconcelos, sobrinha de Teixeira de Pascoaes, Hugo Rocha, Lois Carré Alvarrellos, Mário Dias Ramos... Lemos nela textos de e sobre Rosalia, Noriega Varela, Manuel V. Peña, Ramón Cabanillas, Leite de Vasconcelos, Francisco Añon. Nela se divulga-se a nóvil pintura do português Carlos Carneiro, do galego Pesqueira Salgado ou do japonês Watanuki. Encontra-se um poema de Fernando Echebarria, “Angeles Inúteis”. Nela Leandro Carré pondera, em 1961, a existência de um Teatro galego (1961: 166 ss.) e Manuel Maria nela publica o “Auto do Labrego” (1961: 320 ss.). Ruiz Morales relata a exposição sobre uma rota do Românico (1961: 265 ss.). Castinheiras García defende o idioma galego (1961: 279 ss.). Publicam-se recensões a “Tristão ou a Traição dum intelectual”, de Jorge Listopad, ou à poesia, hoje também injustamente desconhecida, de Sílvia Dora (1961: 309 ss., 313 ss.). Há uma carta de Oliveira Guerra a José Díaz-Castroverde, e outra de Juan Naya Pérez, da Real Academia Gallega, a Oliveira Guerra para celebrar a coragem da iniciativa.

Em 1961, três anos antes de falecer, Oliveira Guerra criaria ainda o Círculo de Estudos Galaico-Portugueses, com uma dupla sede, no Porto e em A Coruña... Publica-se o projeto de Estatutos, que começa: “A História separa por vezes os povos, mas nem sempre os desirmanha, e as afinidades sanguíneas, étnicas, espirituais e éticas mantêm-se através dos séculos e prendem-nos por cima das fronteiras e para além das constituições nacionais [...]” (1961: 247). O programa é imenso: visitas de investigação, organização de festivais galaico-portugueses, realizações teatrais e cinematográficas, conferências sobre história, filosofia, literatura, linguística, que estudem os liames dos dois povos, exposições bibliográficas, congressos etnográficos, exposições de arte, concursos literários e jornalísticos, bolsas de estudo e prémios, publicação e divulgação de livros galaico-portugueses, esgotados ou inéditos, permuta de periódicos e outras publicações entre as bibliotecas e instituições da Galiza e de Portugal, programa de divulgação dos livros espanhóis/galegos em Portugal e do livro português em Espanha/ Galiza, publicação de um Boletim dando conta das atividades realizadas e publicitação das atividades previstas.

É curioso: Oliveira Guerra, como Risco ou Pascoaes, é também descrito uniformemente como afável, delicado, amante da pintura, entusiasta, persistente. Esta água mole em pedra dura que nunca fura. Mas espanta-nos também que, nos estudos galaico-portugueses, as iniciativas de Oliveira Guerra tenham sido esquecidas. Como em parte as de Pascoaes e Risco. E por isso editar a correspondência de Risco e de Pascoaes é também um pretexto para de novo, nós, agora, insistentemente, continuarmos a falar das coisas que nos prendem “por cima das fronteiras”.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV, Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1996.

AA.VV, Actas do II Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 2004.

AA.VV, Actas do III Colóquio luso-galaico sobre a Saudade: em homenagem a Dalila Pereira da Costa (org. de Celeste Natário, António Braz Teixeira, Afonso Rocha e Renato Epifânio), Lisboa, Zéfiro/ IFLP, 2008.

AA.VV, Actas do IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade (org. de Celeste Natário, António Braz Teixeira, Arnaldo Pinho e Renato Epifânio), Lisboa, Zéfiro/ IFLP, 2012.

AGRA ROMERO, M. X./ RODRIGUEZ RIAL, N. coord. (2003). Galiza e Portugal. Identidades e Fronteiras. Actas do IV Simposium Internacional Luso-Galaico de Filosofia..., Santiago de Compostela, Publ. Universidade de Santiago de Compostela.

BORRALHO, M. Luísa Malato (2004). Teixeira de Pascoaes: um Clássico Romântico? in "Revista da Faculdade de Letras/ Universidade do Porto. Filosofia. Actas do Congresso Teixeira de Pascoaes. Olhares," II Série, Vol. XXI, Porto, 2004, pp. 81-102. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4968.pdf>

FERREIRA, José Gomes (2004). A Memória das Palavras. Relatório de Sombras, Lisboa, Círculo de Leitores.

FRANCO, António Cândido Franco (2000). A Literatura de Teixeira de Pascoaes, Lisboa, IN-CM.

GUERRA, Oliveira (org.) (1960-1961?) Céltica. Cadernos de Estudos Galaico-Portugueses, Porto, n.ºs 1 a 4.

NATÁRIO, Celeste (2008), Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX, Lisboa, Zéfiro.

NATÁRIO, Celeste (2010), Itinerários do Pensamento Filosófico Português: da Origem da Nacionalidade do Século XVIII, Lisboa, Zéfiro.

NATÁRIO, Celeste (2010), Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica, Lisboa, Zéfiro.

PASCOAES, Teixeira de/ UNAMUNO, Miguel de (1986). Epistolário Ibérico. Cartas de Unamuno e Pascoaes, introd. José Bento, Lisboa, Assírio

e Alvim

PASCOAES, Teixeira de (2002). Desenhos de..., Lisboa, Assírio e Alvim

PASCOAES, Teixeira de (1993) O Homem Universal e outros escritos, fixação do texto, pref. e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Assírio & Alvim

PASCOAES, Teixeira de (1978). Arte de Ser Português, Lisboa, Edições Roger Delraux

PASCOAES, Teixeira de (1954). A Minha Cartilha, Figueira da Foz, s.l.

PASCOAES, Teixeira de (s.d.) Livro de Memórias, "Obras Completas", VII, introd. e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.

PESSOA, Fernando (s.d.). Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, org. G. R. Lind e J. Prado Coelho, Lisboa, Ática

RISCO, Vicente (2005). Últimas páginas sobre Galícia. Artículos olvidados en 'Vida Gallega' (1919-1962), introd. M. Valcárcel López, Vigo/ Santiago, Galaxia/ Alvarellos

RISCO, Vicente (2000). Teoría do Nacionalismo Galego, ed. crítica e introd. de Justo Beramendi, Santiago de Compostela, Gotelo Blanco

SÁ, Maria das Graças Moreira de (2004). As Duas Faces de Jano. Estudos de Cultura e Literatura Portuguesas, Lisboa, IN-CM.

TARDE, Gabriel de (s.l.). As Leis da Imitação, trad. C. Fernandes Maia, Porto, Rés

TEIXEIRA, António Braz (2006), A Filosofia da Saudade, Lisboa, Quidnovi.

VAZQUEZ Costa, P. (1995). Portugal-Galicia, Galicia-Portugal. Um diálogo asimétrico, in "Revista Colóquio-Letras, Nós. A Literatura Galega", Lisboa, I, pp. 5-21

Introducción e transcripción de
Delfín Caseiro Nogueiras

INTRODUCCIÓN

A máis fermosa utopía.

A tarefa que hai por diante é inxente, titánica. A descuberta da identidade, após moitas voltas de viaxes a culturas afastadas, ten de ser afirmada e espallada ao conxunto da sociedade.

Son ben elocuentes as palabras de Risco, case ao comezo da aventura, no artigo “Cosmopolitismo e universalismo” (A Nosa Terra, nº 98, 25/8/1919):

“Hemos prepararnos como pra sérmol-os creadores da civilización futura. Hemos apicarnos á creación de valores universaes. Ao ‘cosmopolitismo’ eu opoño o ‘universalismo’”.

O dirixente galeguista maniféstalle a Teixeira de Pascoaes na primeira carta autógrafa

(20/2/1920) que aquí se transcribe:

“ (...) foi esí que principiei a padrical-o Atlantismo (...) que é a forma que en min ten a Espranza, n’un Alén posíbel no que Portugal e Galicia serían a mesma cousa ...

A arela nosa é de faguer de Portugal e de Galicia unha soia patria espirtual, a nos integrar no pensamento e no sentimento atlántico.”

No ensaio Teoría do nacionalismo galego (1920), o intelectual define así o concepto cultural: “¿Foi a Atlántida un continente histórico? Pouco importa. A Atlántida, hoxe cuberta polas augas salgadas do Océano, é un símbolo: é o símbolo da nosa civilización céltica, escurecida e asoballada por unha civilización estraña e inimiga, que é a civilización mediterránea, traguída eiqui polo imperialismo romano, prototipo de tódolos imperialismos.” (cf. Risco, V., Obras completas, 4, Galaxia/Xunta de Galicia, Vigo,

1994, pp. 46-47).

O intelectual ourensán é un dos membros máis significados das Irmandades da Fala, movemento nacionalista que nace a raíz do chamamento de Antón Villar Ponte

–“Nacionalismo Gallego, nuestra afirmación nacional.”- na cidade da Coruña no ano 1916, que procura a autonomía política e cultural de Galiza, e que logo se ha de estender polas cidades e vilas galegas. No ideario das agrupacións, Portugal preséntase como modelo e aspiración. Un dos obxectivos políticos prioritarios que se formulan é o establecemento das bases sobre as que se asente un futuro federalismo co país irmán.

“Entón penso un novo imperialismo luso-galaico, celta do Sur, espiritual esta vez, espallando a nosa lingua e mais a nosa cultura por total-as terras colonizadas pol-os fillos de Portugal e de Galiza, facendo ver ás xentes o mundo d’un xeito novo: na Saudade creadora.” (Carta do 1/7/1920).

E pouco tempo despois, exprésase nestes termos: “Teño prenos poderes da Asambrea das Irmandades pra m’entender cos nosos amigos de Portugal para total-as custións que nos intresen.” (Carta do 26/4/1921).

A profesora Pilar Vázquez Cuesta, que fai a transcripción de oito cartas de Vicente Risco a Teixeira de Pascoaes, sinala no texto introdutorio: “As relacións da Galiza con Portugal constituen peza importantísima do proxecto nacionalista galego anterior á nosa Guerra Civil. Acontecera xa iso nas anteriores etapas do galeguismo –a provincialista e a rexionalista-, aínda que de xeito menos rechamante por non ter-se nelas atribuído á lingua a importancia decisiva para a restauración político-cultural da personalidade colectiva galega que vai concederlle o movemento das Irmandades da Fala.” (cf. “A correspondencia de Vicente Risco con Teixei-

ra de Pascoaes”, in Grial, nº 86, 1984, p. 459).

A aparición e difusión dos cancioneros medievais galaico-portugueses e as ensinanzas de algúns sabios dos séculos precedentes van facendo camiño.

No século XVIII, o ilustrado Frei Martín Sarmiento propón o emprego de gramáticas e manuais portugueses para proceder á galeguización da escola e acabar así coa aberración educativa de ensinar aos escolares galegos nunha lingua descoñecida, o español.

Manuel Murguía, o grande animador do Rexurdimento literario, pronuncia fervoroso discurso no acto inaugural dos Xogos Florais de Tui (1891), os primeiros plenamente galegos.

“Pois ben: vede os romances portugueses e notaredes que son como os nosos. Somellan dúas gotas de orballo que tembran nunha mesma rosa. Veñen dunhas

mesmas fontes nacionaes, e son tan iguaes na fala coma nos sentimentos que espresan. (...) Vede, polo mesmo, meus señores, si podemos decir con verdade que nunca, nunca, nunca, pagaremos ós nosos irmáns de Portugal o que nos haxan conservado estes e outros recordos, e sobre todo que haxan feito do noso gallego, un idioma nacional.” (cf. Prosa Galega I, Universidade de Santiago/Galaxia, Vigo, 1976, pp.112-113).

O bardo de Ponteceso, Eduardo Pondal, poetiza os sentimentos heroicos de irmandade: “e os bos fillos do Luso, / e os fortes irmáns, / nun só nó, fortemente, / os dous constrinxirás; / ¡tal é a somellanza sonora / do garrido falar!” (cf. “Boandanza, saúde”, in *Queixumes do pinos e outros poemas*, Vigo, Castrelos, 1975, p. 73).

“E cando os dous pobos se poñen a remexer nas suas tradicións, logo atopan o un co outro, un pouco asombrados de s’haberen

arredado de tal xeito, ata case se descoñeceren ...” (Carta do 26/11/1920).

A correspondencia epistolar, intensa e extensa no período que vai de 1920 a 1922, entre Vicente Risco e Teixeira de Pascoaes, almas irmás feitas de lirismo e emoción, é crónica íntima, confidencial, que acompaña o exixente e laborioso proceso de definición e implantación do nacionalismo galego.

“Lendo os seus libros –dígollo coa meirande sinxeleza e de corazón, e de verdade- síntome aínda máis galego, ô percibil-a unicidade trascendente da y-alma dos dous pobos do Miño ... (Carta do 10/3/1921).

“Este posicionamento de solidariedade tiña sem dúbida de desencadear reaccións de aproximación, bem patentes no relacionamento Risco-Pascoaes. O propio poeta, as súas cartas e as súas obras aparecen referidos nos manuscritos do escritor ourensano como punto de apoio e alavanca para una luta nacionalista travada alternadamente com ilusão e desesperança.” (cf. Álvarez, E., “Introdução”, in Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolario, A Coruña, ed. do Castro, 1999, p.18). Os estudos Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estraviz transcriben 178 cartas, entre elas as 16 de Vicente Risco a Teixeira de Pascoaes.

Vicente Risco le no Ateneo de Madrid, onde realiza estudos na Escola Superior de Maxisterio entre 1913 e 1916, a publicación *Mercure de France* na que o estudoso lusista Philéas Lebesgue fala das letras portuguesas. É talvez o primeiro contacto do escritor de Ourense co saudosismo, expresado poeticamente por Teixeira de Pascoaes e explicado polo filósofo Leonardo Coimbra.

En resposta epistolar (15/10/1920) ao poeta creacionista Manuel Antonio, o escritor ourensán dille: “Conte que sempre hemos

deprender algo e que debemos estudar eso, aunque cecais nos interese moito mais o estudio do noso Folk-lore, do Saudosismo portugués, dos haikai xaponeses, da mesma Arte Negra, e moi especialmente as literaturas nórdicas antigas e modernas (Celta y Escandinava principalmente). E conte tamén que o que os estranxeiros han estimar máis de nós, ha ser o carauter nacional, o galeguismo, o enxebrismo da nosa arte e da nosa literatura...” (Manuel Antonio, III, 1979: 77).

Un artigo que Risco manda á revista *Atlántida* de Lisboa (números 42-43, 1919) –“A nova Galicia fala a Portugal”-, na que tamén colaboran Cabanillas co poema “Vía crucis” e Castelao co debuxo “A tristeza dos brazos perdidos”, ábrelle a porta das relacións cos intelectuais portugueses.

En comunicación epistolar a Losada Diéguez, no outono de 1919, cóntalle: “Estou moi contento co da *Atlántida*, pares que vai por bó camiño, y-eso é unha das cousas destinadas a nos dar máis forza espiritual porque nos dará sinificación nas avanzadas do pensamento novo ...” (cf. Ventura Ruiz, J.(ed.), *Epistolario de Vicente Risco a Antón Losada Diéguez*, Deputación de Ourense, 2010, p. 40).

“Se sabemos que ao sul do Miño, nas terras que lindan con Tras os Montes, sumerso nas súas cavilacións panteístas, replantexando a cuestión da etnia portuguesa a partir do norde –neste norde entra Galicia- e no seo do atlantismo, se sabemos que vive entre 1887 e 1952 Teixeira de Pascoaes, é coerente, astra util, para o pensamento galeguista, inzado de <<naturismo>>, contactar co devalo saudosista que, ancorado no Porto, representa o grupo <<Renascença portuguesa>>. O seu voceiro é a revista <<Aguia>>, na súa segunda época, reseña obrigada longos anos en A Nosa Terra.”

(Ledo Andión, 1982: 75).

No ano 1917 Vicente Risco comeza a traballar como catedrático de Historia na Escola Normal de Maxisterio de Ourense e incorpórase á Irmandade da Fala da cidade. A súa existencia está a punto de experimentar unha mudanza radical. Os próximos case vinte anos conforman un período de fecunda creatividade, de traballo infatigábel, de compromiso absoluto e xeneroso con Galiza. Non sorprende que lle confese, con certa resignación e pesar, desde o retiro estival de Castro Caldelas, ao seu estimado e admirado amigo portugués: “Mais cada día teño mais traballo, y-en troques de descansar, aínda invento mais cousas que faguer. (...) Meu tempo non é meu.” (Carta do 7/1921).

A colosal capacidade de traballo e o exercicio xeneroso do maxisterio non han de abandonar o líder galeguista até o final da súa existencia.

“Estimeino así, desde os momentos iniciais, como un gran pedagogo, un amigo maior, mestre dos novos na idade máis plástica e decisiva para a saúde do sentimento e da razón.” (cf. Lorenzana, S., “Imaxe apasionada dun maxisterio”, in *Grial*, nº 86, 1984, p. 441).

“Risco foi para min, e para moitos coma min, un guía anovador da intelixencia e da existencia galega.” (cf. Lorenzana, S., *idem*, p. 443).

“Risco revelárasenos como auténtico definidor dunha Galicia que moitos de nós andabamos a soñar.” (cf. Lorenzana, S., *idem*, p. 445).

A presenza de Portugal nas páxinas das revistas literarias – *Alfar* (A Coruña, 1920), *Ronsel* (Lugo, 1924), *Resol* (Santiago de Compostela, 1932), etc.- e dos xornais galegos – *El Noroeste*

(A Coruña), *El Ideal Gallego* (Santiago de Compostela), *La Zarpa* (Ourense), Galicia (Vigo), *El Pueblo Gallego* (Vigo), etc.- é unha realidade que non para de se acrecentar durante anos.

Mais han de ser, sobre todo, dúas publicacións emblemáticas, senlleiras – *A Nosa Terra* e *Nós*- as grandes plataformas de difusión das manifestacións da cultura e da realidade portuguesas. E tres son os intelectuais galegos que máis se implican na empresa: Antón Villar Ponte, Xohán Vicente Viqueira e Vicente Risco.

A Nosa Terra (1907/1908) nace como unha publicación rexionalista, vinculada á asociación Liga Gallega na Cruña, creada en 1897, moi sensíbel ao movemento agrarista liderado por Basilio Álvarez. Anos máis tarde, as Irmandades da Fala resgatan a cabeceira e fan dela o seu boletín oficial (“Boletín decenal. Idearium da Irmandade da Fala en Galicia e nas colonias gallegas d’América e Portugal”). O seu primeiro número data do 14 de novembro de 1916; o último, como “Semanario do Partido Galeguista”, leva o número 421 (17 de xullo de 1936).

“Debemos entender, pois, *A Nosa Terra* como a expresión xenuína do nacionalismo galego do primeiro tercio do século por promover a creación dun bloque social de consenso coa opinión e o programa de acción que lle é proposto pola élite.” (Ledo Andión, 1982: 67).

O primeiro texto que dá conta do incipiente achegamento entre os dous pobos aparece no número 20 (30/5/1917): trátase da crónica intitulada “Galicia e Portugal” que fai referencia a un artigo do escritor Ribeiro Carvalho no que apela á unidade da Iberia e no que subliña a identidade entre Galiza e Portugal (“E com’unha lus que alumea os camiños futuristas do pangaleguismo”). Inaugúrase con esta unha serie de colaboracións que glosan estes dous asuntos.

O concepto de pangaleguismo –termo creado polo escritor portugués Pina de Moraes (Morais)- defínese nun texto de Antón Villar Ponte (“Proposición lida na Asambleia Nazionalista de Lugo”), reproducida no número 77 (6/1/1919) de A Nosa Terra co título de “O camiño dereito” (“Para a Academia de Ciencias de Portugal”):

“ 1º. Galicia ten que considerar a Portugal, pois élo é axiomático, como o baluarte da súa independencia espiritual. (...)”

A liberdade e a independencia de Portugal considerámol-a os galegos como nosa mesma liberdade e independencia, (...)”

2º. Galicia considera o portugués como o galego nazionalizado e modernizado, e así pensa de fondo e trascendente interés familiarizar entre os galegos a gloriosa literatura portuguesa, (...)”

O número 51 (10/4/1918) incorpora a sección “Letras Irmáns” –vai ir aparecendo no boletín de forma esporádica-, que persegue ofrecer aos lectores “unha valiosa antoloxía poética lusitana”. O primeiro texto é o poema “Paisaxe”, de Eduardo Carvalho. En datas posteriores van ser reproducidos diversos textos de Eça de Queiroz: “Un fermoso conto”, “A aia”, “Frai Genebro”, “O suave milagre”, “Os mortos”, “O miñado”, “Misticismo humorístico”, “Irlanda”, etc.

A sección preséntase con variacións na súa denominación: “Novos poetas de Portugal”, “Os poetas máis novos de Portugal”, “Os poetas de Portugal”, “Da cultura irmá”, ... Creacións de Afonso Lopes Vieira, Antonio Sardinha, Novais Teixeira, Jose Joaquim Nunes, Alexandre de Córdova, Carlos Soto de Oliveira, Guerra Junqueiro, Almeida Garret, Augusto Casimiro, etc. son reproducidas na publicación.

Especial significación ten o número 207 (1/12/1924), que referencia a celebración do cuarto centenario de Camões, coa re-

produción das oitavas de Os Lusíadas dedicadas á infortunada Inés de Castro. Con tal motivo, a Real Academia Galega organiza unha festa literaria no teatro Rosalía de Castro da Coruña.

Ao longo dos anos 1921 e 1922, a figura de Teixeira de Pascoaes eclipsa a todos os seus compatriotas nas páxinas de A Nosa Terra. En Galiza hai paixón, mesmo veneración, polo poeta de Amarante, que se converte en personaxe mítica, case sagrada.

Sentimento que experimenta o propio creador luso: “A súa paixón pola Galiza foi una obsesión que ficou plasmada en magníficos versos” (cf.: Alonso Estraviz, palestra “Relações de Teixeira de Pascoaes con escritores e intelectuais”, in Homenagem a Teixeira de Pascoaes no 50 aniversario da súa morte, 2002).

Antón Villar Ponte, que dirixe a publicación nesta altura, asina a recensión da segunda edición de Marânos, con dedicatoria emocionada a Galiza –“Galiza, terra irmá de Portugal / Que o mesmo Oceano abraça longamente; (...)”-, no número 137 (31/3/1921). Na sección “Follas Novas. Libros e Revistas” do número 144 (15/7/1921) aparece a recensión de Cantos indecisos, asinada por A. V. P. [Antón Villar Ponte] e na do número 154 (31/12/1921), a do libro O Bailado, da mesma autoría. A sección “Os nosos grandes Mestres” do número 141 (31/5/1921) está dedicada ao poeta de Amarante, “voz do lirismo”, con unha caricatura do debuxante e grande amigo Álvaro Cebreiro. Na sección “Letras irmáns” vanse ir reproducindo diversos textos da súa autoría: “Canção d’uma sombra” no número 143 (1/7/1921), fragmentos do libro O Bailado no número 159 (15/3/1922) e no número 166 (1/7/1922), “Pensamentos” no número 160 (1/4/1922) e 161 (15/4/1922). A sección “Galicia e Portugal” do número 209 (1/2/1925) recolle o poema “A Rosalía de Castro”. No número 213 (1/6/1925), a sección “Vida literaria” in-

forma da conferencia de Ramón Otero Pedrayo sobre Teixeira de Pascoaes no Ateneo de Ourense.

Vicente Risco é un dos colaboradores máis activos da publicación nacionalista entre os anos 1918 e 1936, apesar das diferenzas ideolóxicas e estratéxicas cos compoñentes da Irmandade da Fala da Coruña, con traballos políticos, literarios, históricos, etnolóxicos, etc. A súa primeira colaboración –“Teoría do nazionalismo galego”- aparece no número 61 (20/7/1918) e a última, no número 404 (7/3/1936), co título de “Saudades de tempos idos” (“En lembranza de Antón Vilar Ponte”). En números precedentes do ano 1935, reproducése un longo ensaio político –“Nazionalismo galego”-, distribuído en dez capítulos.

É tamén un dos que máis contribúen ao coñecemento e difusión das manifestacións da cultura portuguesa: “Nuno Gonçalves i-a Pintura galego-portuguesa do Cuatrocento”

(n° 103 –25/10/1919-, n° 105 –15/11/1919-, n° 109 –1/1/1920-); “Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro” (n° 114 –20/3/1920-); “Letras Portuguesas” (n° 119 –10/5/1920-); “Saudosismo e idealismo” (n° 148 –1/10/1921-); “O hispanismo d’Antonio Sardinha” (n° 212 –1/5/1925). Entre os números 252 (1/9/1928) e 256 (1/1/1929) reproducése o seu longo ensaio literario “Da Galiza renascente” que publicara con anterioridade a revista A Aguiá (Porto). No número 5 desta mesma publicación xa aparecera outra colaboración do propio autor co título “Cultura e Natura”.

O profesor Xohán Vicente Viqueira dedica varios traballos á difusión da cultura portuguesa, con especial atención ao grande filólogo Leonardo Coimbra e á súa obra. Firme defensor da aproximación do galego escrito ao portugués, Viqueira crea no boletín unha sección dedicada ás cuestións lingüísticas.

Colaboracións de estudosos portugueses, reproducións de artigos de xornais do Porto ou Braga, recensións de libros e revistas completan o acervo das letras lusas na publicación.

Hai aínda noticia de eventos ou acontecementos singulares no entusiasta proceso de coñecemento recíproco entre os dous pobos.

No boletín que leva os números 131-132 (5/12/1920) reproducése unha carta do profesor José Cervaens y Rodriguez, membro do Instituto Histórico do Minho (Viana do Castelo), convidando ás Irmandades da Fala para a realización dos primeiros “Jogos Florais Luso-Galaicos”, que se han de celebrar na cidade do Porto (non fica constancia da súa celebración)

O número 147 (15/9/1921) aparece con esta expresiva cuberta: “Jornadas transcendentales: Portugal e Galiza no bon camiño. O primeiro acto de intertroque cultural e artístico entre portugueses e galegos. O ilustre pensador Leonardo Coimbra na Cruña.” Un retrato do filósofo ilustra a información. Un grupo de intelectuais portugueses, presidido polo intelectual do Porto, co poeta Alexandre de Córdova e os artistas João Peralta e Octavio Sergio, acompañados polo Orfeón da cidade lusa, visita A Coruña o día 4 de setembro dese ano, con conferencias e actuacións musicais. Vicente Risco forma parte da comitiva de recepción e acompañamento. Estaba prevista tamén a participación de Teixeira de Pascoaes, que non se materializa.

No número 150 (31/10/1921) do boletín das Irmandades, baixo as epígrafes “Pangaleguismo” e “Portugal e Galiza”, aparece un texto ateigado de gratitude e esperanza, enviado polo poeta de Pascoaes:

“Meus queridos irmãos: Lí na Nosa Terra, com o maior prazer e orgullo, o modo como foran ahí recibidos os Portugueses ¡Sinto

grande alegría, esta alegría sem par da fraternidade cada vez mais íntima entre Galegos e Portugueses! Antevejo o noso grande Futuro atravez as sombras do Presente.

Tambem lhes quero agradecer a todos o imenso carinho con que me tratan. ¡Deus permita que eu seja sempre digno do vosso amor!

A Galiza vive na minha alma. E a sua aspiração. A Galiza é un sonho da nossa infancia doirando a nossa velhice que espera d'esse modo rejuvenecer! O sol, para min, nasce do Marão: quer dizer, das bandas da Galiza.

Vou compor uma carta aos Galegos que será publicada na Aguia, do Porto. Graças á Galiza, pensamos agora en dar nova vida á Renascença Portuguesa. E a Aguia continuará a ser o seu orgão.

Un grande e fraternal abraço para todos os meus irmãos.”

No número 190 (15/8/1923) infórmase da celebración da veldada literaria na honra de Rosalía de Castro en Viana do Castelo, promovida polo Instituto Histórico de Minho, coa participación dos poetas Teixeira de Pascoaes e Noriega Varela.

Dez anos despois, o número 309 (11/9/1933) recolle o noticia do nomeamento de Castelao e Risco como membros da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa.

E no número 356 (9/3/1935) reproducése o programa dunha “Semán cultural galega no Porto” (“Laboura do Seminario de Estudos Galegos”) os días 31 de marzo e 1, 2, 3, 4 e 5 de abril, coa participación, entre outros, de Otero Pedrayo, Vicente Risco, Xoaquín Lorenzo e Filgueira Valverde.

A revista Nós (“Boletín mensual da cultura galega, órgao da sociedade galega de publicaciós <<Nós>>”) -número 1, 30/10/1920 – número 144, Nadal/1935-, dirixida por Vicente Risco, coñece

dúas etapas ben diferenciadas como foro cultural de comunicación de Portugal e Galiza.

Varios autores portugueses figuran na cabeceira como colaboradores: Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Alexandre de Córdova, J. Cervaens Rodrigues, Souza Aguiar, Cunha Barros, Hernani Cidadi, etc.

Para a profesora Aurora Marco Lopes, a liña de pensamento formulada por Nós foi recibida con grande entusiasmo por parte da intelectualidade portuguesa, o que propicia un forte desexo de colaboración.

“Se as relacións culturais entre Galiza e Portugal foram certamente desiguais ao longo da historia após a consolidación da independencia política de Portugal, nas primeiras décadas deste século experimentaram un grande pulo.” (cf. Marco Lopes, “A presenza da Cultura Portuguesa na revista Nós”, in Nós. Revista Internacional Galaicoportuguesa de Cultura, Pontevedra, 1987-1988, p. 79).

Os 18 primeiros números (30/10/1920 – 1/7/1923) poden ser considerados como unha auténtica publicación conxunta galego-portuguesa, materialización dun intenso desexo de irmandade, apesar das grandes dificultades que hai que salvar.

“Non se pode decir a cantidade d'esforzo de todas clases que nos costa sacar o Nós, mais achámonos dispostos a continualo, a milloralo, a faguer d'il o portastandarte da nosa civilización, da Patria espiritual comun galego-portuguesa. Por iso, hemos agradecer vivamente canta axuda se nos preste d'esa parte, e por todol-os meios hemos intensifical-as nosas relacións.” (Carta do 25/4/1922).

Desde o primeiro número faise explícita a vontade de achegamento a Portugal, á súa lingua e ás súas manifestacións culturais.

Após o editorial “Primeiras verbas”, que abre o boletín, reproducese o poema “Fala do sol” de Teixeira de Pascoaes, dedicado “Aos jovens poetas galegos”. E na sección “Os homes, os feitos, as verbas”, a primeira referencia, da autoría de Vicente Risco, leva por título “Teixeira de Pascoaes e Nós”. “Temos a Teixeira de Pascoaes coma cousa núa, e n-as núas internas devociós témol-o moi perto da santa Rosalía e de Pondal, o verbo da lembranza.”(p.18).

No número 2 (30/11/1920), a crónica “Portugal e Galizia” informa dos pasos dados no proceso de recíproco coñecemento entre as dúas colectividades.

No número 3 (30/12/1920) reproducese unha interesante carta de Leonardo Coimbra a Vicente Risco:

“Recebi o primeiro número da revista Nós. Magnífica! O seu artigo é, meu amigo, o mais belo hino á terra e uma perfeita concepção do verdadeiro amor religioso. Ninguém mais do que eu sentirá a verdade e a beleza desse verbo d’amor. (...)

As vossas terras são <<aquelas terras onde ainda não fui...>>, são ja terras da minha Saudade!” (pp.3-4). O filósofo fai referencia ao artigo “O sentimento da terra na raza galega” que aparece no nº 1 da publicación (pp. 4-9).

Na recensión dunha tradución ao castelán da obra poética de Teixeira de Pascoaes que aparece no número 4 (31/1/1921) afirmase: “Nós, por fortuna, non precisamos pra coñecer y-amar ó mestre, de vertel-as suas obras a un idioma difrente do seu, qu’en resumidas contas é o noso.” (p. 18).

No número 5 (24/6/1921), un novo artigo de Vicente Risco saúda con entusiasmo a segunda edición do poema Marânos (1920), do creador de Amarante.

O número 7 (25/10/1921) informa da viaxe a Galiza dun grupo de intelectuais e artistas portugueses: “A embaixada espiritual

de Leonardo Coimbra”; “Leonardo Coimbra e o criacionismo.” Recolle tamén a caricatura do pintor João Peralta, presentado como “axente de Nós en Portugal”, feita por Álvaro Cebreiro. Na sección “Os homes, os feitos, as verbas”, aparecen as recensións dos libros Adoração de Lenardo Coimbra e Cantos indecisos de Teixeira de Pascoaes. E na publicidade, anúncianse diversos libros do poeta de Amarante: Terra prohibida, Arte de ser Portuguez (sic), Sempre, As sombras, Marânos, Cantos indecisos.

No número 14 (1/12/1922) transcríbese o poema “De min”, de Teixeira de Pascoaes, dedicado “aos grandes poetas da Galiza, Cabanillas e Varela. E no número 18 (1/7/1923) dáse conta aínda da conferencia ditada por Teixeira de Pascoaes en Madrid, no mes de maio, crónica xornalística de Luís Cortón do Arroyo: “Don Quixote e a saudade.”

Reprodúcense textos de autores portugueses: Alexandre de Córdova, Hernani Cidade, Souza Aguiar, etc.

Son innúmeras as recensións de libros de escritores lusos: Pereira Cardoso, Orlando Marçal, Pina de Moraes, Leonardo Coimbra, Alfredo Pedro Guisado, M^a da Gloria Teixeira de Vasconcelos, João de Castro, Antonio de Cértima, Antonio Sardinha, Claudio Basto, Raul Brandao, etc.

Outro tanto acontece coas revistas: A Aguiá (Porto), Talabriga (Aveiro), Revista de Guimarães, Revista da Facultade de Letras da Universidade do Porto, Seara Nova (Lisboa), Contemporánea (Lisboa), Porto Académico, Nação Portuguesa (Lisboa), Biblos (Coimbra), etc.

No outono de 1923, Risco escíbelle a Losada Diéguez: “... o Nós, a miña obra mais querida, esmorecendo n-unha longa agunía que nin remata nin tampouco pode sair d’ela ...” (Ventura Ruiz, 2010:169).

Desde o número 20 (15/6/1925), logo dun silencio de máis de dous anos, por problemas económicos mais tamén seguramente políticos –instauración da ditadura de Primo de Rivera en 1923 e da ditadura de Salazar en 1926, con forte represión das liberdades cívicas e control do medios de comunicación-, desaparecen durante anos as colaboracións de autores portugueses. Seguen a aparecer, de maneira esporádica, recensións de libros e revistas e noticias de acontecementos relevantes. Anos despois, reproducense diversos traballos arqueolóxicos e etnolóxicos de autoría portuguesa, así como achegas literarias do profesor Manuel Rodrigues Lapa.

“En gêral, as nosas relacións cos nosos amigos de Portugal están interrompidas. (...)

Os qu'outrora eran amigos da Galiza deben axudar, e deben saber que nos nosos peitos non esmoreceu aquil sentimento que nos movía e que nos levaba a colaboración mais que fraterna. Poderán os tempos non ser chegados, mais non están pasados.

En resume: Nós está eiquí de novo. E está agardando pol-os seus amigos de Portugal: Nós: compre non esquecer qu'iste plural somos todos, das duas bandas da raia ... (Carta do 6/3/1926).

O último traballo de vinculación entre as dúas culturas é “Camões e Pondal”, de Fermín Bouza Brey, que aparece no número 134 (15/2/1935).

En 1934, cando se produce a ruptura no seo do Partido Galeguista, Risco aínda soña co éxito da causa, tal como nos revela a carta que escribe a Francisco Fernández del Riego [Salvador Lorenzana]: “... a galeguización de Galicia ... compre convertir a todol-os galegos ao galeguismo ... Ensinar a todos a coñecer e a amar a Galicia ... Facer nacionalismo. (...)

En suma: compre un novo labor de sementeira, de proselitismo,

de convencimento, de simpatía. (...)

Non se debe descoidar nada do que tenda a criar conciencia galega.”

“Vicente Risco publicou máis de cen traballos, entre ensaios, artigos, comentarios de libros e un grande número de notas sinadas só coas iniciais V. R., ademáis dos que firmou co seudónimo “Speradan Namaquizos”. Ningún outro colaborador o sobrepa-sou nin en volume nin en importancia e pódese decir que a revista Nós está intimamente ligada á personalidade do seu fundador.” (Casares, 1981: 79).

No entanto, en Portugal, a revista Seara Nova (Lisboa, 1921) é un dos medios de comunicación máis sensíbeis ás manifestacións da cultura galega. En 1933, reproducense varios textos de autores galegos: “O pai de Miguelinho” e “Os Nenos”, de Castelao; “Brama o mar”, de Vitoriano Taibo; “A fouce do avô”, de Curros Henriques.

No ano 1934, a publicación promove un concerto en Lisboa con textos de Cantares Gallegos (1863) de Rosalía de Castro. Un ano despois, sae un número monográfico dedicado ás letras galegas, con motivo do centenario do nacemento de Eduardo Pondal , con un estudo sobre o poeta de Ponteceso do profesor Rodrigues Lapa.

A revista ha de acoller diversas colaboracións de escritores galegos: “A Terra”, de Castelao; “Pra a autocrítica d'unha geración”, de Vicente Risco; “Carta en col da língua aos escritores portugueses”, de Álvaro das Casas; “A un mozo galego dende Cornualha”, de Bouza Brey; “Ideia transcendente. O caminho do nacionalismo galego”, de Antón Vilar Ponte; “Esquemas composteláns”, de Otero Pedrayo; fragmento de Grandezas del Reyno de Galicia, de Bernardo de Luaces.

Desde as súas páxinas, Manuel Rodrigues Lapa acomete diversas iniciativas que procuran reforzar os lazos entre as dúas comunidades, establecendo as bases do movemento reintegracionista.

A Guerra Civil e a ditadura franquista afogan o entusiasmo e a esperanza. A comunicación cultural entre galeguistas e intelectuais portugueses fica reducida á correspondencia epistolar e a celebracións ou encontros esporádicos. Comeza unha longa etapa de sufrimento e silencio.

Entre 1936 e 1939, millares de galegos, os máis deles raianos, conseguen refuxiarse en territorio portugués. Algúns van mesmo ás casas de sacerdotes, funcionarios ou membros dos corpos de seguranza, que os acollen ignorando as ordes de Lisboa (o denominado “Pacto Ibérico”, asinado en 1937).

Refuxiados galeguistas e republicanos son hospedados durante días en localidades próximas á raia, antes de poderen embarcar no Porto ou en Lisboa con destino a un país de América.

Despois de tan intensa relación de amizade entre Risco e Teixeira durante anos, chega un longo e enigmático silencio, que non é renuncia nin esquecemento. Desde Cantos indecisos, unha das obras preferidas do artífice de Nós, este non volve recibir máis libros do poeta portugués.

Vicente Risco sente toda a vida devoción por Teixeira de Pascoaes e por Leonardo Coimbra. Considerado como un embaixador cultural de Galiza en Portugal, el é un dos galeguistas que peregrinan ao santuario da poesía, a casa familiar de Pascoaes, a onde ha de acudir en varias ocasións.

O escritor ourensán evoca aquela primeira visita nun emotivo artigo –“Una visita a Teixeira de Pascoaes”- que publica o xornal Informaciones de Madrid en 1952 ou 1953, con motivo da morte

do poeta suadosista:

“Todo escritor español que visitase Portugal –y lo mismo sucedía con franceses, italianos y de otras naciones-, parecía considerar como obligado tributo la peregrinación a Pascoaes.”

Nova evocación de Portugal e do poeta venerado –“Un instante en Portugal”- aparece no mesmo xornal, con motivo da participación de Risco no I Congreso Internacional de Etnografía e Folklore (Braga, 1956).

A revista Vida Gallega (Vigo) publica o artigo do autor ourensán “Experiencias de Portugal” no que lembra aquela primeira visita: “Llegué una noche a Amarante, y estuve dos días en Pascoaes, con el gran Teixeira y sus hermanos”(Risco, 2005:120).

En carta (24/12/1955) ao seu primo Sebastián Martínez Risco, presidente da Real Academia Galega, ao se referir á edición do libro Historia do Diabo que están a preparar en Portugal, manifesta: “En este, tengo que contradecir a Papini, pero con ello tengo ocasión de recordar a Teixeira de Pascoaes.” (cf. Freixeiro Mato, “Vicente Risco en familia: cartas inéditas ao seu curmán Sebastián”, in Vicente Risco. Arredor de Nós, Vigo, ed. A Nosa Terra, 1993, p.109).

“Nao cita Papini, em troca, o grande poeta português Teixeira de Pascoais, que fez de tal concepção o assunto do seu poema Regresso ao Paraíso, terminado em 5 de Abril de 1912.

Reintegração universal e eterno retorno que, em certa medida, podem considerar-se implícitos no pensamento saudosista do seu autor ou, pelo menos, a concordar notavelmente com ele. (...)

Como todos os outros do poeta trasmontano, Regresso ao Paraíso é um poema de Saudade, talvez o poema da Saudade.” (cf. Risco, V., Satanás. História do Diabo, Porto Editora, Porto, s/d, p. 251).

Vicente Risco ten moi presente o xenial poeta de Amarante para voltar a el unha e outra vez.

“Teixeira de Pascoaes ten un capítulo nos Poetas Lusíadas adicado a estes profetas que o pobo –o pobo, que é unha cousa tan grande, cando a vila nono botou de perda- produce a cotío, e que son a voz da Tradición, e cáxeque sempre tamén a anticipación poética do futuro...” (cf. Risco, Vicente, “O profeta”, in Leria, Vigo, Galaxia, 1970, p. 200).

Teixeira de Pascoaes seica non chega a pisar terra galega, apesar da promesa solemne que lle fai a Álvaro Cebreiro en carta do 27/5/1923: “A Galiza é a minha Patria verdadeira, porque só n’ela encontro almas irmas da minha! Um dia, hei de ir a essa Terra Santa em piedosa romagem, hei de ver e abraçar os meus irmãos.” (cf. Álvarez, E. e Alonso Estraviz, I. (ed.), Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolario, ed. do Castro, A Coruña, 1999, p.133).

O poeta da saudade mantén correspondencia epistolar con outros moitos escritores, artistas e intelectuais galegos, cos que establece grande amizade: Noriega Varela, Antón e Ramón Villar Ponte, Iglesia Alvariño, Paz Andrade, Castelao, Cabanillas, Viqueira, Francisco Luis Bernárdez, Xavier Bóveda, Álvaro de las Casas, Ramón Martínez López, Roberto Blanco Torres, etc.

Vicente Risco, líder espiritual e máxima autoridade cultural galega durante case dous decenios, maniféstalle ao escritor Eduardo Blanco Amor en carta do 10/11/1956: “Cando non escribo ós amigos dos millores tempos non é por esquecemento se cadra, é porque houbo tempada en que botaba a vinte cartas diarias, y-escoteime.” (cf.: Espino Domarco, F.: “Correspondencia Risco-Blanco-Amor”, en Boletín Auriense, tm. XIV-XV, Ourense, 1986, p.56).

Membro de varias sociedades e institucións portuguesas, Vicente Risco é agasallado con premios e recoñecementos. Participa e colabora con traballos etnográficos en congresos e encontros científico-culturais que se celebran en terras lusas: “Notas en col do culto do lume na Galiza” (Homenagem a Martins Sarmiento, Guimarães, 1933); “Predestinación, adquisición e transmisión de poderes supranormales na tradición popular galega” (Comunicación ao Congreso Etnográfico de Braga, 1956); “Apuntes sobre a svástica do Minho e o simbolismo dos nós” (Homenagem ao Professor Mendes Correia, 1958); “Algunhas derivacións do culto das pedras en Galicia” (Homenagem a Leite de Vasconcelos, 1958); “Espirales e laberintos” (Comunicación ao Colóquio Etnográfico do Porto, 1958).

Porto Editora publica o sorprendente libro de Vicente Risco, Satanás, História do Diabo (sen data, mais posterior a 1955), con tradución ao portugués de Eduardo Pinheiro e con prefacio de F.C. Pires de Lima. En 1947, fixérase unha misteriosa edición en español –Satanás (Biografía del Diablo)- que apenas se coñece. Sae unha segunda edición en Barcelona (1956), co título Satanás. Biografía del diablo.

A comunicación cultural entre Galiza e Portugal esmorece. Os encontros son moi puntuais e esporádicos.

O día 29 de outubro de 1955, a Real Academia Galega celebra en Braga unha reunión plenaria, da que se fai eco o Diario do Minho (Braga, 30/10/1955): “A Real Academia Gallega que ontem efectuou a sua Assembleia Plenaria em Braga, ocupou-se das relações culturais entre os dois povos.”

En carta do 29/1/1957 a Sebastián Martínez Risco, na que o intelectual ourensán recupera o emprego do galego, interésase polo nomeamento como académico correspondente da RAG do Cón-

sul de Portugal en Ourense, o historiador e arqueólogo José R. Dias Sanches, que fora proposto por el, e maniféstalle: “A Academia sempre levou excelentes relacións con Portugal. Que non quede o caldo raro por unha miga de fariña.” (cf. Freixeiro Mato, idem, p. 110).

Nos últimos decenios do século XX, coa recuperación das liberdades democráticas nos dous países ibéricos, nacen novas iniciativas que perseguen o restabelecemento daquel fecundo diálogo cultural de outrora.

Agália (A Coruña, 1985), Revista da Asociación Galega da Língua –AGAL- fixa na “saudaçom” como finalidade: “Em essência, o fomento da língua galega dentro do marco geográfico e histórico que lhe é natural, sem limitaçoms determinadas por divisons políticas ou administrativas.”

Foro de encontro das dúas culturas, do seu consello asesor forman parte prestixiosos escritores e intelectuais portugueses: Rodrigues Lapa, Pires Laranjeira, Oscar Lopes, Leodegário A. De Azevedo Filho, etc.

A AGAL promove a realización de eventos que favorecen as relacións: Primeiro Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza (Ourense, 1984); Primeiro Encontro de Escritores Luso-Galaicos (Melgaço – Monção, 1985).

As Irmandades da Fala da Galiza e Portugal publican Nós. Revista Internacional Galaicoportuguesa de Cultura. Revista da Lusofonia (Pontevedra, 1986). O seu editorial reza así: “Em Nós, espaço aberto, cabem galegos, portugueses, brasileiros, africanos e até aqueles pequenos povos que ainda se orgulhma em usar a nossa língua comunitaria.”

Tocante á lingua, a escrita de Vicente Risco caracterízase por

unha certa inestabilidade – “Galicia / Galizia / Galiza”-, propia da época, e pola combinación de elementos dialectais do galego ourensán e solucións ortográficas do portugués, que se van acrecentando co paso do tempo.

Este é o seu posicionamento a respecto do debate lingüístico que se tiña suscitado naquela altura:

“... un dos argumentos, que é un argumento bastante vulgar ... é que o galego dos escritores de agora é aportuguesado. Non negarei que o aportuguesamento ten os seus defensores; un d’iles é o poeta Victoriano Taibo (...) tampouco negarei que no lexico empregado pol-os modernos escritores galegos, haxa muitas verbas que pertezcan ô portugués culto. E non vai esto pasar, si galego e portugués son a mesma língoa! (...) Esas verbas que os nosos detrautores coidan soilo portuguesas, son tamén galegas...” (cf. Risco, V., “Da renacencia galega (A evolución do galego e os seus críticos)”, in A Nosa Terra, nº 233, 1/2/1927).

Na transcripción das cartas, respéctase rigorosamente o texto orixinal, como non podería ser doutra maneira, sen alterar nin regularizar a súa ortografía.

A comunicación epistolar entre escritores e intelectuais ten longa tradición no repertorio editorial do mundo anglosaxón e do francófono. A calidade e o interese desta correspondencia son altos, dada a condición, o universo existencial e a capacidade expresiva dos autores.

Hai reciprocidade de sentimentos, emocións, entre os que sobresaen a admiración, o respecto, a estima, a honestidade e a lealdade. As cartas non só trazan as traxectorias vitais e a evolución das creacións propias senón tamén a vida intelectual e os debates do momento.

Unha carta é como un diálogo na distancia. A mesma creación

verbal que leva a imaxe do autor elabora o retrato imaxinario do receptor. As palabras funcionan como fotos, trasladan a representación da realidade.

As cartas entre Risco e Teixeira son valiosos documentos que iluminan os cantos das súas almas creativas e delicadas e que axudan a interpretar as claves profundas dun tempo extraordinario de entusiasmo e fantasía, da “cobiza do lonxe”.

Amigo da vida, Ramón Otero Pedrayo, ao se cumprir o cabodano do pasamento do mestre e intelectual ourensán, manifesta nunha conferencia: “Foi a alma do grupo galeguista e traballou activamente na revista Nós e no Seminario de Estudos Galegos. Con eles abeirou a tarefa de reunir aos membros esparexidos da antiga patria: Galicia e o Norte de Portugal.”

Saúde e Terra!

BIBLIOGRAFÍA

- AA. VV. (2004), O Cambedo da Raia. Solidariedade galego-portuguesa silenciada, Ourense, ed. Asociación de Amigos da República.
- A Nosa Terra (1988), A Coruña, ed. Edman (edición facsimilar).
- ALONSO ESTRAVIZ, Isaac (2002), “Relações e Teixeira de Pascoaes com escritores e intelectuais”, palestra en Homenagem a Teixeira de Pascoaes no 50 aniversario da sua morte, Portal Galego da Lingua.
- ÁLVAREZ, Eloísa/ ALONSO ESTRAVIZ, Isaac ed.(1999), Os intelectuais galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolario, A Coruña, ed. do Castro.
- CASARES, Carlos (1981), Vicente Risco, Vigo, Galaxia.
- ESPINO DOMARCO, Francisco (19), “Correspondencia Risco-Blanco Amor”, in Boletín Auriense, tm.XIV-XV, Ourense, 1986.
- FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón (1993), “Vicente Risco en familia: cartas inéditas ao seu curmán Sebastián”, en Vicente Risco. Arredor de Nós, Vigo, ed. A Nosa Terra.
- LEDO ANDIÓN, Margarita (1982), Prensa e galeguismo, A Coruña, ed. do Castro.
- LORENZANA, Salvador (1984), “Imaxe apasionada dun maxisterio”, en Grial, nº 86, Vigo, Galaxia.
- MANUEL ANTONIO (1979), Obra completa III. Correspondencia, Vigo, Galaxia.
- MARCO LOPES, Aurora (1987-88), “A presenza da cultura portuguesa na revista Nós”, en Nós. Revista internacional Galaicoportuguesa de Cultura, Pontevedra.
- MURGUÍA, Manuel (1976), “Discurso nos Xogos Frorais de Tui”, in Prosa Galega I, Vigo, Universidade de Santiago, Galaxia.
- Nós. Boletín mensual da cultura galega, órgano da sociedade “Nós” (1979), Vigo, Galaxia (edición facsimilar).
- PASCOAES, Teixeira de (1990), Marânus, Lisboa, Assírio&Alvim.
- PONDAL, Eduardo (1975), Queixumes dos pinos e outros poemas, Vigo, Castrelos.
- RISCO, Vicente (s/d), Satanás. História do Diabo, Porto, Porto Editora.
- RISCO, Vicente (2005), Últimas páginas sobre Galicia. Artículos olvidados en Vida Gallega, 1919-1962, Vigo/Santiago, Galaxia/Alvarellos.

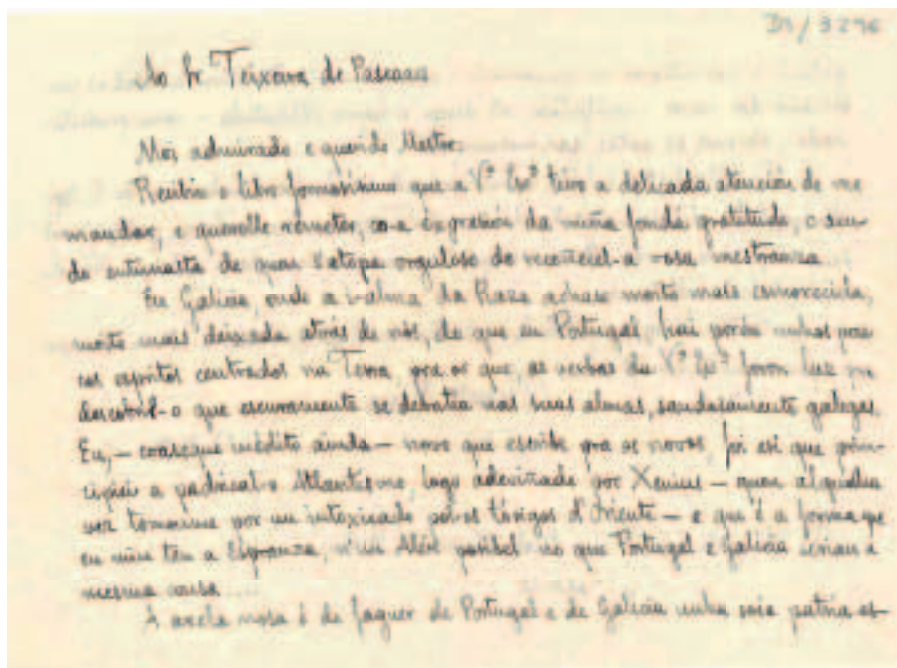
RISCO, Vicente (1970), Leria, Vigo, Galaxia.

RISCO, Vicente (1994), Teoría do nacionalismo galego, en Obras Completas 4, Vigo, Xunta de Galicia / Galaxia.

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1984), “A correspondencia de Vicente Risco con Teixeira de Pascoaes”, en Grial, nº 86, Vigo, Galaxia.

VENTURA RUIZ, Joaquim, ed. (2010), Epistolario de Vicente Risco a Antón Losada Diéguez, Ourense, Deputación Provincial.

Correspondencia de Vicente Risco a Teixeira de Pascoaes



Ao Sr. Teixeira de Pascoas¹

Moi admirado e querido Mestre:

Recibín o libro formosísimo que a V^a Ex^a tivo a delicada atención de me mandar, e querolle remeter, co-a expresión da miña fonda gratitude, o saúdo entusiasta de quen s'atopa orguloso de recoñecel-a vosa mestranza.

En Galicia, onde a i-alma da Raza achase moito mais esmorecida, moito mais deixada atrás de nós, do que en Portugal, hai porén unhas poucas espíritos centrados na Terra, pra os que, as verbas da V^a Ex^a foron luz pra descubril-o que escuramente se debatía nas suas almas, saudosamente galegas. Eu, -coaseque inédito aínda- novo que escribe pra os novos, foi así que principiei a padrical-o Atlantismo, logo adeviñado por Xenius² -quen algunha vez tomoume por un intoxicado pol-os tósigos d'Oriente- e que é a forma que en min ten a Espranza, n'un Alén posíbel no que Portugal e Galicia serían a mesma cousa ...

A arela nosa é de faguer de Portugal e de Galicia unha soa

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3296, casa de Pascoas (Amarante), 2 páxinas.

2 Alcume ou sobrenome do escritor e filósofo Eugenio d'Ors (Barcelona, 1882 - Vilanova i la Geltrú, 1954), a quen Risco considera mestre do xornalismo.

3 Revista Atlantida ("Mensário artístico literário e social para Portugal e Brazil"), editada en Lisboa entre 1915 e 1920.

patria, e nos integros no pensamento e no sentimento atlántico. En todas as pu-
 blicacións dos novos maniféstase este desexo, e agora Atlántida³ - nome predesti-
 nado - abrenos as portas garimosamente.
 O Atlantismo é fillo, pouco medrado aínda, do Saudosismo de O Espí-
 ritu Lusitano. Estase imprimendo a miña Teoría do Nacionalismo galego, homi-
 lde ensayo, onde quixen esbozar o que hoxe pensa a mocidade galaica. Non dirá á V^a Ex^a nada novo.
 Reciba Señor, a gratitude i-o testemoio d'admiración e cariño de que s'ofrece respetosamente seu
 Vicente Risco
 3-II-920
 S/C Plaza do Ferro 6 (ou Escola Normal de Mestres)
 Ourense

patria espiritual, a nos integrar no pensamento e no sentimento
 atlántico. En todas as publicacións dos novos maniféstase este des-
 exo, e agora Atlántida³ - nome predestinado- abrenos as portas
 garimosamente.

O Atlantismo é fillo, pouco medrado aínda, do Saudosis-
 mo de O Espíritu Lusitano. Estase imprimendo a miña Teoría
 do Nacionalismo galego, homilde ensayo, onde quixen esbozar o
 que hoxe pensa a mocidade galaica. Non dirá á V^a Ex^a nada novo.

Reciba Señor, a gratitude i-o testemoio d'admiración e ca-
 riño do que s'ofrece respetosamente seu

Vicente Risco

3-II-920

S/C Plaza do Ferro 6 (ou Escola Normal de Mestres) . Ourense

D3/3297

Moi admirado e querido confrade:

Non respondi antes d'agora á sua gratísima carta do 30 Marzo, por acharme doente, deitado no leito, ond'estiven un mes inteiro. Perdóeme, porén.

Moito agradezo as suas palabras, tan alentadoras pra min. Pudera eu chegar a penetrar ben o seu pensamento, até a sua maior fondura!

Non estrañe a vivísima simpatía, a sinxela e fonda admiración con que eu, e mais outros das novas xeneracións galegas, acollomos e recibimos as suas ideas. É que, como lle dicia fai pouco ô xa noso común amigo Phileas Lebesgue, V^a Ex^a descubriu na Saudade, o sentido da espiritualidade galega, a tonalidade da nosa i-alma, mais irmá, mais a mesma coa i-alma lusiada, canto mais s'afonda na sua comprensión. Os seus escritos veñen deitar luz no noso mundo interior, ô nos presentar craro e nítido en todo o seu alcance infinito, o sentimento que latexaba vaga, mais fortemente nas naturezas galegas de mais pura sensibilidade, como a nosa chorada e santa Rosalía.

E tamén a Saudade a que alonga en lonxiquas

Moi admirado e querido confrade:¹

Non respondín antes d'agora á sua gratísima carta do 30 de Marzo, por acharme doente, deitado no leito, ond'estiven un mes inteiro. Perdóeme, porén.

Moito agradezo as suas palabras, tan alentadoras pra min. Pudera eu chegar a penetrar ben o seu pensamento, até a sua maior fondura!

Non estrañe a vivísima simpatía, a sinxela e fonda admiración con que eu, e mais outros das novas xeneracións galegas, acollomos e recibimos as suas ideas. É que, como lle dicia fai pouco ô xa noso común amigo Phileas Lebesgue, V^a Ex^a descubriu na Saudade, o sentido da espiritualidade galega, a tonalidade da nosa i-alma, mais irmá, mais a mesma coa i-alma lusiada, canto mais s'afonda na sua comprensión. Os seus escritos veñen deitar luz no noso mundo interior, ô nos presentar craro e nítido en todo o seu alcance infinito, o sentimento que latexaba vaga, mais fortemente nas naturezas galegas de mais pura sensibilidade, como a nosa chorada e santa Rosalía.

É tamén a Saudade a que alonga en lonxiquas²

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3297, casa de Pascoaes (Amarante), 4 páxinas.

2 No orixinal, "lonxiquas", por erro ou lapso.

perspectivas d'un Alén de Lembranza, as visióis poéticas do noso grande Eduardo Pondal, que levado da saudade chega, afondando na memoria da raza, a situar a sua i-alma nas orixes prehistóricas da Grei, a vivir coas entidades míticas qu'inician a nosa historia...

Pra que vexa que lle falo con toda a sinceridade, con toda a sinxeleza, pode ver na Nosa Terra a moi notábel conferencia do Profesor Johan Viqueira na mesma Exposición de Castelao, i-atopará n'ela a idea da Saudade, confirmada nas vosas doutrinas.

Moi agradecido tamén á atención que lle merece A Nosa Terra, i-o seu desexo de ser asinante do noso boletín. Obediente á sua indicación, dígolle: a assinatura custa ô ano, 8 pesetas, fora de Hespaña. O enderezo é "Irmandade da Fala, Plaza de María Pita, 17, baixo, Coruña."

Mais agora, quero facerlle algunhas prevencións encamiñadas a obter da Vª Exª disculpa pra algunhas cousas qu'atopará no noso boletín. Non preciso disculpalo diante da sua xenerosidade, de ser unha publicación homilde, tanto no aspecto material como no mesmo intelectual. E n'él millor sempre a intención do que son os feitos. Mais non é isto ô que m'eu quería referir: é á sua estridencia. Nasceu A Nosa Terra coma unha publicación de combate. O noso movemento nacionalista, secuencia histórica do primitivo rexionalismo de Vicetto, Murguía, Brañas, Pondal e

perspectivas d'un Alén de Lembranza, as visióis poéticas do noso grande Eduardo Pondal, que levado da saudade chega, afondando na memoria da raza, a situar a sua i-alma nas orixes prehistóricas da Grei, a vivir coas entidades míticas qu'inician a nosa historia ...

Pra que vexa que lle falo con toda a sinceridade, con toda a sinxeleza, pode ver na Nosa Terra a moi notábel conferencia do Profesor Johan Viqueira na mesma Exposición de Castelao, i-atopará n'ela a idea da Saudade, confirmada nas vosas doutrinas.

Moi agradecido tamén á atención que lle merece A Nosa Terra, i-o seu desexo de ser asinante do noso boletín. Obediente á sua indicación, dígolle: a assinatura custa ô ano, 8 pesetas, fora de Hespaña. O enderezo é "Irmandade da Fala, Plaza de María Pita, 17, baixo, Coruña."

Mais agora, quero facerlle algunhas prevencións encamiñadas a obter da Vª Exª disculpa pra algunhas cousas qu'atopará no noso boletín. Non preciso disculpalo diante da sua xenerosidade, de ser unha publicación homilde, tanto no aspecto material como no mesmo intelectual. E n'él millor sempre a intención do que son os feitos. Mais non é isto ô que m'eu quería referir: é á sua estridencia. Nasceu A Nosa Terra coma unha publicación de combate. O noso movemento nacionalista, secuencia histórica do primitivo rexionalismo de Vicetto, Murguía, Brañas, Pondal e

uas, Poudal e demais Precursores e devanceiros nosos, non pode deixar de ser un movemento de rebeldía contra do imperialismo castelán, que persigue de morte total-as nosas características nacionais, especialmente a lingua; que sostén o caciquismo conculcador dos dereitos de cidadanía dos galegos; que nos apoupa coa nota mala de separatistas polo delito de defendel-o noso Ten, pois, como o nacionalismo catalán, como o nacionalismo vasco un ben posto aspecto político. Estes movementos nacionalistas que son os únicos latexos de vitalidade da dormiñanta e devecida Hespaña á que, despois de todo somos nos os unecos que pretendemos erguer e despertar — son oxeto d'unha fonda xenreira nos círculos madrileños, como Madrid, a descerebración i-a desvitalización da Hespaña, confeso que é oxeto de xenreira tamén pra nós ...

Eiquí mesmo, dentro da Terra, temos os nacionalistas ceais os mais sañudos nemigos: todol-os que teñen algo qu'agardar des que mandan, e mais os quixeran haberen sido os primeiros en erguel-a bandeira e sel-os Xefes do movemento.

Cousas pequenas todas, mais que compre dicir pra esprical-as estridencias, as xenreiras, as agresividades que tantas veces, nas páxinas de A Nosa Terra, pudera parecer que rebaixaban a elevación con que s'espresan os outos ideaes que nos moven esencialmente ós nacionalistas, todos xente moza, e todos, pódo decirllo moi alto: dignos de ser chamados os bós e xenerosos.

demais Precursores e devanceiros nosos, non pode deixar de ser un movemento de rebeldía contra do imperialismo castelán, que persigue de morte total-as nosas características nacionais, especialmente a lingua; que sostén o caciquismo conculcador dos dereitos de cidadanía dos galegos; que nos apoupa coa nota mala de separatistas polo delito de defendel-o noso ... Ten, pois, como o nacionalismo catalán, como o nacionalismo vasco, un ben posto aspecto político. Estes movementos nacionalistas que son os únicos latexos de vitalidade da dormiñanta e devecida Hespaña á que, despois de todo somos nos os unecos que pretendemos erguer e despertar — son oxeto d'unha fonda xenreira nos círculos madrileños, como Madrid, a descerebración i-a desvitalización da Hespaña, confeso que é oxeto de xenreira tamén pra nós ...

Eiquí mesmo, dentro da Terra, temos os nacionalistas ceais os mais sañudos nemigos: todol-os que teñen algo qu'agardar dos que mandan, e mais os quixeran, haberen sido os primeiros en erguel-a bandeira e sel-os Xefes do movemento.

Cousas pequenas todas, mais que compre dicir pra esprical-as estridencias, as xenreiras, as agresividades que tantas veces, nas páxinas de A Nosa Terra, pudera parecer que rebaixaban a elevación con que s'espresan os outos ideaes que nos moven esencialmente ós nacionalistas, todos xente moza, e todos, pódo decirllo moi alto: dignos de ser chamados os bós e xenerosos.

Gracias tamén polas palabras con que alenta a miña es-
 pranza no porvir da nosa raza, dos nosos dous pobos irmaus.
 Palabras ben precisas pra m'erguer das hesitacións en que
 o estado presente do mundo m'afunde nos instantes de fonda
 saudade, de lembranza triste, en que desespranzado,
 sinto estarmos sen nos decatarse ben coma deberiamos, no
 sólo do Apocalipse....

Deus nos conceda a redención, nos deixe formar an-
 tre os futuros humanos redentores do mundo, pro futuro
 Reinado de Mil Anos, que será o reinado da nosa
 civilización atlántica....

En verdade, non sei que librería galega lle debo re-
 comendar. Provisoriamente, por iste orde:

Librería e Imprenta de Tetilla, Vigo.
 E. Carré, Riego de Agua, 16, Coruña.
 Librería Pui, Coruña.
 Id Angel Porto, Santiago.

Nada mais, e reciba o testemoio da grande admi-
 ración e fondo afecto de seu confrade e amigo que o
 abraza de toda cordialidade

Vicente Risco

Ourense 26 Abril 1920

Gracias también polas palabras con que alenta a miña esperanza no
 porvir da nosa raza, dos nosos dous pobos irmaus. Palabras ben
 precisas pra m'erguer das hesitacións en que o estado presente do
 mundo m'afunde nos instantes de fonda saudade, de lembranza
 triste, en que desespranzado, sinto estarmos sen nos decatarse ben
 coma deberiamos, no sólo do Apocalipse ...

Deus nos conceda a redención, nos deixe formar entre os
 futuros humanos redentores do mundo, pro futuro Reinado de
 Mil Anos, que será o reinado da nosa civilización atlántica ...
 En verdade, non sei que librería galega lle debo recomendar. Pro-
 visoriamente, por iste orde:

Librería e Imprenta de Tetilla, Vigo.

E. Carré, Riego de Agua, 16, Coruña.

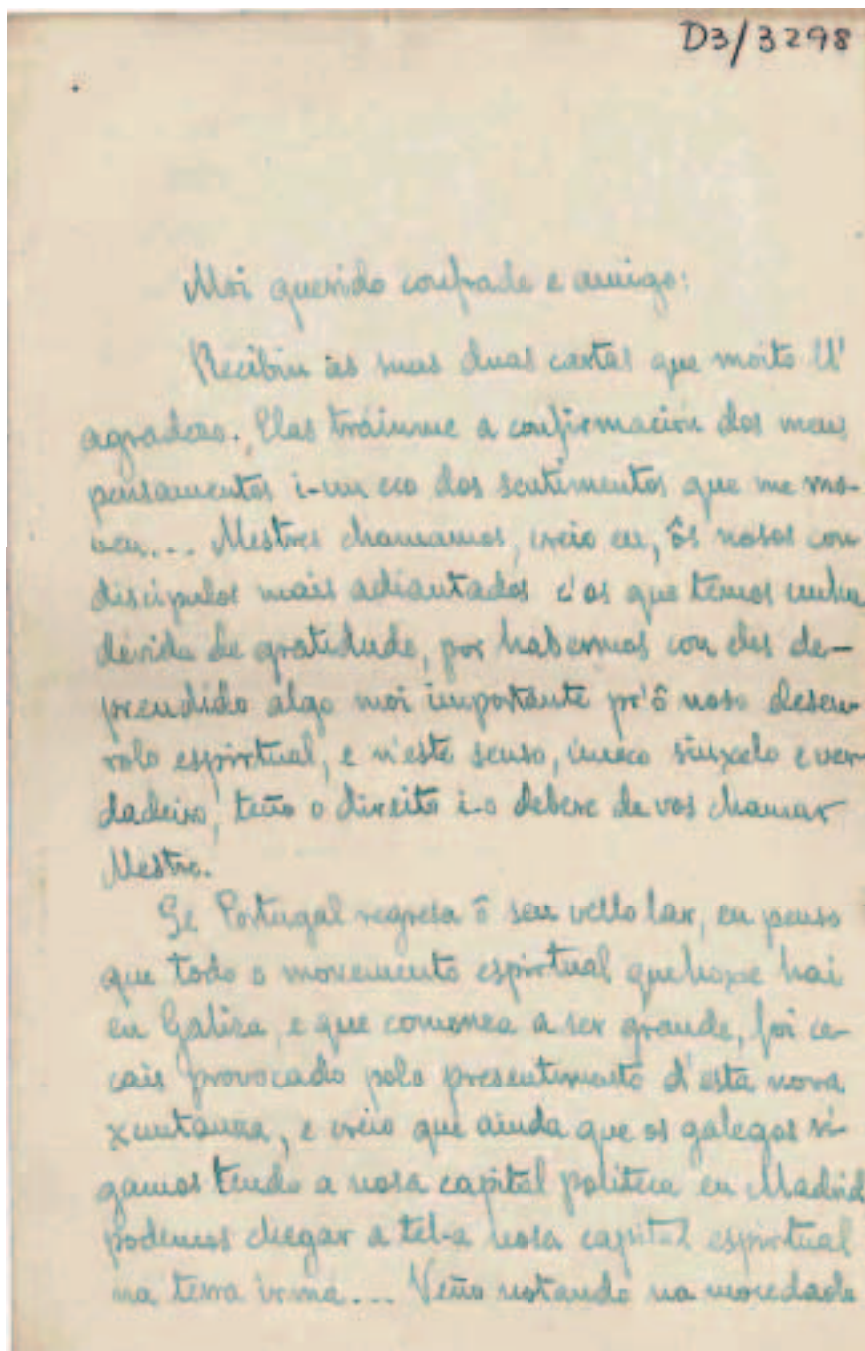
Librería Pui, Coruña.

Id Angel Porto, Santiago.

Nada mais, e reciba o testemoio da grande admiración e
 fondo afecto de seu confrade e amigo que o abraza de toda cor-
 dialidade

Ourense 26 Abril 1920

Vicente Risco



Moi querido confrade e amigo:

Recibín as duas cartas que moito l' agradezo. Elas tráinme a confirmación dos meus pensamentos i-un eco dos sentimentos que me moven... Mestres chamamos, creio eu, ôs nosos condiscípulos mais adiantados c'os que temos unha dévida de gratitude, por habermos con eles deprendido algo moi importante pr'ô noso desenrolo espiritual, e n'este senso, úneco sinxelo e verdadeiro, teño o dereito i-o debere de vos chamar Mestre.

Se Portugal regresa ô seu vello lar, eu penso que todo o movemento espiritual que hoxe hai en Galiza, e que comenza a ser grande, foi ceais provocado polo presentimento d'esta nova xuntanza, e creio que aínda que os galegos sigamos tendo a nosa capital política en Madrid, podemos chegar a tel-a nosa capital espiritual na terra irmá... Veño notando na mocidade

Moi querido confrade e amigo:¹

Recibín as suas duas cartas que moito l' agradezo. Elas tráinme a confirmación dos meus pensamentos i-un eco dos sentimentos que me moven ... Mestres chamamos, creio eu, ôs nosos condiscípulos mais adiantados c'os que temos unha dévida de gratitude, por habermos con eles deprendido algo moi importante pr'ô noso desenrolo espiritual, e n'este senso, úneco sinxelo e verdadeiro, teño o dereito i-o debere de vos chamar Mestre.

Se Portugal regresa ô seu vello lar, eu penso que todo o movemento espiritual que hoxe hai en Galiza, e que comenza a ser grande, foi ceais provocado polo presentimento d'esta nova xuntanza, e creio que aínda que os galegos sigamos tendo a nosa capital política en Madrid, podemos chegar a tel-a nosa capital espiritual na terra irmá ... Veño notando na mocidade

¹ Carta manuscrita autógrafa, D3/3298, casa de Pascoaes (Amarante), 4 páxinas.

portuguesa algo coma un cansancio ou ceais un
arrepentimento do imperialismo portugues d'ou-
trora, unha volta â terra co mesmo estado d'alma
co que tomou o fillo pródigo — eí foi esa heroica
metade da nosa raza, pródigo do seu sangue, pró-
diga do seu esforzo e do seu xenio en longas ter-
ras do Oriente e do Occidente... El non será
o millor iste retorno, pra tomar pulo pra unha
nova alancada? Non sei... Eu estrévome moi-
tas veces a agardalo, cando a Espranza me fai
futurista. Enton penso un novo imperialismo luso-
galaico, celta do Sur, espiritual esta vez, espal-
lando a nosa lingua e mais a nosa cultura por
todas as terras colonizadas pol-os fillos de Portu-
gal e de Galiza, facendo ver âs xentes o mundo
d'un xeito novo: na Saudade creadora.

Outras veces é a Lembranza a dominar o meu
espírito. Estes dias atrás, ô meditar n'esa autitude
de da mocidade portuguesa, viume ô miolo unha
luz pr'espical-o noso fondo sentimento da Terra
— tan dominante en toda a obra de Rosalía — e
sacar d'el até un xeito de ética nova, un pouco

portuguesa algo coma un cansancio ou ceais un arrepentimento do imperialismo portugues d'outrora, unha volta â terra co mesmo estado d'alma co que tomou o fillo pródigo — eí foi esa heroica metade da nosa raza, pródigo do seu sangue, pródigo do seu esforzo e do seu xenio en longas terras do Oriente e do Occidente ... Él non será o millor iste retorno pra tomar pulo pra unha nova alancada? Non sei ... Eu estrévome moitas veces a agardalo, cando a Espranza me fai futurista. Enton penso un novo imperialismo luso-galaico, celta do Sur, espiritual esta vez, espallando a nosa lingua e mais a nosa cultura por total-as terras colonizadas pol-os fillos de Portugal e de Galiza, facendo ver âs xentes o mundo d'un xeito novo: na Saudade creadora.

Outras veces é a Lembranza a dominar a meu espírito. Estes dias atrás, ô meditar n'esa autitude da mocidade portuguesa, viume ô miolo unha luz pr'espical-o noso fondo sentimento da Terra — tan dominante en toda a obra de Rosalía — e sacar d'el até un xeito de ética nova, un pouco

despreciadora do eterno delirio de grandezas que
esté levando sempre os homes a levantar novas
Torres de Babel, todas destinadas a s' esboralla-
ren decote no chao, enterrando no seu cascote a
soberbia dos que as ergueran ...

A reintegración do home á Terra, depois que os
escosos d' unha civilización artificial o tiñan por moi-
to tempo desarraigado i-aredado d'ela ... Unha
volta á Natureza ... O mesmo acontecemento non
non sería un sintoma? Farto estivemos sen escoital-
ta a voz do sangue que hoxe nos chama os ús
os outros ... O pobo d' Israel volve á Terra prometida
i-as tendas das doce tribus volven a ser armadas
unhas a caron das outras. Seriamos nós os Es-
dras, os Nehemias, os Zorobabel d' esta restaura-
ción? ... Outra vez a Espranza i-a Lembranza
entretécidas unha na outra, insoparables no seu
doble movemento com'a serpente d' Hermes

Ten V^a Ex^a total-as obras de Rosalía?
Quéreas se non as ten? Penso que nós, os naciona-
listas galegos non somos mais que glosadores
d'ela, a nosa Santiña doce e luminosa. Esa vosa romaxe,
cando será? Canto quixera servirle de

despreciadora do eterno delirio de grandezas que está levando sempre os homes a levantar novas Torres de Babel, todas destinadas a s' esborallaren decote no chao, enterrando no seu cascote a soberbia dos que as ergueron ...

A reintegración do home á Terra, depois que os escosos d' unha civilización artificial o tiñan por moito tempo desarraigado i-aredado d'ela ... Unha volta á Natureza² ... O mesmo acontecemento noso non sería un sintoma? Farto estivemos sen escoital-a voz do sangue que hoxe nos chama os ús os outros ... O pobo d' Israel volve á Terra prometida i-as tendas das doce tribus volven a ser armadas unhas a caron das outras. Seriamos nós os Esdras, os Nehemias, os Zorobabel d' esta restauración? ... Outra vez a Espranza i-a Lembranza entretécidas unha na outra, insoparables no seu dobre movemento com'a serpente d' Hermes³.

Ten V^a Ex^a total-as obras de Rosalía? Quéreas se non as ten? Penso que nós, os nacionalistas galegos non somos mais que glosadores d'ela, a nosa Santiña doce e luminosa. Esa vosa romaxe, cando será? Canto quixera servirle de

2 Esta idea de Risco, en sintonía coas culturas e relixións orientais e que é o cerne do seu ensaio "O sentimento da terra na raza galega" (Nós, nº 1, 30/10/1920), prelude os modernos movementos ecoloxistas que, perante a crecente ameaza da mudanza climática, postulan unha existencia en harmonía co medio.

3 O caduceo ou báculo de Hermes (Mercurio), deus mensaxeiro, símbolo da paz e do comercio, consiste nunha vara con dúas serpes dispostas en espirais ascendentes, simétricas e opostas.

guía, pola miña devoción, senon polo meu coñecimen-
 to da Terra ô culto da que teño consagrada a vida
 inteira.

Voulle pedir permiso pra publicar en A Nosa
 Terra – que supoño recibirá ben, sen falla – al-
 gúis párrafos das meas cartas, pra dar alento
 ós meus irmaus d'eiquí.

Da promesa que me fai dos seus libros non
 lle quero decir a ledicia que me dá, e o contento
 con que agardo a súa chegada. Cuasementes,
 estou relendo o Sempre (3ª ed.) de que un meu
 amigo anda decote recitando poemas.

Reciba un forte abrazo de seu amigo agrade-
 cido e fraternal

Vicente Risco

Ourense
 1º San Xoan (Juño) 1920

guía, pola miña devoción, senon polo coñecimento da Terra ô
 culto da que teño consagrada a vida inteira.

Voulle pedir permiso pra publicar en A Nosa Terra –que
 supoño recibirá ben, sen falla – algú párrafos das suas cartas, pra
 dar alento ós meus irmaus d'eiquí.

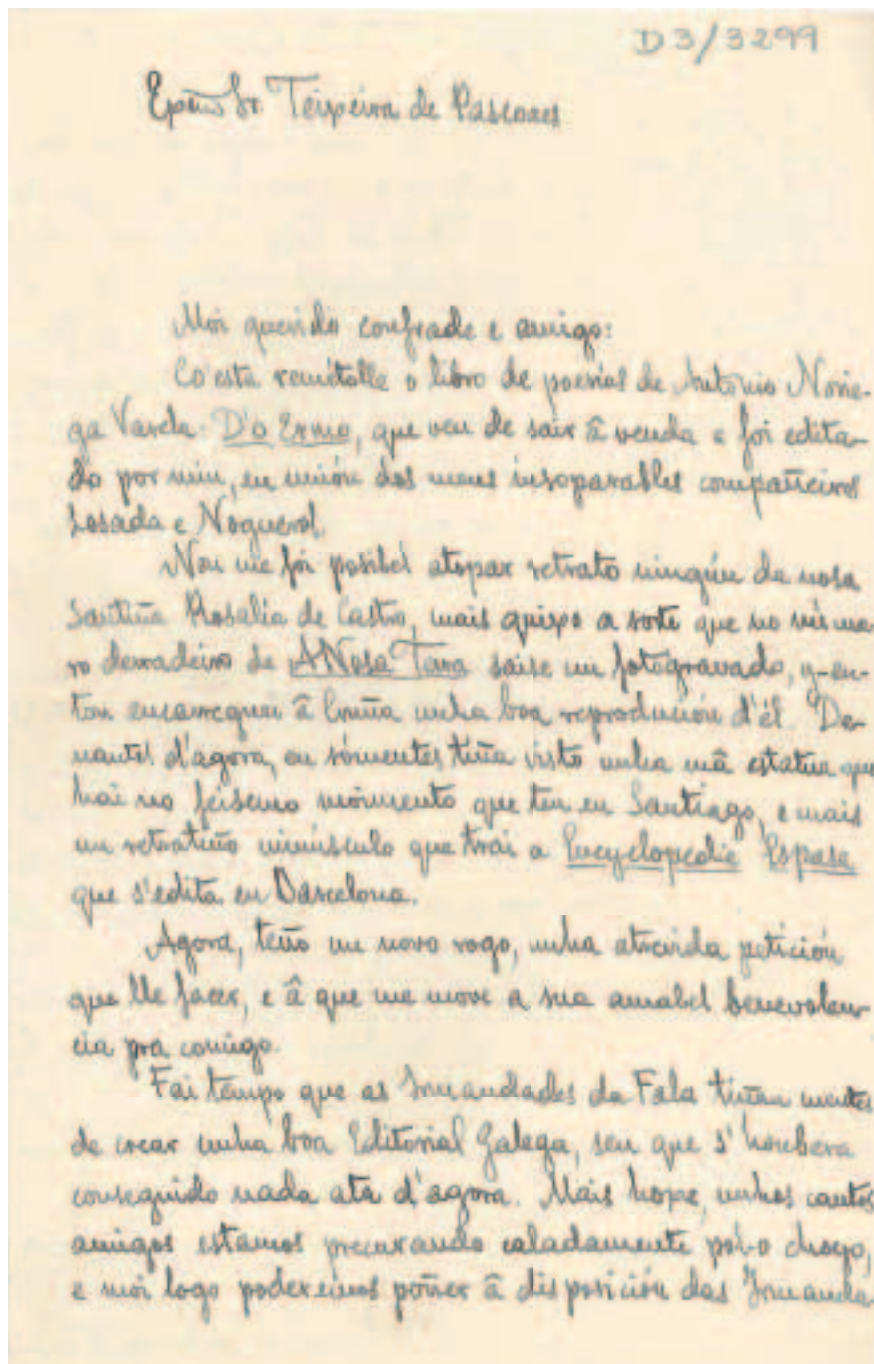
Da promesa que me fai dos seus libros non lle quero decir
 a ledicia que me dá, e o contento con que agardo a súa chegada.
 Cuasementes, estou relendo o Sempre (3ª ed.) de que un meu
 amigo anda decote recitando poemas.

Reciba un forte abrazo de seu amigo agradecido e frater-
 nal

Vicente Risco

Ourense

1º de San Xoan (Juño) 1920



Exmo. Sr. Teixeira de Pascoaes¹

Moi querido confrade e amigo:

Co' esta remétolle o libro de poesías de Antonio Noriega Varela: D'o Ermo, que ven de sair á venda e foi editado por min, en unión dos meus insoparables compañeiros Losada e Noguerol.

Non me foi posible atopar retrato ningún da nosa Santiña Rosalía de Castro, mais quixo a sorte que no número derradeiro de A Nosa Terra saise un fotogravado², y-entón encarguei á Cruña unha boa reprodución d'él. Denantes d'agora, eu sómentes tiña visto unha mâ estatua que hai no feisemo moimento que ten en Santiago, e mais un retrato minúsculo que trai a Encyclopedia Espasa qu'edita en Barcelona.

Agora, teño un novo rogo, unha atrevida petición que lle facer, e â que me move a sua amabel benevolencia pra comigo.

Fai tempo que as Irmandades da Fala tiñan mentes de crear unha boa Editorial Galega, sen que s'houbera conseguido nada ata d'agora. Mais hoxe, unhos cantos amigos estamos procurando caladamente pol-o choyo, e moi logo poderemos poñer â disposición das Irmandades e mais de cantos escriban na nosa

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3299, casa de Pascoaes (Amarante), 2 páxinas.

2 No número 124 (25/7/1920), con motivo do aniversario da morte da poetisa, reproducícese tamén o poema "Na catedral" de Follas Novas e uns versos de "Castellanos de Castilla" e de "A Gaita Gallega" de Cantares Gallegos.

des e mais de castos escriban na nosa lingua a ansiada
 Editorial, e ademais d'isto, unha nova revista, órgano de
 Sociedade, e que levará o título de NÓS. Formarán no
 corpo de redacción o gran dibuxante Castela, o poeta Ca-
 banillas e varios elementos das Irmandades e de fóra.
 O arquitecto Palacios, o exministro Leonardo Rodríguez,
 o Bispo de Tuy, o profesor Viqueira, colaborarán n'ela.
 Publicárase en Ourense e dirixíranme pr'a dirección.

Pois ben: eu quixera que no primeiro número, que sairá
 pra 1º de Setembro, o seu nome honrase as páxinas
 da nosa revista; quixera que me dera licenza pra in-
 cluíla entre os colaboradores de NÓS. ... Sen perxucio do
 que me di que conta mandar á Nosa Terra, calquer con-
 ta inédita, característica do seu pensamento, unhas liñas
 viventes, siñadas da sua man, sería cousa que, xa non
 digo eu pois que Vª Exª coñece os meus sentimentos, mais
 todos os meus compañeiros n'esta empresa agradecerían coma
 non pode maxinar.

Pr'abusar d'iste modo da sua amabilidade, invoco
 a atitude xenerosa en que se coloca cara a nós, e tan ob-
 sequiosamente pra comigo.

Reciba un grande abrazo de seu sempre recoñecido
 amigo

Vicente Risco

Ourense 30 de mes de Santiago 1920

lingoa a ansiada Editorial, e ademais d'esto, unha nova revista,
 órgano de sociedade, e que levará o título de NÓS. Formarán no
 corpo de redacción o gran dibuxante Castela, o poeta Cabani-
 llas e varios elementos das Irmandades e de fóra. O arquitecto
 Palacios, o exministro Leonardo Rodríguez, o Bispo de Tuy³, o
 profesor Viqueira, colaborarán n'ela. Publicárase en Ourense e
 designáronme pr'a dirección.

Pois ben: eu quixera que no primeiro número, que sairá
 pra 1º de Setembro, o seu nome honrase as páxinas da nosa re-
 vista; quixera que me dera licenza pra incluílo entre os colaboradores
 de Nós ... Sen perxucio do que me di que conta mandar á Nosa
 Terra, calquer cousa inédita, característica do seu pensamento,
 unhas liñas sómentes, siñadas da sua man, sería cousa que, xa non
 digo eu pois que Vª Exª coñece os meus sentimentos, mais to-
 dos os meus compañeiros n'esta empresa agradecerían coma non
 pode maxinar.

Pr'abusar d'iste xeito da sua amabilidade, invoco a atitude
 xenerosa en que se coloca cara a nós, e tan obsequiosamente pra
 comigo.

Reciba un grande abrazo de seu sempre recoñecido amigo

Ourense, 30 do mes de Santiago de 1920

Vicente Risco

3 Manuel Lago González (Tui, 1865 – Santiago de Compostela, 1925), bispo de Tui e arcebispo de Santiago, participa nos Xogos Florais de 1891 co discurso "Gabanza da lingua galega", é autor de poesías en galego e en español.

D3/3300

Moi querido confrade e amigo:

Pirmeiro de nada, débolle acusar recibo e espresarlle a miña gratitude e a dos meus amigos, da belísima poesía que tivo a ben de nos enviar pr'â nosa revista, e pol-a súa xentil dedicatoria a unha mocidade da que, os millares reconecen con entusiasmo a súa mestranza que os guía polo camiño mesmo que levou a nosa Santa Rosalía. Gracias en nome d'iles e no meu. A revista xa está perto de ser entregada ás caixas e logo ha sair, se Deus quer.

Eu estiven de viaxe, e por iso lle non teño escrito. En Mondariz, celebrouse solenemente a recepción do noso gran poeta Ramon Cabanillas na Real Academia Galega. Cabanillas, que viña de leer Os Poetas Lusíadas, fixo un fermoso discurso sobre A Saudade nos Poetas galegos. Respondeulle o poeta Eladio Rodríguez, director do diario da Cruña El Noroeste e presidiu y-entregoulle a medalla académica o Marqués

Moi querido confrade e amigo:¹

Pirmeiro de nada, débolle acusar recibo e espresarlle a miña gratitude e a dos meus amigos, da belísima poesía² que tivo a ben de nos enviar pr'â nosa revista, e pol-a súa xentil dedicatoria a unha mocidade da que, os millares reconecen con entusiasmo a súa mestranza que os guía polo camiño mesmo que levou a nosa Santa Rosalía. Gracias en nome d'iles e no meu. A revista xa está perto de ser entregada ás caixas e logo ha sair, se Deus quer.

Eu estiven de viaxe, por iso lle non teño escrito. En Mondariz, celebrouse solenemente a recepción do noso gran poeta Ramon Cabanillas na Real Academia Galega. Cabanillas, que viña de leer Os Poetas Lusíadas, fixo un fermoso discurso sobre A Saudade nos Poetas galegos. Respondeulle o poeta Eladio Rodríguez, director do diario da Cruña El Noroeste e presidiu y-entregoulle a medalla académica o Marqués

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3300, casa de Pascoaes (Amarante), 2 páxinas.

2 "Fala do sol", que aparece no número 1 da revista Nós.

de Figueroa. Despois, axuntados algúis íntimos do poeta, tivemos a idea de vos dirixir un saúdo, pra facer chegar ô mestre e amigo admirado, a nosa ledicia na consagración do que chamamos o Poeta da Raza.

Cabanillas vos mandará logo o seu discurso. Houbera querido mandarlle os seus libros, mais tres que publicou, hachanse de todo esgotados. Contamos reimprantalos logo.

Reciba unha outra vez a expresión da meirande gratitude de seu devoto admirador e amigo que o abraza

Vicente Risco

Ourense 4 Sepbro 1920

de Figueroa. Despois, axuntados algúis íntimos do poeta, tivemos a idea de vos dirixir un saúdo, pra facer chegar ô mestre e amigo admirado, a nosa ledicia na consagración do que chamamos o Poeta da Raza.

Cabanillas vos mandará logo o seu discurso. Houbera querido mandarlle os seus libros, mais tres que publicou, hachanse de todo esgotados. Contamos reimprantalos logo.

Reciba unha outra vez a expresión da meirande gratitude de seu devoto admirador e amigo que o abraza

Vicente Risco

Ourense 4 Sepbro 1920

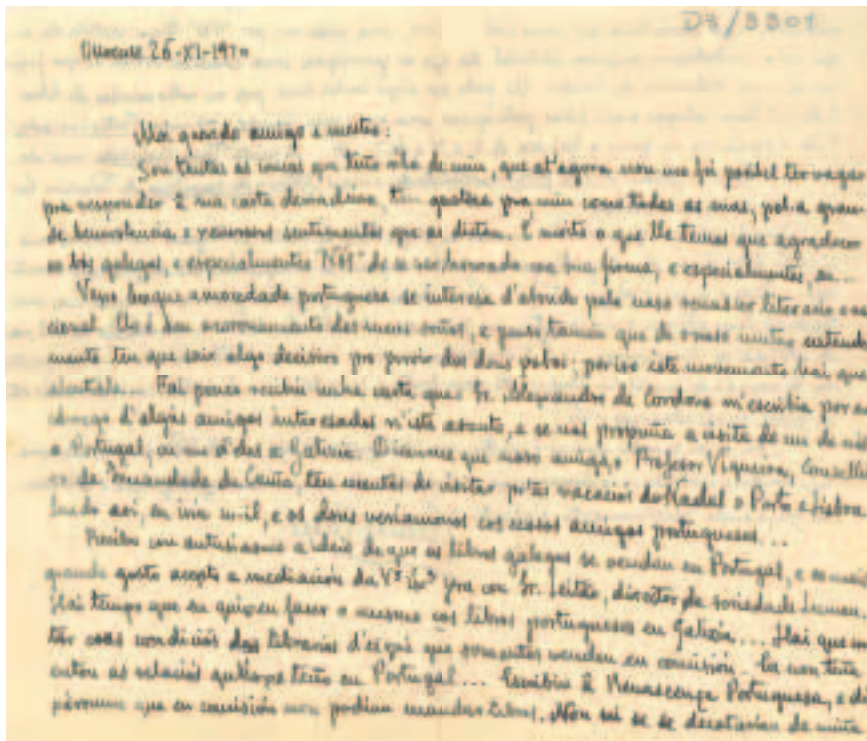
Ourense 26-XI-1920¹

Moi querido amigo e mestre:

Son tantas as cousas que teño riba de min, que at'agora non me foi posibel ter vagar pra responder â sua carta derradeira, tan gustosa pra min como todas as suas, pol-a grande benevolencia e xenerosos sentimentos que as dictan. É moito o que lle temos que agradecer os bós galegos, e especialmente "Nós" de se ver honrado coa sua firma, e especialmente, eu ...

Vexo ben que a mocidade portuguesa se interesa d'abondo polo noso renacer literario e nacional. Elo é ben o coronamento dos meus soños, e penso tamén que de o noso mutuo entendemento ten que sair algo decisivo pro porvir dos dous pobos; por iso iste movemento hai que alentalo ... Fai pouco recibín unha carta que Sr. Alexandre de Cordova m'escribia por encârrago d'algús amigos interesados n'iste asunto, e se nos propuña a visita de un de nós a Portugal, ou un d'eles a Galizia. Dícenme que noso amigo, o Profesor Viqueira, Conselleiro da Irmandade da Cruña, ten mentes de visitar pr'âs vacaciós do Nadal o Porto e Lisboa. Sendo así, eu iría co-il, e os dous veríamonos cos nosos amigos portugueses ...

Recibo con antusiasmo a ideia de que os libros galegos se vendan en Portugal, e co mais grande gosto accepto a mediación da V^a Ex^a pra con Sr. Leitao, director da sociedade Lumen. Hai tempo que eu quixen facer o mesmo cos libros portugueses en Galizia ... Hai que contar coas condicións das librarías d'eiquí que somentes venden en comisió. Eu non tiña enton as relacións qu'hoxe teño en Portugal ... Escríbin â Renascença Portuguesa, e dixerónme que en comisió non podían mandar libros. Non sei



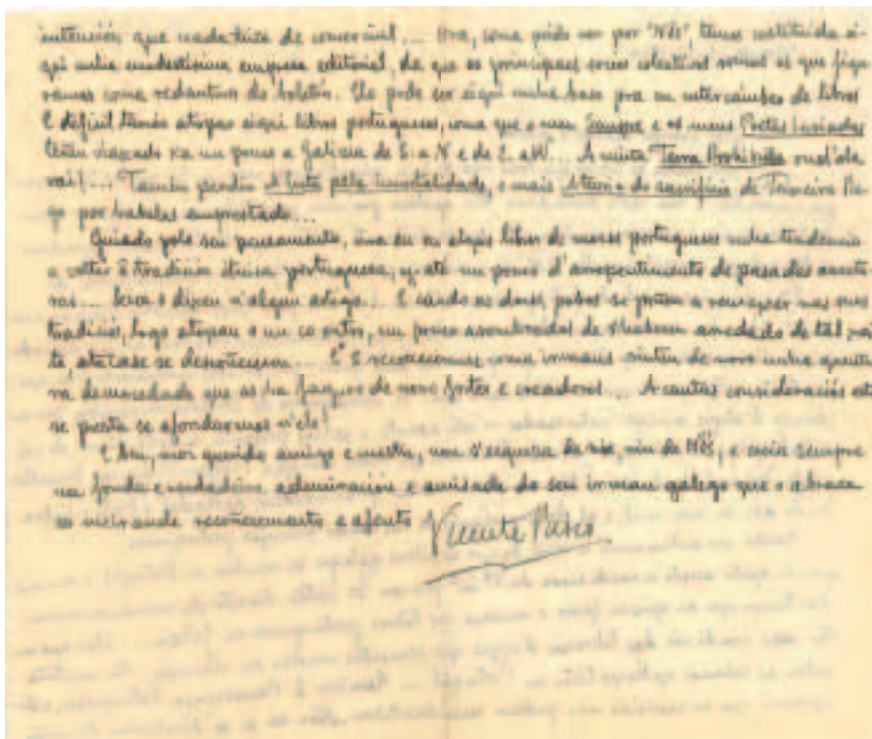
¹ Carta manuscrita autógrafa, D3/3301, casa de Pascoaes (Amarante), 2 páxinas.

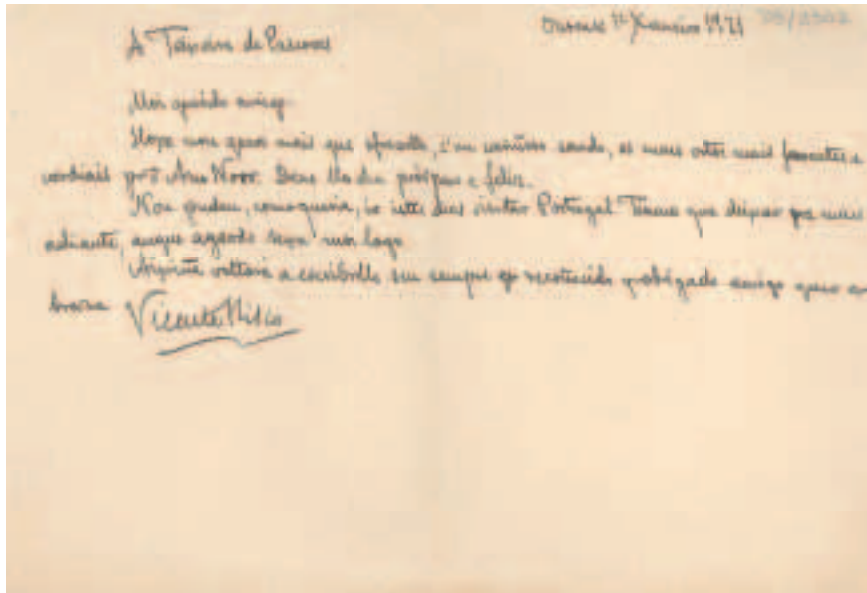
se se decatarián da miña intención que nada tiña de comercial ... Ora, como poide ver por “Nós”, temos constituida eiquí unha modestísima empresa editorial, da que os principais socios colectivos somos os que figuramos coma redactores do boletín. Elo pode ser eiquí unha base pra un intercámbeo de libros. E didícil tamén atopar eiquí libros portugueses, coma que o meu Sempre e os meus Poetas Lusíadas teñen viaxado xa un pouco a Galizia de S. a N. e de E. A W. A miña Terra Prohibida ond’ela vai! ... Tamén perdín A luta pela imortalidade, e mais A teoría do sacrificio de Teixeira Rego por habelas emprestado ...

Guiado polo seu pensamento, vira eu en algúns libros de mozos portugueses unha tendencia a voltar â tradición étnica portuguesa, y-até un pouco d’arrepentimento de pasadas aventuras ... Seica o dixeran n’algún artigo ... E cando os dous pobos se poñen a remexer nas suas tradições, logo atopan o un co outro, un pouco asombrados de s’haberen arredado de tal xeito, ata case se descoñeceren ... e ô recoñecerense como irmaus sinten de novo unha quentura de mocidade que os ha faguer de novo fortes e creadores ... A cantas consideraciós esto se presta se afondarmos n’elo!

E ben, moi querido amigo e mestre, non s’esqueza de nós, nin de NÓS, e creia sempre na fonda e verdadeira admiración e amizade do seu irmau galego que o abraza co meirande recoñecemento e afeuto

Vicente Risco





Ourense 1º Xaneiro 1921

A Teixeira de Pascoes¹

Moi querido amigo:

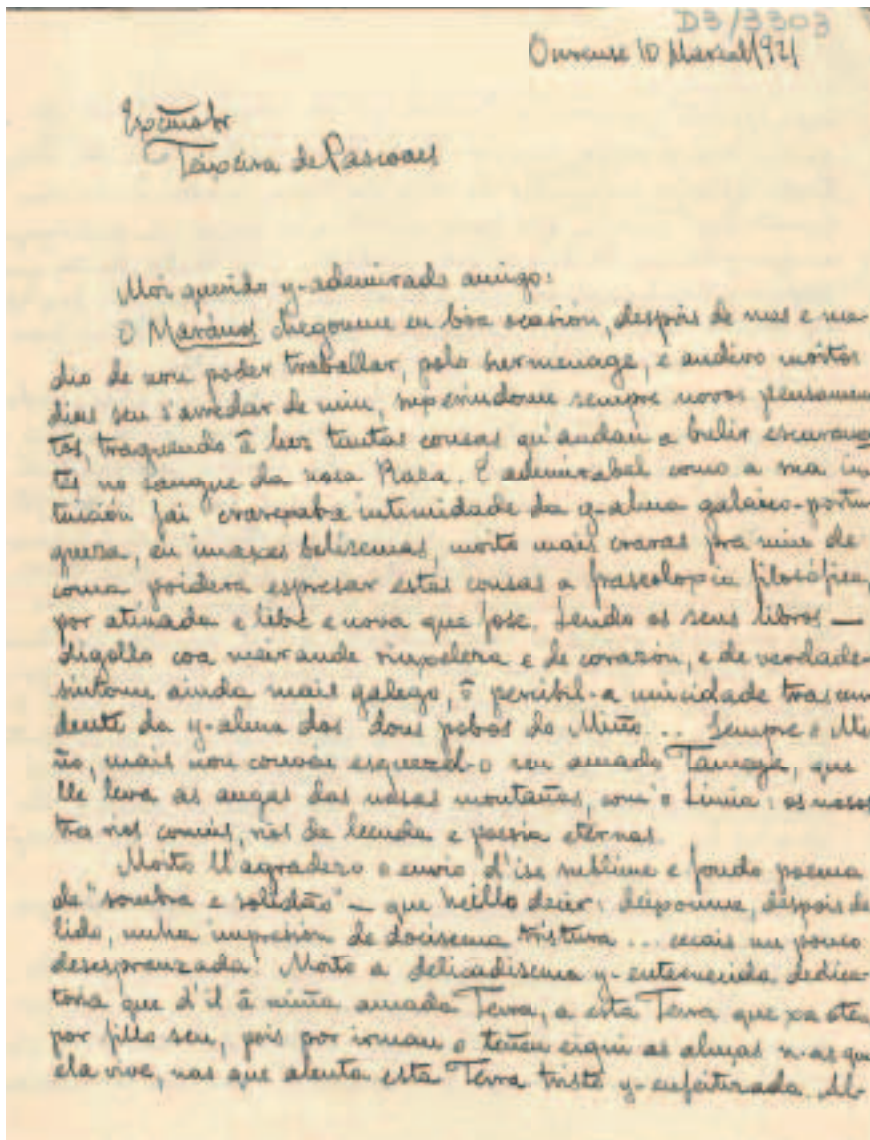
Hoxe non quero mais que ofrecerte, c'un cariñoso saúdo, os meus votos mais ferventes e cordiais pr'ô Ano Novo. Deus llo dea próspero e feliz.

Non puden, como quería, ir estes dias visitar Portugal. Tiven que deixar pra mais adiante, anque agardo sexa moi logo.

Aixiña voltará a escribirlle seu sempre reconecido y-obrigado amigo que o abraza.

Vicente Risco

¹ Carta manuscrita autógrafa, D3/3302, casa de Pascoaes (Amarante), 1 páxina.



Ourense 10 Marzal 1921¹

Exmo. Sr.

Teixeira de Pacoas

Moi querido y-admirado amigo:

O Marános chegoume en bóa ocasión, despois de mes e medio de non poder traballar, polo surmenage², e andivo moitos días sen s'arredar de min, suxeríndome sempre novos pensamentos, traguendo á luz tantas cousas qu'andan a bulir escuramente no sangue da nosa Raza. É admirabel como a súa intuición fai crarexal-a intimidade da y-alma galaico-portuguesa, en imaxes belísimas, moito mais craras pra min de coma poidera espresar estas cousas a fraseoloxía filosófica, por atinada e libre e nova que fose. Lendo os seus libros —dígollos coa meirande sinxeleza e de corazón, e de verdade— sintome aínda mais galego, ô percibil-a unicidade trascendente da y-alma dos dous pobos do Miño ... Sempre o Miño, mais non convén esquecer o seu amado Tamega, que lle leva as augas das nosas montañas, com'o Limia: os nosos tres rios comús, rios de leenda e poesía eternas.

Moito ll'agradezo o envío d'ise seu sublime e fondo poema de "sombra e solidao" —que heillo decir: deixoume, despois de lido, unha impresión de docísema tristura ... mais un pouco desespranzada. Moito a delicadísema y-enternecida dedicatória que d'il á miña amada Terra, a esta Terra que xa o ten por fillo seu, pois por irmau o teñen eiquí as almas n-as que ela vive, nas que alenta esta Terra triste y-enfeitizada.

¹ Carta manuscrita autógrafa, D3/3303, casa de Pascoas (Amarante), 3 páxinas.

² Galicismo, co significado de "esgotamento intelectual", substituído hoxe polo anglicismo "estrés".

mas que teño que decir con tristura que son poucas ... Se me di
 qu'elí hai só corpos, que non diría ô ver dentro e fora da Terra,
 tantos galegos esquecidos do soño da Terra, xordos â vos cramante
 da Terra — que parés qu'está a se layar na paisaxe — que pide que lle dean a
 súa verdade. Pra tantos, tantos que deixaron naufragal-
 as suas almas na frivolidade, en boa hora tocará Cabanillas a cam-
 paña de San Patricio³. Teñen orellas e non ouven. Y-hainos que
 se chaman poetas ...

Tocantes ô que me di da venda dos seus libros en Galiza, coido
 que o envialos directamente sería moi traballoso. Eu hoxe teño
 d'abondo quen m'axude nos rapaces da Moceda Galeguista d'
 Ourense, de xeito que o millor, coido eu que é que me mande pol-
 o pronto, 100 eixempres de Marános pra tantearmos o merca-
 do, y-eu encárgome de distribuilos antre a Cruña, Vigo, Ponte-
 vedra y-Ourense primeiro, e logo a Santiago e Lugo. N-os
 tres primeiros puntos, os representantes de Nós axudarán tamén.

Se fixeran falla mais dos 100, eu diríallo. É millor ir
 pouquiñe pouco pra non imovilizalos. Eiquí os libeiros, salvo li-
 bros escolares ou de testo, non collen libros mais que en depósito.
 Nós, cos que publicamos (Do Ermo, a Teoría do Nacionalismo
galego, O Diputado por Veiramar etc) cobramos de comisión do
 25 ó 30 %. En todo caso, direille o que iles digan. Eu encárgo-
 me tamén da propaganda.

Agardo, pois, os 100 eixempres de Marános, esperando
 que de parecerlle ben, queira faguerme ise honor.

De poderme arranxar pr'enton, e tamén un amigo que ten
 mentes de m'acompañar, eu visitaría Portugal, inda que por
 poucos días no mes d'Abril que ven, despois da Asamblea xene-
 ral das Irmandades, que pra comenzos d'ise mes teremos en

Almas que teño que decir con tristura que son poucas ... Se me di
 qu'elí hai só corpos, que non diría ô ver dentro e fora da Terra,
 tantos galegos esquecidos do soño da Terra, xordos â vos cramante
 da Terra — que parés qu'está a se layar na paisaxe — que pide que
 lle dean a súa verdade. Pra tantos, tantos que deixaron naufragal-
 as suas almas na frivolidade, en boa hora tocará Cabanillas a cam-
 paña de San Patricio³. Teñen orellas e non ouven. Y-hainos que
 se chaman poetas ...

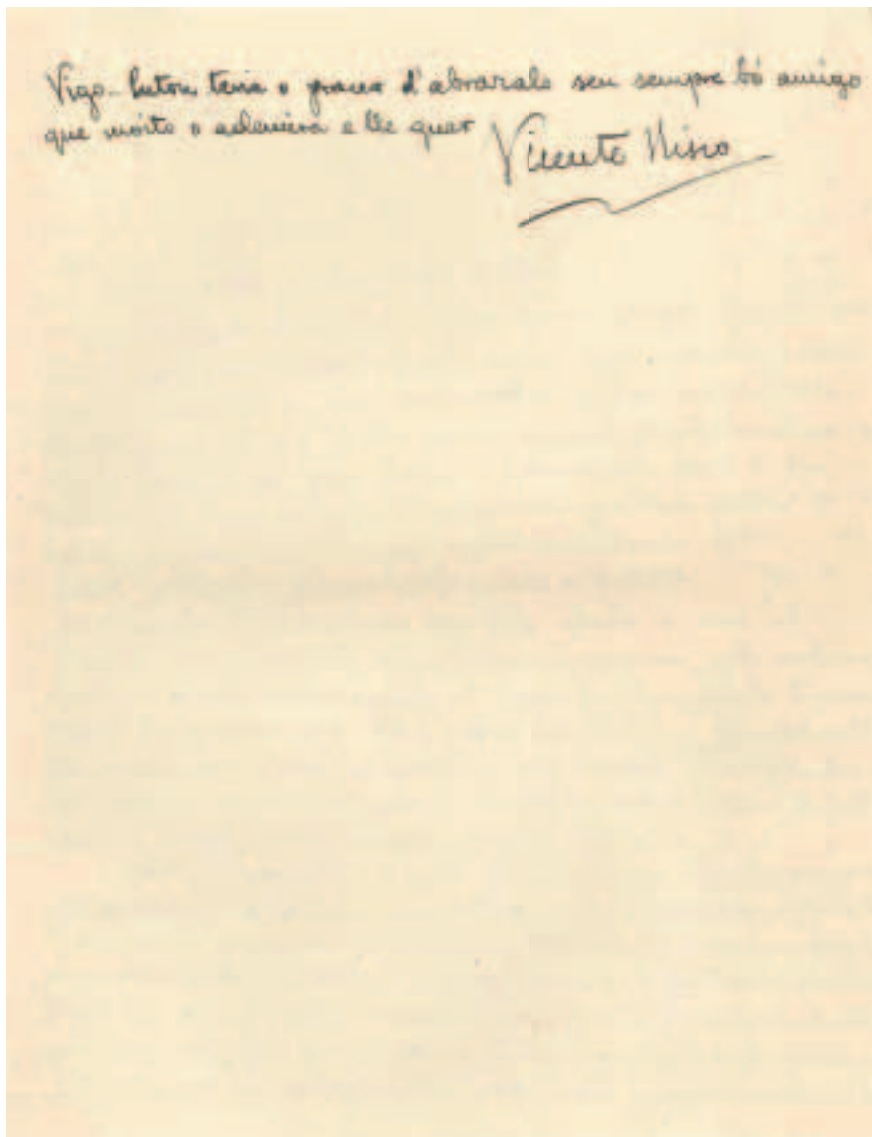
Tocantes ô que me di da venda dos seus libros en Galiza,
 coido que o envialos directamente sería moi traballoso. Eu hoxe
 teño d'abondo quen m'axude nos rapaces da Moceda Galeguista
 d'Ourense⁴, de xeito que o millor, coido eu que é que me man-
 de pol-o pronto, 100 eixempres de Marános pra tantearmol-
 o mercado, y-eu encárgome de distribuilos antre a Cruña, Vigo,
 Pontevedra y-Ourense primeiro, e logo a Santiago e Lugo. N-os
 tres primeiros puntos, os representantes de Nos axudarán tamén.

Se fixeran falla mais dos 100, eu diríallo. É millor ir
 pouquiñe pouco pra non imovilizalos. Eiquí os libeiros, salvo li-
 bros escolares ou de testo, non collen libros mais que en depósito.
 Nós, cos que publicamos (Do Ermo, a Teoría do Nacionalismo
galego, O Diputado por Veiramar, etc.) cobramos de comisión
 do 25 ó 30 %. En todo caso, direille o que iles digan. Eu encárgo-
 me tamén da propaganda.

Agardo, pois, os 100 eixempres do Marános, esperando
 que de parecerlle ben, queira faguerme ise honor.

De poderme arranxar pr'enton, e tamén un amigo que
 ten mentes de m'acompañar, eu visitaría Portugal, inda que por
 poucos días no mes d'Abril que ven, despois da Asamblea xene-
 ral das Irmandades, que pra comenzos d'ise mes teremos en

³ San Patricio é o evanxelizador de Irlanda. A tradición lendaria atribúelle a xesta, de claro simbolismo relixioso, de ter liberado a illa de serpes, que se van afogar ao mar ao escoitar o son dunha campaña.



Vigo. Enton tería o pracer d'abrazalo seu sempre bó amigo que moito o ademira e lle quer

Vicente Risco

26 – Abril – 1921¹

Exmo. Sr.

Teixeira de Pascoaes

Moi querido amigo e mestre:

Tiven todo iste tempo moito que faguer coa orgaización e realización da terceira Asembleira nazionalista, que me deu moito traballo, e por iso lle non escribín enantes.

As direciós son: Johan V. Viqueira, Catedrático do Instituto, Coruña –Castelao non sei o seu paradeiro. Estará en Paris ou en Zurich². Mais podello mandar pra cando volte a Pontevedra

Oliva, non sei o número –Antonio Noriega Varela, Mestre nacional, Barbantes, Trasalva (Ourense) –Pode mandar tamén a Gonzalo Lopez Abente, abogado, Mugía (Coruña), e Anton Villar Ponte, Coruña.

Non recibín os 100 eixempreses prâ venda. Non deixe de mandalos, que hai moita xente que me ten preguntado.

Teño prenos poderes da Asambleira das Irmandades pra m'entender cos nosos amigos de Portugal para total-as cuestiós que nos intresen. Se a saúde do meu pai m'ó permitir, o meu viaxe seria pra maio ou Xuño. Desgraciadamente, teño arestora moi mal d'unha doenza aínda por diagnosticar.

En canto teña un pouco vagar, heille d'escribir sobre de todo esto.

Recibín As Sombras e estou lendo con delicia.

Non podoo hoxe mais. Sempre obrigadísemo âs suas atencións y-amabel amizade, envíalle un grande abrazo seu sempre admirador e verdadeiro amigo

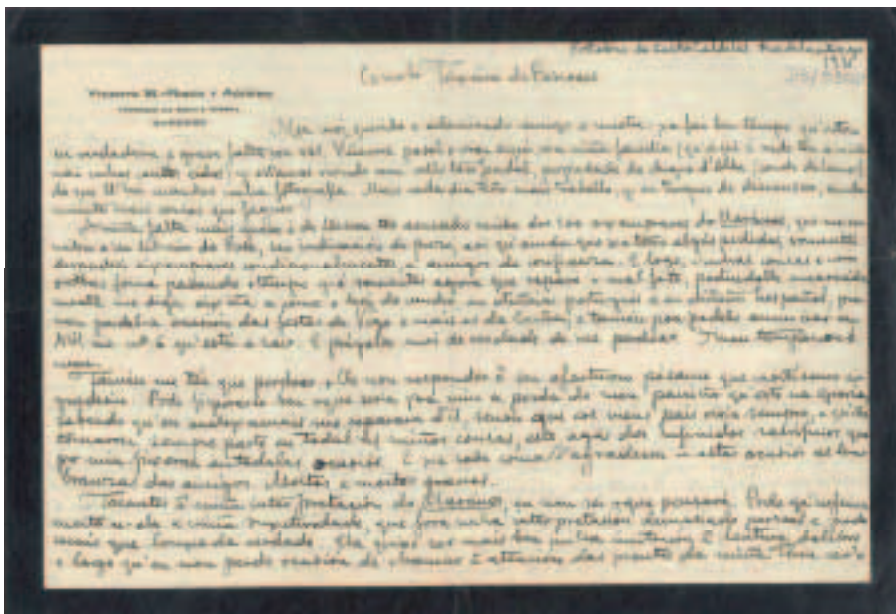
Vicente Risco



1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3304, casa de Pascoaes (Amarante), 1 páxina.

2 Durante boa parte do ano 1921, Castelao realiza unha viaxe de estudos por Franza, Bélxica e Alemaña para coñecer as novas tendencias artísticas. As impresións deste periplo cultural son recollidas no libro Diario 1921 (1977).

Fortaleza do Castro Caldelas. Mes de Santiago 1921¹
Exmo. Sr. Teixeira de Pascoaes



Meu querido e admirado amigo e mestre: xa fai ben tempo qu' estou en verdadeira e grave falta con vós. Viñenme pasalo vrau eiquí, co-a miña familia (qu'eiquí é onde ten a miña nai unhos cantos eidos) y-estamos vivindo nun vello toco feudal, propiedade do duque d'Alba (conde de Lemos) do que ll'hei mandar unha fotografía. Mais cada día teño mais traballo, y-en troques de descansar, aínda invento mais cousas que faguer.

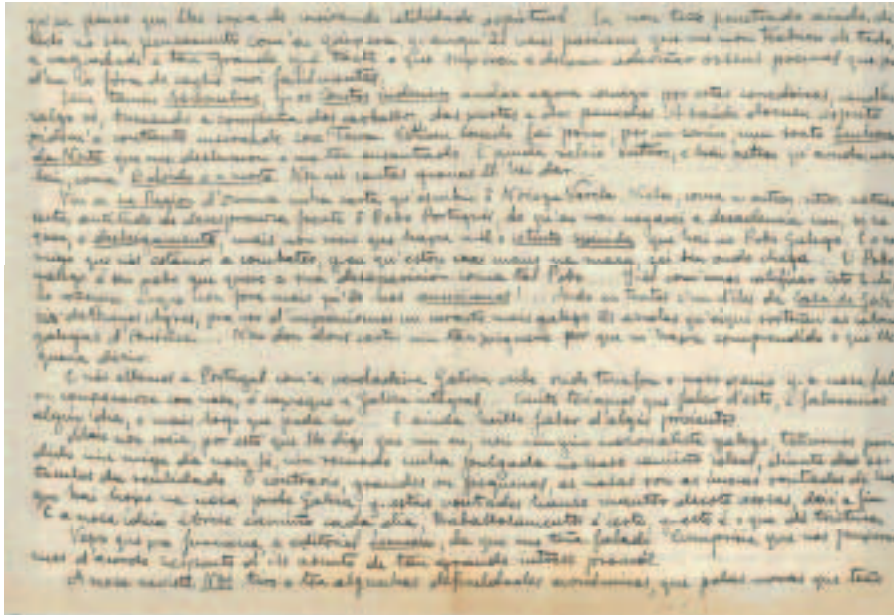
A miña falta mais grave é de lle non ter acusado recibo dos 100 eixempres do Marános, que me remitiu o seu libreiro do Porto, sen indicación de prezo, así qu' aínda que xa teño algús pedidos, somentes despachei eixempres condicionalmentes, a amigos de confianza. É logo, c'unhas cousas e con outras, foime pasando o tempo y-é somentes agora que reparo o mal feito, pedíndolle encarecidamente me diga aixiña a como o hei de vender, en diñeiro portugués e en diñeiro hespañol, pra non perdel-a ocasión das festas de Vigo e mais as da Cruña, e tamén pra podelo anunciar en Nós no nº 6 qu' está a sair. E prégoles moi de verdade de me perdoar. O meu tempo non é meu.

Tamén me tén que perdoar o lle non responder ô seu afeutuoso pésame que moitísimo agradecín. Pode figurarse ben o que sería pra min a perda do meu paiciño qu' esté na Groria, sabendo qu' eu endexamais me separara d' il, senon que cos meus pais vivín sempre, e qu' iles tomaron sempre parte en total-as miñas cousas, esto agás dos infindos sacrificios que por min fixeran en todas as ocasións. E xa sabe como s'agradecen n-estas ocasións as lembranzas dos amigos. Moitas e moitas gracias.

Tocantes â miña interpretación do Marános², eu non sei o que pensará. Pode qu' infruira moito n-ela a miña suxetividade, que fora unha interpretación demasiado persoal e pode ceais que lonxe da verdade. Ela quixo ser mais ben unha incitación â leutura do libro e logo qu' eu non perdo ocasión de chamar â atención

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3305, casa de Pascoaes (Amarante), 3 páxinas.

2 Recensión co título "O Marános de Teixeira de Pascoaes, no número 5 (24/6/1921) de Nós.



das xentes da miña Terra canto qu'eu penso que lles sexa de meirande utilidade espiritual. Eu non teño penetrado aínda de todo no seu pensamento com'eu quixera, y-anqu'ás veces paréceme que me non trabuco de todo, a vaguedade é tan grande y-é tanto o que me suxiren e deixan adiviñar os seus poemas que pod'un ir fóra de cacho moi facilmente.

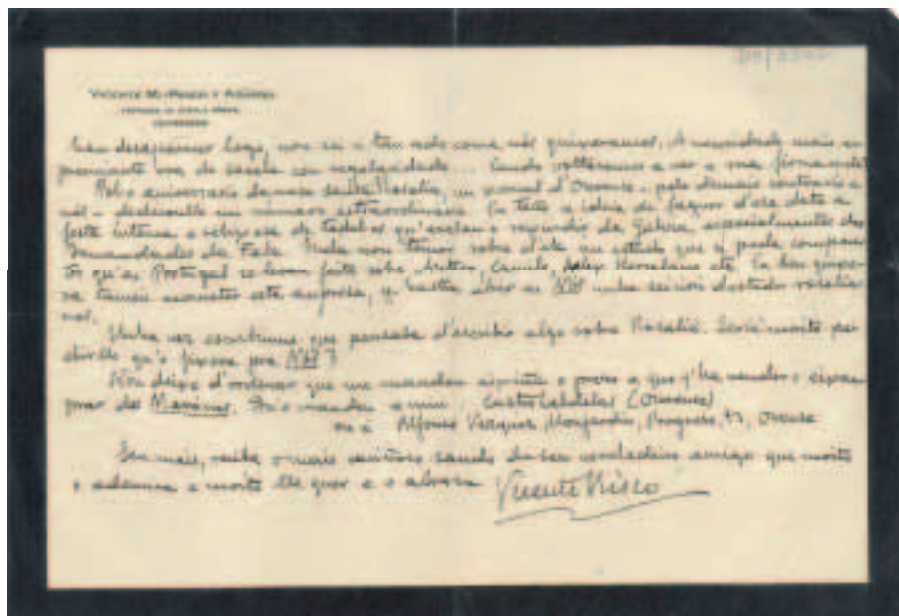
Lein tamén As Sombras, y-os Cantos indecisos andan agora comigo por estas corredeiras, cand'eu salgo só, buscando a compañía dos carballos, das xentes e dos penedos. A saúde do meu espírito pídem'o contacto meirande coa Terra. Estiven lendo fai pouco, por un serán, nun souto Senhora da noite que me deslumou e me ten encantado. E aínda releio outros, e hai outros qu'aínda non leín, coma O doído e a morte. Non sei cantas gracias ll'hei dar ...

Vin en La Región d'Ourense unha carta qu'escibíu ô Noriega Varela. N-ela, coma n-outros sitios nótase certa autitude de desespranza fronte ô Pobo Portugués, do qu'eu non negarei a decadencia nen, si se quer, o desleigamento, mais non creio que haxa n-il o istinto suicida que hai no Pobo Galego. É o nemigo que nós estamos a combater, y-eu qu'estou coas maus na masa, sei onde chega ... O Pobo galego é un pobo que quere a sua desaparición coma tal Pobo ... Y-él com'imos calificar isto? Ai, se coñecera, anque non fora mais qu'ôs nos[os] americanos ! ... Ando en tratos c'un d'iles da Casa de Galicia de Buenos Aires, pra ver d'imprimirmos un caraute mais galego âs escolas qu'eiquí sosteñen as colonias galegas d'América ... Non dou dous cartos nin tan xiquera por que m'haxa comprendido o que lle quería decir.

E nós ollamos a Portugal com'a verdadeira Galiza ceibe, onde trunfou o noso xenio y-a nosa fala en comparanza coa vosa, é caxeque a Galiza integral ... Canto teríamos que falar d'esto, e falaremos algún dia, o mais logo que poda ser ... E aínda heille falar d'algús proieutos.

Mais non creía, por esto que lle digo que nin eu, nen ningún nazonalista galego, teñamos perdido nin miga da nosa fé, nin recuado unha pulgada no noso camiño ideal, diante dos ostáculos da realidade. Ô contrario, grandes ou pequenas, as nosas son as únecas vontades de luz que hai hoxe na nosa probe Galiza, y-estas vontades hanse manter decote acesas, deic'a fin. É a nosa ideia ábrese camiño cada día, traballosamente é certo, y-esto é o que dá tristura.

Vexo que xa funciona a editorial Lumen, da que me tiña falado. Cumpriría que nos puxeramos d'acordo respeito d'ise asunto de tan grande intrese pra nós.



A nosa revista Nós tivo e ten algunhas dificultades económicas, que polas novas que teño han desaparecer logo, non sei si tan cedo coma nós quixeramos. A necesidade mais apremiante era de sacala con regularidade ... Cando voltaremos a ver a sua firma n-ela?

Pol-o aniversario da nosa santa Rosalía, un xornal d'Ourense – polo demais contrario a nós- dedicoulle un número extraordinario. Eu teño a idea de faguer d'esa data a festa íntima e relixiosa de todol-os que arelan o rexurdir da Galiza³, especialmente das Irmandades da Fala. Inda non temos sobre d'ela un estudo que se poda comparar ós qu'en Portugal se levan feito sobre Antero, Camilo, Alex. Herculano, etc. Eu ben quixera tamén acometer esta empresa, y-hastra abrir en Nós unha sección d'estudios rosalianos.

Unha vez escribume que pensaba d'escribir algo sobre Rosalía. Sería moito pedirlle qu'o fixera pra Nós?

Non deixe d'ordenar que me manden aixeña o prezo a que s'ha vender o eixemprar do Marános. Qu'o manden a min: Castro Caldelas (Ourense)

ou á Alfonso Vazquez Monjardín,
 Progreso, 93, Ourense.

Sen mais, reciba o mais cariñoso saúdo do seu verdadeiro amigo que moito o admira e moito lle quer e o abraza

Vicente Risco

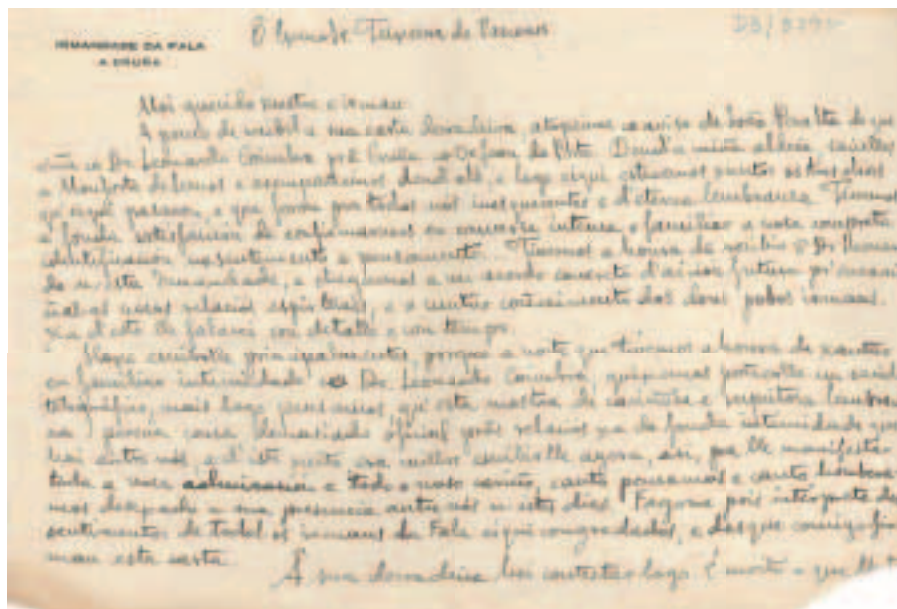
3 Preludia a celebración do "Día das Letras Galegas", instaurado pola Real Academia Galega no ano 1963 para conmemorar a publicación de Cantares Gallegos de Rosalía de Castro, ao aprobar a proposta presentada polos académicos Francisco Fernández del Riego, Xesús Ferro Couselo e Manuel Gómez Román.

Ô Exmo. Sr. Teixeira de Pascoaes¹

Moi querido Mestre e irmau:

A pouco de recibil-a sua carta derradeira, atopeime co aviso de Joao Peralta de que viña co Dr. Leonardo Coimbra prâ Cruña co Orfeon do Porto. Dend'a miña aldeia, saínlles a Monforte de Lemos e acompañeinos dend'aló, e logo eiquí estivemos xuntos os tres dias qu'eiquí pasaron, e que foron pra todos nós inesquecentes e d'eterna lembranza. Tivemos a fonda satisfaiçión de confirmarmos en conversa interna e familiar a nosa compreta identificación no sentimento e pensamento ...Tivemos a honra de recibir ô Dr. Leonardo n-esta Irmandade², e chegamos a un acordo concreto d'aición futura pr'encamiñal-as nosas relacións espirtuaes, e o mutuo coñecimento dos dous pobos irmaus. Xa d'esto lle falarei con detalle e con tempo.

Hoxe escribolle principalmente, porque a noite que tivemos a honra de xantar en familiar intimidade co Dr. Leonardo Coimbra, quixemos poñerlle un saúdo telegráfico, mais logo pensamos, qu'esta mostra de cariñosa e respeitosa lembranza parecía cousa demasiado oficial prâs relacións xa de fonda intimidade que hai antre nós, e d'iste xeito, era millor escribirlle agora, así, pra lle manifestar toda a nosa admiración e todo o noso cariño, canto pensamos e canto houberamos desexado a sua presenza antre nós n'istes días. Fágome pois intérprete dos sentimentos de todol-os irmaus da Fala eiquí congregados, e dos que comigo firman esta carta.



1 Carta manuscrita autógrafa e asinada tamén por 7 componentes da Irmandade da Fala da Coruña, sen data, D3/3295, casa de Pascoes (Amarante), 2 páxinas. A comunicación ten de ser do día 5 ou 6 de setembro de 1921 pois nela fálase da visita á Coruña dun grupo de intelectuais e artistas portugueses, presidido polo filósofo Leonardo Coimbra e do que estaba previsto que formase parte o propio Teixeira de Pascoaes. O boletín A Nosa Terra, nº 147 (15/9/1921) dedica unha ampla reportaxe ás actividades desenvolvidas en tan relevante encontro. O número 7 de Nós (25/10/1921) tamén se fai eco do evento con unha completa crónica sen sinatura: "A ambaixada espirtual de Leonardo Coimbra."

2 Refírese á sede da Irmandade da Fala da Coruña, tal como figura na cabeceira da carta.



À sua derradeira hei contestar logo. É moito o que lle teño que dicire, e moita a gratitude que todos lle debemos, e que só moi pouco elocuentemente poderíamos manifestare ô noso Irmau Eixemprar.

Reciba, pois, noso moi querido mestre, c'unha forte apreixa, a seguranza dos fraternaes sentimentos d'admiración e irmandade de

Vicente Risco

Antonio Villar Ponte

Víctor Casas

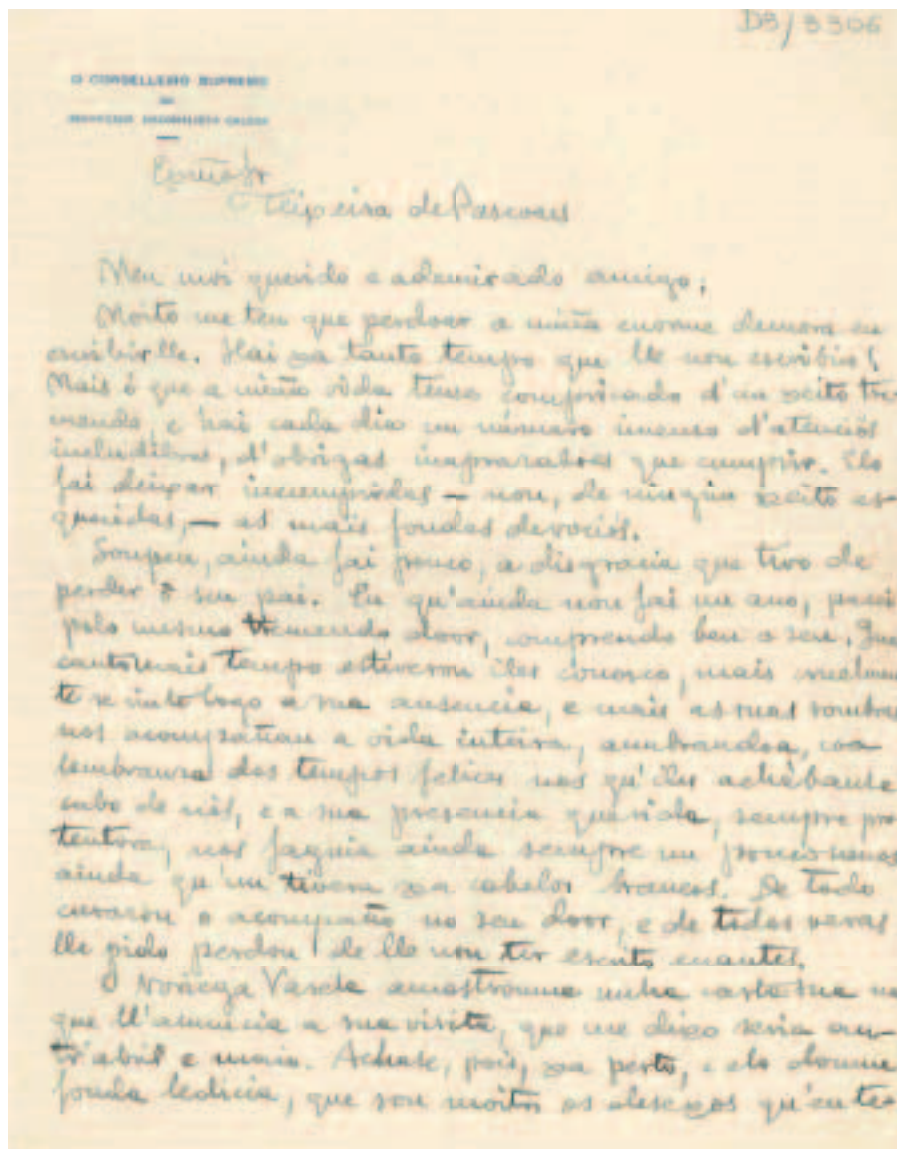
Johan V. Viqueira

Bernardino Varela do Campo

Monasterio

Luis Somoza

Francisco Abelaira



Exmo. Sr.

Teixeira de Pascoas¹

Meu moi querido e admirado amigo:

Moito me ten que perdoar a miña enorme demora en escribirlle. Hai xa tanto tempo que lle non escribín ! Mais é que a miña vida tense complicado d'un xeito tremendo, e hai cada día un número imenso d'atencións ineludibles, d'obrigas inaprazabres que cumprir. Elo fai deixar incumpridas - non, de ningún xeito esquecidas, - as mais fondas devociós.

Soupen, aínda fai pouco, a disgracia que tivo de perder o seu pai. Eu qu' aínda non fai un ano, pasei polo mesmo tremendo door, comprendo ben o seu. Que canto mais tempo estiveron iles conosco, mais cruelmente se sinte logo a súa ausencia, e mais as suas sombras nos acompañan a vida inteira, anubrandoa, coa lembranza dos tempos felices nos qu' iles achábanse cabo de nós, e a súa presenza querida, sempre proteutora, nos faguia aínda sempre un pouco menos aínda qu' un tivera xa cabelos brancos. De todo curazón o acompañoo no seu door, e de todas veras lle pido perdón de lle non ter escrito enantes.

O Noriega Varela amostroume unha carta súa na que ll' anuncia a súa visita, que me dixo sería antr' abril e maio. Achase, pois, xa perto, e elo doume fonda ledicia, que son moitos os

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3306, casa de Pascoas (Amarante), 4 páxinas.

ão de velo ô fin cabo de nós, pouquichiño tempo que
 sexa, pra podermos falar longamente. Ben quixeramos
 podermos faguerlle a sua estancia n-esta Terra, onde tanto se ll'adecouira e se lle quer, o
 mais leda e garimosa que nos fora doado.
 Vata logo, que xa qu'outra cousa non atope, sen
 dúbida encontrará curazós fraternos e boas vontades.
 Supoño seguirá recibindo puntualmente
Nós. Hoxe, imos bastante ben xa, e cada dia temos
 milloras e esperanzas. A vida intelectual de Galiza in-
 tensifícase mais cada dia: a xente emprincipia a
 estudar e traballar en serio. É un tremendo labor
 de sementeira e qu'estamos faguedo, mais xa s'emprincipia a ver xurdir a planta, gracias a Deus... Cando Nós voltará a se ver honrado coa
 sua firma?
 Agora andan en Madrid a atraguer os portugueses, ce-
 cais levados da emulación de ver qu'iles principian a traballar conosco... É un pouco o caso ocurrido co Mariscal Joffre, cando os catalás o levaron a Barcelona... Os castelaos, enton, levados da envexa e da xenreira, levarono tamén a Madrid, pra precuraren desfaguer o efecto da invitación dos catalás... Ainda lle non dixen isto ô noso Leonardo Coimbra, a quen teño tamén qu'escibir un dia

desexos qu'eu teño de velo ô fin cabo de nós, pouquichiño tempo que sexa, pra podermos falar longamente. Ben quixeramos podermos faguerlle a sua estancia n-esta Terra, onde tanto se ll'ademira e se lle quer, o mais leda e garimosa que nos fora doado.

Veña logo, que xa qu'outra cousa non atope, sen dúbida encontrará curazós fraternos e boas vontades.

Supoño seguirá recibindo puntualmente Nós. Hoxe, imos bastante ben xa, e cada dia temos milloras e esperanzas. A vida intelectual de Galiza intensifícase mais cada dia: a xente emprincipia a estudar e traballar en serio. É un tremendo labor de sementeira o qu'estamos faguedo, mais xa s'emprincipia a ver xurdir a planta, gracias a Deus... Cando Nós voltará a se ver honrado coa sua firma?

Agora andan en Madrid a atraguer os portugueses, ce-
 cais levados da emulación de ver qu'iles principian a traballar conosco... É un pouco o caso ocurrido co Mariscal Joffre, cando os catalás o levaron a Barcelona... Os castelaos, enton, levados da envexa e da xenreira, levarono tamén a Madrid, pra precuraren desfaguer o efecto da invitación dos catalás... Ainda lle non dixen isto ô noso Leonardo Coimbra, a quen teño tamén qu'escibir un dia

inter. Non lle parece que o caso Coimbra ten certa semellanza
 co "caso Joffre"?
 Mais toda esta é minucia de pouca importancia
 Non sei si recibiria os novos libros publicados na
 Galiza... Eu encargolle moito a todolos meus ami-
 gos que pubricaran libros que non deixen de lle man-
 dal-a ofrenda d'iles ô mestre Teixeira...
 No que vai d'ano, levanse publicados moitos:
Abrente de Victoriano Taibo, a 2ª edición de Vento
Mareiro do Cabanillas, Alén de Jaime Quintanilla,
Saudade do mesmo, Doctrina Nazonalista
 de Ramon Vilar Ponte.
 No Ferrol criouse unha empresa editorial, esta
 que ten moitos de publicar moitas cousas novas
 A nosa vida renace, mais puxante cada dia e esta é unha
 ledicia que nos ven compensar tantos pesares.
 Todo isto é o que lle teño que dicir, que non é moi
 pouco.
 Eu áchome agora ô frente do movemento nazo-
 nalista das Irmandades. Os meus amigos, n-
 unha Asambreia recente que tivemos en Monforte,
 fixéronme esta grande honra e botaron riba
 de min esta inmensa carga, qu'eu levo gustoso, pois eu non teño
 outra vontade qu'a de servir â miña Terra. A eso, como sabe, teño
 consagrada por inteiro a miña vida.
 Ben, moi querido

d'istes. Non lle parece que o caso Coimbra ten certa semellanza
 co "caso Joffre"?²

Mais toda esta é minucia de pouca importancia. Non sei
 si recibiria os novos libros publicados na Galiza ... Eu encargolle
 moito a todolos meus amigos que pubrican libros que non deixen
 de lle mandal-a ofrenda d'iles ô mestre Teixeira ...

No que vai d'ano, levanse publicados moitos: Abrente de
 Victoriano Taibo, a 2ª edición de Vento Mareiro do Cabanillas,
 Alén de Jaime Quintanilla, Saudade, do mesmo, Doctrina Nazo-
 nalista de Ramon Vilar Ponte.

No Ferrol criouse unha empresa editorial, Céltiga, que ten
 mentes de publicar moitas cousas novas.

A nosa vida renace, mais puxante cada dia e esta é unha
 ledicia que nos ven compensar tantos pesares.

Todo isto é o que lle teño que dicir, que non é moi pouco.

Eu áchome agora ô frente do movemento nazonalista das
 Irmandades. Os meus amigos, n-unha Asambreia recente que ti-
 vemos en Monforte, fixéronme esta grande honra e botaron riba
 de min esta inmensa carga, qu'eu levo gustoso, pois eu non teño
 outra vontade qu'a de servir â miña Terra. A eso, como sabe, teño
 consagrada por inteiro a miña vida.

Ben, moi querido

2 O mariscal Joseph Joffre, heroe francés da I Guerra Mundial, coñecido como "Papa Joffre", é convidado a presidir os Xogos Florais de Barcelona no ano 1920. Madrid non quere ser menos e tamén o convida a participar nun acto literario. A raíz da presenza de Leonardo Coimbra na Coruña, este é convidado a participar nun acto organizado en Madrid co obxectivo de propiciar un achegamento hispano-lusitano.

amigo e mestre, xa nono canso mais. Perdoeme o meu aparente abandono, e conte sempre coa grande admiración e fonda amizade do seu confrade que moito lle quer

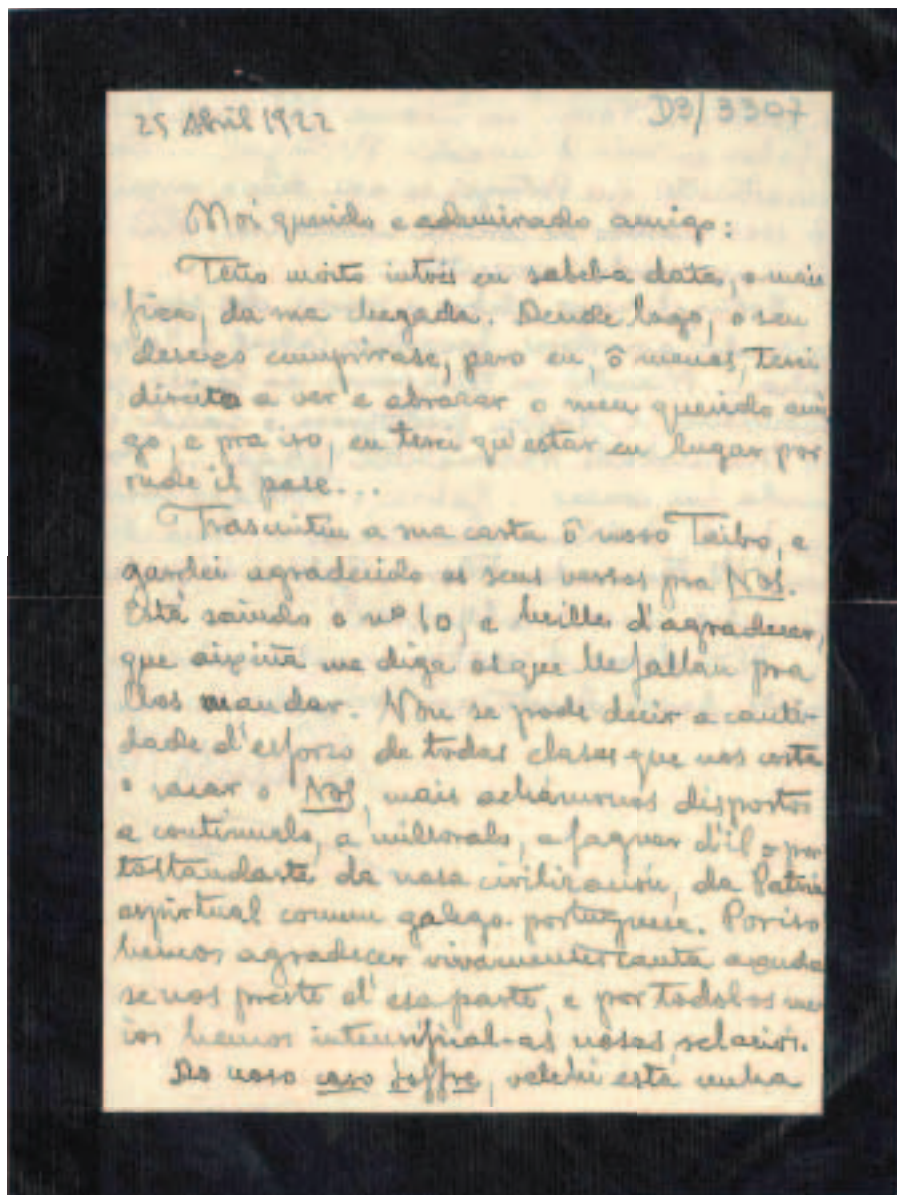
Vicente Risco

Ourense 19 Marzal 1922.

amigo e mestre, xa nono canso mais. Perdoeme o meu aparente abandono, e conte sempre coa grande admiración e fonda amizade do seu confrade que moito lle quer

Vicente Risco

Ourense 19 Marzal 1922.



25 Abril 1922¹

Moi querido e admirado amigo:

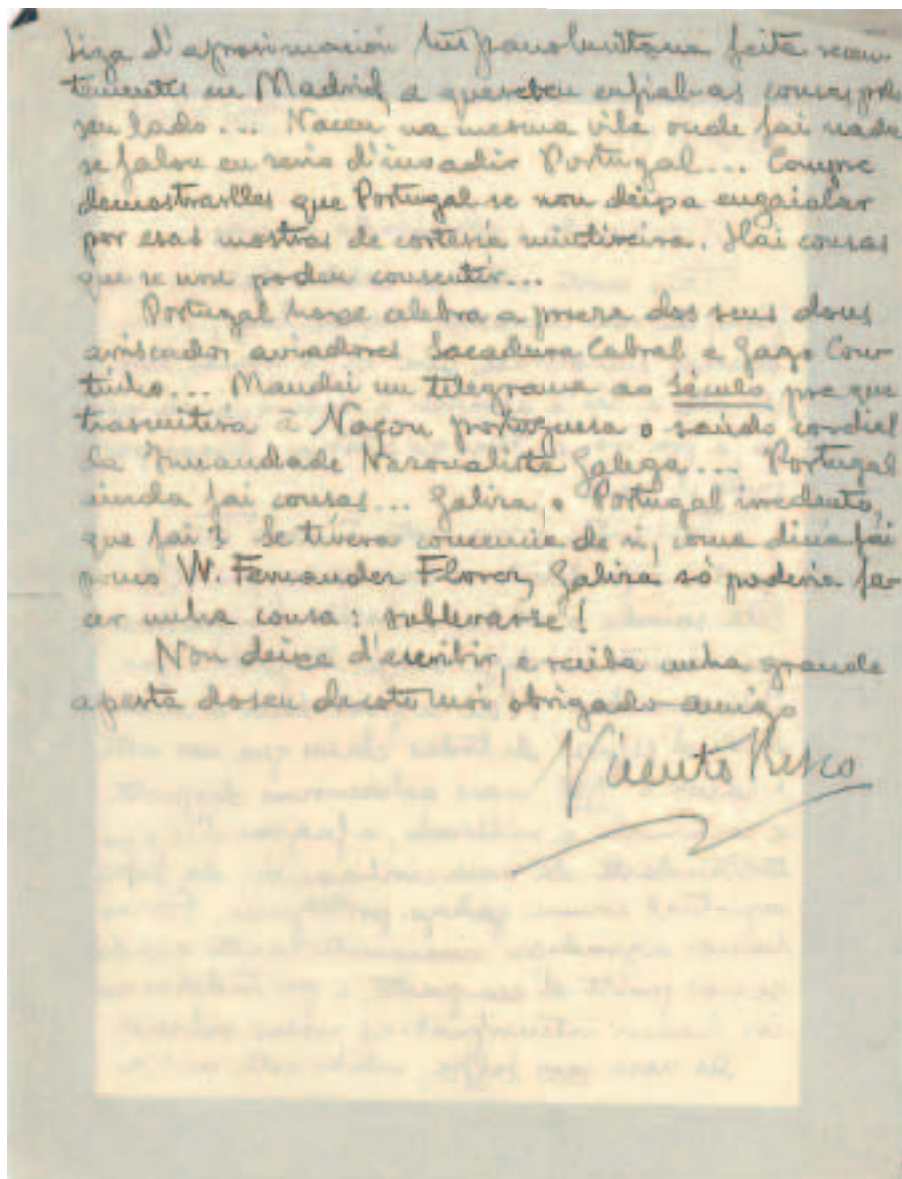
Teño moito intrés en saber-a data, o mais fixa, da sua chegada. Dende logo, o seu desexo cumprírase, pero eu, ô menos, terei dereito a ver e abrazar o meu querido amigo, e pra iso, eu terei qu'estar en lugar por onde il pase ...

Trasmitín a sua carta ô noso Taibo, e gardei agradecido os seus versos pra Nós². Está saíndo o nº 10, e heille d'agradecer, que aixiña me diga os que lle fallan pra llos mandar. Non se pode decir a cantidade d'esforzo de todas clases que nos costa sacar o Nós, mais achámonos dispostos a continuo, a milloralo, a faguer d'il o portastandarte da nosa civilización, da Patria espiritual comun galego-portuguesa. Por iso, hemos agradecer vivamente tanta axuda se nos preste d'esa parte, e por todol-os meios hemos intensifical-as nosas relacións.

Do noso "caso Joffre", velehi está unha

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3307, casa de Pascoaes (Amarante), 2 páxinas.

2 Poema "De min", reproducido no número 14 (1/12/1922).



hispanolusitana feita recentemente en Madrid, a quereren enfiar-as cousas polo seu lado ... Naceu na mesma vila onde fai nada se falou en serio d'invadir Portugal ... Compre demostrarlles que Portugal se non deixa engaiolar por esas mostras de cortesía min-tireira. Hai cousas que se non poden consentir ...

Portugal hoxe celebra a proeza dos seus dous arriscados aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho³ ... Mande un telegrama ao Século⁴ pra que trasmitira á Naçon portuguesa o saúdo cordial da Irmandade Nacionalista Galega ... Portugal aínda fai cousas ... Galiza, o Portugal irredento, que fai? Se tivera conciencia de si, como dicía fai pouco W. Fernandez Florez, Galiza só podería facer unha cousa: sublevarse!

Non deixe d'escibir, e reciba unha grande aperta do seu decote moi obrigado amigo

Vicente Risco

³ Aviadores e oficiais da Mariña Portuguesa, que efectúan a primeira travesía aérea do Atlántico Sur. Unha placa na estación de Sao Bento (Porto) lembra os heroes e a proeza.

⁴ Xornal de Lisboa, publicado entre 1880 e 1977.



Exmo. Sr.

Teixeira de Pascoes¹.

Meu sempre querido amigo e mestre:

Ben tempo hai qu'as nosas comunicaciós cesaron. Seica foi dende'o viaxe de Paco Luis Bernardes e Noriega Varela² que, ou as preferencias da V^a Ex^a tomaron outro vieiro, ou non sei que foi, o conto é que non voltei a ter novas da V^a Ex^a. Dend'aquela, moitas cousas pasaron. E tantas ... Nós, traballosamente, voltou â eisistencia. Ben é certo que enton tiña eu a obriga de poñelo en coñecimento da V^a Ex^a e de solicitar com'antigamente a sua ajuda. Atafegos, e mais ainda disgustos – que si a vida da Galiza, a vida da Hespaña variaron, a miña tamén cambcou, e moito – nun'empexaran³ de facelo com'era meu deber, e é agora cando debo emendal-a miña falta, e pedirlle perdón, e ainda que a nosa incomunicación cese.

En gêral, as nosas relacións cos nosos amigos de Portugal están interrompidas. Apenas si algunha revista chega a nós: Nação Portuguesa, derradeiramente, Gil Vicente. Todas integralistas, encomiando todo o que poden o estado de cousas que hai hoxe aquí ... Ainda a fiel Revista de Guimarães hai tempo que non ven. Sômentes o Sr. Dr. Claudio Basto de Viana, nos remite os seus interesantes traballos. Culpa nosa tamén, se cadra; e mais non tanto. E esto non pode seguir d'iste xeito.

Cando foi do reaparecemento de Nós, precisamente, escribíame o Marqués de Figueroa dándonos alentos e agardando que a revista volviera ser o que foi no tocante ás relacións luso-galaicas ...

E hoxe hai eiquí un movemento grande que Portugal debe coñecer. Literario, craro está ... Compre que se coñeza o labor do Seminario d'Estudos Galegos de Santiago, os traballos arqueolóxicos de F. L. Cuevillas, as publicacións de Lar, os moitos libros que se publican, o que van millorando as nosa língoa e as nosas letras.

Os qu'outrora eran amigos da Galiza deben axudar, e deben saber que nos nosos peitos non esmoreceu aquil sentimento que nos movía e que nos levaba a unha colaboración mais que fraterna. Poderán os tempos non ser chegados, mais non están pasados.

En resume: Nós está eiquí de novo. E está agardando polos seus amigos de Portugal: Nós: compre non esquecer qu'iste plural somos todos, das duas bandas da raia ...

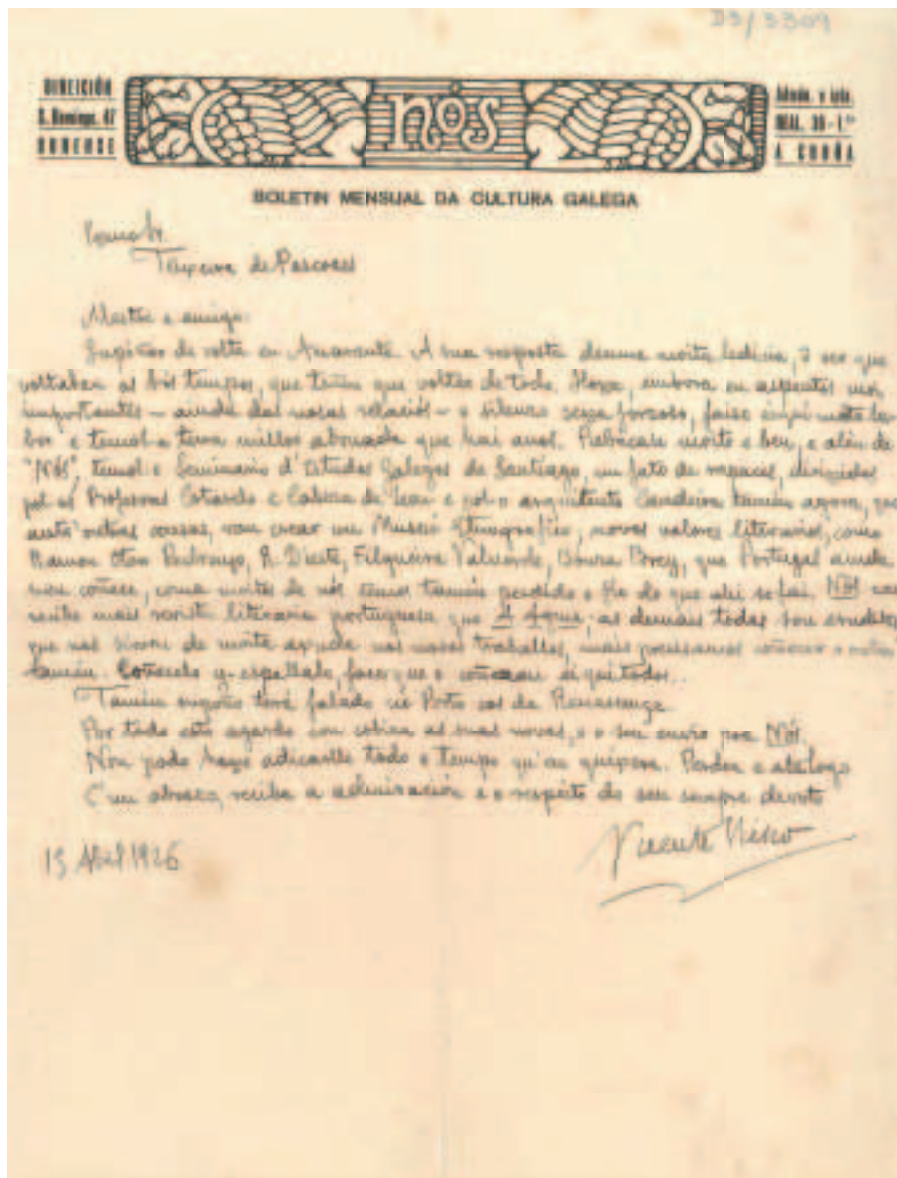
Abrázao

Vicente Risco

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3308, casa de Pascoaes (Amarante), 1 páxina.

2 Francisco Luis Bernárdez (escritor argentino de ascendencia galega) e Antonio Noriega Varela visitan a Teixeira de Pascoaes por volta de 1924. A relación entre Vicente Risco e Noriega Varela deriva en desencontro manifesto, mesmo inimidade, o que deixa o poeta de Amarante, amigo común, en posición moi comprometida.

3 Galicismo que deriva en "empecer". Nesta época, abundan os galicismos, na mesma medida en que o fan os anglicismos na actualidade.



Exmo. Sr.

Teixeira de Pascoas¹

Mestre e amigo:

Supoño de volta en Amarante. A súa resposta deume moita ledicia, ô ver que voltaban os bós tempos, que teñen que voltar de todo. Hoxe, embora en aspectos moi importantes – aínda das nosas relacións- o silencio sexa forzoso², faise eiquí moito labor e temol-a terra millor abonada que hai anos. Publícase moito e ben, e alén de Nós, temol-o Seminario d'Estudos Galegos de Santiago, un fato de rapaces, dirixidos pol-os Profesores Cotarelo e Cabeza de Leon e pol-o arquitecto Candeira tamén agora, que antr'outras cousas, van crear un Museu Etnográfico; novos valores literarios, como Ramon Otero Pedrayo, R. Dieste, Filgueira Valverde, Bouza Brey, que Portugal aínda non coñece, coma moitos de nós temos tamén perdido o fío do que ahí se fai. Nós non recibe mais revista literaria portuguesa que A Aguiá; as demais todas son eruditas, que nos sirven de moita axuda nos nosos traballos, mais precisamos coñecer o outro tamén. Coñecelo y-espallalo, facer que o coñezan eiquí todos ...

Tamén supoño terá falado no Porto cos da Renascença.

Por todo esto agardo con cobiza as suas novas, e o seu envío pra Nós.

Non podo hoxe adicarlle todo o tempo qu'eu quixera. Perdon e ate logo.

C'un abrazo, reciba a admiración e o respeito do seu sempre devoto

Vicente Risco

[15 Abril 1926]

1 Carta manuscrita autógrafa, D3/3309, casa de Pascoas (Amarante), 1 páxina.

2 Fai referencia á censura e ás restricións da liberdade de expresión, como consecuencia da instauración da ditadura de Primo de Rivera en España en 1923 e a de Oliveira Salazar en Portugal en 1926.



Exmo. Sr.

Dr. Teixeira de Pascoas¹Casa de Pascoas
Amarante

Meu benquerido e bon amigo: vaia, antes que saia de Portugal un saúdo e unha aperta moi forte pra V^a Ex^a, os meus respetos pr'as Señoas e a sobriña, os meus saúdos ôs seus irmaus e a seguranza de que non esquece as horas pasadas en Pascoas seu decote verdadeiro amigo que ben lle quer

Vicente Risco

Até que escriba longo dende Ourense

[Amarante, 25 Outubro 1927]

¹ Postal manuscrito autógrafa, D3/3310, casa de Pascoas (Amarante), 2 páxinas. Enviado desde a mesma localidade de Amarante.

Correspondencia de Teixeira de Pascoaes
a Vicente Risco.

20 Fev. 1920
 Amarante Meu querido Confrade:

Venho agradecer-lhe muito penhorado a sua carta de 9-11 - É para mim uma grande alegria travar relações de amizade com um jovem espírito que tão bem representa a alma da Raça galega, irmã muito amada da alma lusitana.

Sim. Eu também creio que o nosso sentimento saudosos (galaico-lusitano) inclui uma nova e original maneira de encarar a Vida e o Universo. Lábi seu valor para os dois Povos irmãos e para a sua futura e comum Civilização e preponderância na Ibéria. Nós, portugueses e galegos, somos a gente mais idealista da Península, porque somos a mais

20 Fev-920¹

Amarante

Meu querido Confrade:

Venho agradecer-lhe muito penhorado a sua carta de 9 de Setembro. É para mim uma grande alegria travar relações de amizade com um jovem espírito que tão bem representa a alma da Raça galega, irmã muito amada da alma lusitana.

Sim. Eu também creio que o nosso sentimento saudosos (galaico-lusitano) inclui uma nova e original maneira de encarar a Vida e o Universo. Daí o seu valor para os dois Povos irmãos e para a sua futura e comum Civilização e preponderância na Ibéria. Nós, portugueses e galegos, somos a gente mais idealista da Península, porque somos a mais

¹ Carta manuscrita autógrafa da Fundação Vicente Risco, R30, 2 páginas.

sentimental. Catalães são principalmente
homens de ação, industriais, e comerciantes.
Eles criarão o corpo e nós criaremos
a alma da futura Ibéria.

Espero ler com imenso interesse a
sua Teoria do Nacionalismo galego.

Eu tenho um grande desejo de conhecer
bem a Galiza! Uly, por enquanto,
só conheço a baía de Vigo e algumas
poesias de Rosalia de Castro!

Espero, um dia, visitar e percorrer esse
berço sagrado da nossa História.
Um dia será, se Deus quiser.

Disponha sempre deste seu confrade
português que muito o estima e considera

Teixeira de Pascoas

sentimental. Catalães são principalmente homens de ação, industriais e comerciantes. Eles criarão o corpo e nós criaremos a alma da futura Ibéria.

Espero ler com imenso interesse a sua Teoria do Nacionalismo Galego.

Eu tenho um grande desejo de conhecer bem a Galiza! Mas, por enquanto, só conheço a baía de Vigo e algumas poesias de Rosalia de Castro!

Espero, um dia, visitar e percorrer esse berço sagrado da nossa História. Um dia será, se Deus quiser.

Disponha sempre deste seu confrade português que muito o estima e considera

Teixeira de Pascoas

1920
 Amarante - 20 - Março

Muito lhe agradeço a sua bondosa carta e as palavras imprecisas que me dirige a propósito do Marânos. Hoje também reconheço que esse livro pertence mais à Galiza do que a Portugal; e por isso dediquei.

Muito desejo a sua saúde tão preciosa para o futuro dos dois Povos da Saudade!

Vou por estes dias ao Porto tratar com o livreiro da remessa dos cem exemplares do Marânos para os representantes de Nós.

Queria oferecer-lhe a Viqueira, Castella, Noriega e Murguía, mas não sei as suas

1920

Amarante 20 -- Março¹

Meu querido amigo e confrade:

Muito lhe agradeço a sua bondosa carta e as palavras imprecisas que me dirige a propósito do Marânos. Hoje também reconheço que esse livro pertence mais à Galiza do que a Portugal; e por isso lho dediquei.

Muito desejo a sua saúde tão preciosa para o futuro dos dois Povos da Saudade.

Vou por estes dias ao Porto tratar com o livreiro da remessa dos cem exemplares do Marânos para os representantes da Nós.

Queria oferecer o livro a Viqueira, Castella, Noriega e Murguía, mas não sei as suas

¹ Carta manuscrita autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R11, 2 páginas.

0271
 direção.
 Não imagina a alegria que me causou
 a notícia de sua vinda a Portugal!
 Lá os espero de braços abertos!
 Também lhe peço ainda o favor de me
 dizer as pessoas de lá a quem deseja
 que eu envie o livro.
 Muito bem, também irão As Sombras e os Cantos Indeci-
 sos.
 Um grande abraço de todo o meu coração.
 Pascoaes
 P.S. Já mandei um exemplar a Ramón Cabanillas

direções.

Não imagina a alegria que me causou a notícia da sua vinda a Portugal! Cá os [sic] espero de braços abertos!

Também lhe peço ainda o favor de me dizer as pessoas daí a quem deseja que eu envie o livro.

Muito bem, também irão As Sombras e os Cantos Indecisos.

Um grande abraço de todo o meu coração.

Pascoaes

P.S. Já mandei um exemplar a Ramón Cabanillas

1920
30 Março,
Amarante

Meu querido Confrade:

Recebi hontem os dois numeros da Nossa Terra que lhe envio agradecer de todo o meu coração! As suas palavras acerca do meu livro são um prodigio de interpretação e de expressão, e a sua conferencia na Exposição de Castello são um trabalho de um valor extraordinario! Que lucidez! Que precisão! Que poder verbal ao serviço de um poderoso pensamento que tudo apreende, que tudo vê, que tudo explica! Estou verdadeiramente encantado com o seu talento e com a sua generosidade para a minha obscura pessoa que lhe ficará

1920¹
30 de março
Amarante

Meu querido Confrade:

Recebi ontem os dois números da Nossa Terra que lhe venho agradecer de todo o meu coração! As suas palavras acerca do meu livro são um prodígio de interpretação e de expressão, e a sua conferência na Exposição de Castello são um trabalho de um valor extraordinário! Que lucidez! Que precisão! Que poder verbal ao serviço de um poderoso pensamento que tudo apreende, que tudo vê, que tudo explica! Estou verdadeiramente encantado com o seu talento e com a sua generosidade para a minha obscura pessoa que lhe ficará

¹ Carta manuscrita autografa, da Fundação Vicente Risco, R29, 4 páginas.

eternamente grata e amiga: muito e muito obrigado!

Tem para mim um grande interesse o movimento nacionalista da Galiza, porque representa o renascimento da Alma gallega, irmã gêmea da Alma lusitana. Falar da Galiza é falar de Portugal. A Saudade é a Virgem tutelar das nossas Pátrias irmãs. Que elas se entendam e amem e trabalhem na mesma obra civilizadora! Sim. Eu espero, de acordo com o meu querido camarada da, que os dois Povos hão de criar a civilização atlântica. Serenada a tempestade que agita o mundo, a Galiza e Portugal aparecerão, espiritualmente casados,

eternamente grata e amiga. Muito e muito obrigado!

Tem para mim um grande interesse o movimento nacionalista da Galiza, porque representa o renascimento da Alma galega, irmã gêmea da Alma lusitana. Falar da Galiza é falar de Portugal. A Saudade é a Virgem tutelar das nossas Pátrias irmãs. Que elas se entendam e amem e trabalhem na mesma obra civilizadora! Sim. Eu espero, de acordo com o meu querido camarada, que os dois Povos hão de criar a civilização atlântica. Serenada a tempestade que agita o mundo, a Galiza e Portugal aparecerão, espiritualmente casadas,

para affirmarem sobre a terra a sua
 Alma saudosa e redemptora.
 É esta tambem a minha esperanza.
 Somos irmãos no sangue e na esperanza,
 porque descendemos da mesma Lembrança
 remota...
 Desejo ser assinante da Nossa Terra.
 Desejo acompanhar, dia a dia, a obra
 maravilhosa do génio gallego, tão
 altamente representado hoje na sua
 pessoa e em outros escritores que, den-
 tro em breve, poderei conhecer mais
 perfeitamente.
 Encanta-me extraordinariamente saber
 a simpatia que as minhas palavras ou
 ideias têm encontrado na Galiza,

para afirmarem sobre a terra a sua Alma saudosa e redentora.

É esta também a minha esperança. Somos irmãos no sangue e na esperança, porque descendemos da mesma Lembrança remota...

Desejo ser assinante da Nossa Terra. Desejo acompanhar, dia a dia, a obra maravilhosa do génio galego, tão altamente representado hoje na sua pessoa, e em outros escritores que, dentro em breve, poderei conhecer mais perfeitamente.

Encanta-me extraordinariamente saber a simpatia que as minhas palavras ou... ideias têm encontrado na Galiza,

nome divino que ~~soa~~ soa aos
meus ouvidos lusitanos, como o cantar
duma fonte, que é a fonte da nossa
alma...

Peço-lhe o favor de me dizer o nome e a
direção da Livraria galega mais afama-
da! Desculpe-me este incómodo². Tam-
bem lhe peço para me dizer o preço da
assinatura da Nossa Terra. Grátis,
não. Quero ser assinante e quero pagar. Quero concorrer,
embora obscuramente, para sustentar a publicação de tão belo e
útil Boletim. Espero que me satisfaça este desejo.

Receba, meu querido Confrade e Amigo,
um grande abraço do seu muito admirador
e agradecido

Teixeira de Pascoas

R.29

nome divino que soa aos meus ouvidos lusitanos, como o cantar
duma fonte, que é a fonte da nossa alma...

Peço-lhe o favor de me dizer o nome e a direção da Li-
vraria galega mais afamada! Desculpe-me este incómodo². Tam-
bém lhe peço para me dizer o preço da assinatura da Nossa Terra.
Grátis, não. Quero ser assinante e quero pagar. Quero concorrer,
embora obscuramente, para sustentar a publicação de tão belo e
útil Boletim. Espero que me satisfaça este desejo.

Receba, meu querido Confrade e Amigo, um grande
abraço do seu muito admirador e agradecido

Teixeira de Pascoas

² No original, talvez por lapso, "encómodo".

Amarante
12 Maio 1920

Meu muito estimado Confrade:

Ao regressar do Porto, encontrei em minha casa a sua querida carta de 26 Abril!

Muito e muito desejo que esteja perfeitamente bem da sua saúde, tão preciosa para a causa da nossa Civilização. Isto sem a menor lisonja: o pouco que ainda conheço dos seus trabalhos literários revela-me um altíssimo espírito que vê muito longe e sente profundamente. Isto sem a menor lisonja. É a pura expressão da minha sinceridade. E a sinceri-

Amarante
12 Maio 1920

Meu muito estimado confrade:

Ao regressar do Porto, encontrei em minha casa a sua querida carta de 26 Abril!

Muito e muito desejo que esteja perfeitamente bem da sua saúde, tão preciosa para a causa da nossa Civilização. Isto sem a menor lisonja: o pouco que ainda conheço dos seus trabalhos literários revela-me um altíssimo espírito que vê muito longe e sente profundamente. Isto sem a menor lisonja. É a pura expressão da minha sinceridade. E a sinceri-

1 Carta manuscrita autógrafa, da Fundação Vicente Rico, R12, 4 páginas.

Dade tem obrigação de falar alto, dizendo
 mal do Mal e Bem do Bem. Eu sou
 assim - Digo mal do Mal e digo bem do Bem.
 Os seus artigos e cartas denunciam um
 grande talento. Sinto isso e não
 posso esconder. E com que alegria lhe reconheço
 o seu grande valor! Não falo eu a um
 irmão? Irmão no sangue e no senti-
 mento! Quanto mais nos conhecemos,
 mais irmãos nos sentimos. A Galiza
 é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu
 dos seios da Galiza - depois abandonou a
 Mãe e foi por esses mares fora; fugiu
 como o filho pródigo. Mas é chegado o
 tempo do seu regresso ao lar materno. Temos
 de voltar a viver espiritualmente em comum.

Dade tem obrigação de falar alto, dizendo mal do Mal e Bem do Bem. Eu sou assim. Digo mal do Mal e bem do Bem. Os seus artigos e cartas denunciam um grande talento. Sinto isso e não o posso esconder. E com que alegria lhe reconheço o seu grande valor! Não falo eu a um irmão? Irmão no sangue e no sentimento! Quanto mais nos conhecemos, mais irmãos nos sentimos. A Galiza é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu dos seios da Galiza – depois abandonou a Mãe e foi por esses mares fora; fugiu como o filho pródigo. Mas é chegado o tempo do seu regresso ao lar materno. Temos de voltar a viver espiritualmente em comum.

Assim o exige o destino de, nossas Pátrias
 que ainda não está cumprido. Que destino
 é como disse muito bem, a criação da Civilização
 Atlântica.

Rosalia é uma Poetisa assombrosa! A
 maior depois de Sapho! Morro por
 ela! Conheci uma Antologia dela, em
 Barcelona. Fiquei deslumbrado! Um dos meus
 grandes desejos é ir, em piedosa romagem,
 à terra onde ela nasceu e morrer. Beijar
 aquela terra sagrada!

De Eduardo Pondal vou ler agora o que consegui
 obter das suas obras; de uns e de outros, velhos e
 novos. Muito me honra a simpatia
 que os meus pobres, mas sinceros trabalhos
 encontram aqui. Vou proceder à publicação.

Assim o exige o destino das nossas Pátrias que ainda não está cumprido. Esse destino é, como disse muito bem, a criação da Civilização Atlântica.

Rosalia é uma poetisa assombrosa! A maior depois de Sapho! Morro por ela! Conheci uma Antologia dela, em Barcelona. Fiquei deslumbrado! Um dos meus grandes desejos é ir, em piedosa romagem, à terra onde ela viveu e morreu. Beijar aquela terra sagrada!

De Eduardo Pondal vou ler agora o que consegui obter das suas obras; desse e doutros, velhos e novos. Muito me honra a simpatia que os meus pobres mas sinceros trabalhos encontram aí. Vou proceder à sua publicação

em nova edição corrigida. Agora vão entrar no prelo A Vida Eterna e As Sombras. O Marânos e Regresso ao Paraíso trabalho actualmente na sua correção. Quando estiverem impressos lhos mandarei.

Acompanho com o maior interesse a Terra Nossa. Compreendo muito bem a sua atitude admirável. Para a frente! Estou de alma e coração com a Terra Nossa e com os seus colaboradores. Abraço-os fraternalmente. Pedia-lhe o grande favor de enviar um número da Terra Nossa, [o] que traz o seu admirável artigo sobre os Poetas Lusíadas, ao jovem poeta catalão, muito meu amigo,

Fernando Maristany -
 Rambla de Catalunya, 72 -
 Barcelona

Quando sair o seu livro? Um grande abraço!

Pascoes

R.12

em nova edição corrigida. Agora vão entrar no prelo A Vida Eterna e As Sombras. O Marânos e Regresso ao Paraíso trabalho actualmente na sua correção. Quando estiverem impressos lhos mandarei.

Acompanho com o maior interesse a Terra Nossa. Compreendo muito bem a sua atitude admirável. Para a frente!

Estou de alma e coração com a Terra Nossa e com os seus colaboradores. Abraço-os fraternalmente. Pedia-lhe o grande favor de enviar um número da Terra Nossa, [o] que traz o seu admirável artigo sobre os Poetas Lusíadas, ao jovem poeta catalão, muito meu amigo,

Fernando Maristany:

Rambla de Catalunya, 72 – Barcelona

Quando saiu o seu livro? Um grande abraço!

Pascoes

1920
21 Maio
Amarante

Meu querido confrade e amigo;
irmão na saudade e na esperança:

Acabo de ler religiosamente o seu pequenino Evangelho Galego²; pequenino de corpo mas grande de alma. Parece-me um trabalho completo. O sonho galego cristalizado em formas de acessível realidade: a aspiração de um povo codificada. O caminho está aberto. Agora é seguir por ele, marchar para a frente, para o Futuro, onde eu também já descobri a bela Pátria galega, irmã³ de Portugal; irmã e avó!

A sua Teoria do Nacionalismo Galego

920¹

21 Maio

Amarante

Meu querido confrade e amigo,
irmão na saudade e na esperança:

Acabo de ler religiosamente o seu pequenino Evangelho Galego². Parece-me um trabalho completo. É o sonho galego cristalizado em formas de acessível realidade: - a aspiração de um Povo codificada. O caminho está aberto. Agora é seguir por ele, marchar para a frente, para o Futuro, onde eu também já descobri a bela Pátria galega, irmã³ de Portugal; irmã e avó!

A sua Teoria do Nacionalismo Galego

1 Carta manuscrita autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R13, 2 páginas.

2 Pascoaes refere-se, sem dúvida, à Teoria do Nacionalismo Galego, cuja meia centena de páginas, publicada por Risco em 1920, "é um dos textos políticos galegos mais influentes na Galícia do século XX" (Justo Beramendi, "O Ideosistema singular de Vicente Risco", Teoria do Nacionalismo Galego, Santiago de Compostela, Gotego Blanco, 2000, p. 9).

3 No original, talvez por lapso, "irmão".

aqui a tenho agora, entre os livros, que se
 amam mais.
 Quanto à gentilissima dedicatória, tenho a
 dizer-lhe que não sou mestre, mas um
 seu condiscípulo que muito o estima e
 admira.
 Escrevi-lhe outra carta ha uns dias já.
 Deve tê-la recebido a esta hora. N'ella
 lhe digo que um dos meus grandes desejos é
 visitar a terra natal de Rosalia, - terra
 santa para galegos e portuguezes!
 Um grande abraço de felicitações e agrade-
 cimento do seu camarada fraterno
 Teixeira de Pascoaes

aqui a tenho agora, entre os livros que eu mais amo.

Quanto à gentilíssima dedicatória, tenho a dizer-lhe que não sou “mestre”, mas um seu condiscípulo que muito o estima e admira.

Enviei-lhe outra carta há uns dias já. Deve tê-la recebido a esta hora. Nela lhe dizia que um dos meus grandes desejos é visitar a terra natal de Rosalia, – terra santa para galegos e portugueses!

Um grande abraço de felicitações e agradecimento do seu camarada fraterno

Teixeira de Pascoaes

Amarante
20 junho 920

Querido confrade e amigo:

As suas cartas causam-me sempre um grande prazer espiritual. Tenho como dois irmãos que se amam e compreendem. É um parentesco de sangue, profundo, antiquíssimo e não apenas uma afinidade casual nascida de idênticas simpatias literárias. Por isso, as suas palavras me impressionam sempre. O que acontece com as nossas pessoas individuais, espero bem que há de acontecer com as nossas Nacionalidades.

Amarante
20 junho 920¹

Querido confrade e amigo:

As suas cartas causam-me sempre um grande prazer espiritual! Somos como dois irmãos que se amam e compreendem. É um parentesco de sangue, profundo, antiquíssimo e não apenas uma afinidade casual nascida de idênticas simpatias literárias. Por isso as suas palavras me impressionam sempre. O que acontece com as nossas pessoas individuais, espero bem que há de acontecer com as nossas Nacionalidades.

¹ Carta manuscrita autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R14, 3 páginas.

No Outro Mundo, há dois espectros que se amam e vivem sempre juntos: Rosalia e Frei Agostinho... Confiamos no seu amor que nos há de redimir e libertar do estrangeiro.

Pode o meu querido amigo dispor das minhas cartas como entender.

De Rosalia tenho uma Antologia que me foi oferecida em Barcelona pelo Centro Regionalista. É um livrinho que eu rezo várias vezes! Nunca a Poesia foi tão íntima, tão nascida do sangue e da terra! Rosalia é uma divindade. Só Frei Agostinho da Cruz se lhe pode comparar! São as duas altitudes celestes da nossa Raça galaico-lusitana.

No Outro mundo, há dois espectros que se amam e vivem sempre juntos: Rosalia e Frei Agostinho... Confiamos no seu amor que nos há de redimir e libertar do Estrangeiro.

Pode o meu querido amigo dispor das minhas cartas como entender.

De Rosalia tenho uma Antologia que me foi oferecida em Barcelona pelo Centro Regionalista. É um livrinho que eu rezo várias vezes! Nunca a Poesia foi tão íntima, tão nascida do sangue e da terra! Rosalia é uma divindade. Só Frei Agostinho da Cruz se lhe pode comparar! São as duas altitudes celestes da nossa Raça galaico-lusitana.

Qualquer dia, escreverei qualquer coisa
acerca de escrever a Nossa Terra.

Quando eu ahi for, trarei comigo
todas as obras de Rosalia, Pondal e
outros que não li ainda.

Sabe o que eu, desde já, queria de
Rosalia? Era o seu retrato; gravura
ou fotografia.

Sim - Quando eu tiver o imenso prazer
de ir à Galiza, aceitarei, muito reconheci-
do, a sua bela companhia. Muito
obrigado, desde já. Irei, logo que
o mundo se torne viável...

Um grande abraço,
Vicente de Pascoas,

P.S. Enviei por intermédio da Casa Borges & Irmão,
do Porto, a quantia de assinatura de um ano, à redacção
da Nossa Terra. Pascoas

Qualquer dia, escreverei qualquer coisa acerca deles para a Nossa Terra.

Quando eu aí for, trarei comigo todas as obras de Rosalia, Pondal e outros que não li ainda.

Sabe o que eu, desde já, queria de Rosalia? Era o seu retrato; gravura ou fotografia.

Sim. Quando eu tiver o imenso prazer de ir à Galiza, aceitarei, muito reconhecido, a sua bela companhia. Muito obrigado, desde já. Irei, logo que o mundo se torne viável...

Um grande abraço
Teixeira de Pascoas

P.s. Enviei por intermédio da Casa Borges & Irmão, do Porto, a quantia da assinatura de um ano, à redacção da Nossa Terra. Pascoas

5 agosto 1920
Amarante

Meu querido confrade

Muito obrigado pela sua carta e pelo livro encantador de Noriega Varela. É um autêntico poeta galego, duma delicadeza infinita. A força aliada à máxima delicadeza é a característica mais original e bela da Poesia galega. Não tem paralelo em qualquer outra.

Na Vanguardia de Barcelona, de que sou correspondente, falarei Do Ermo e da Galiza. Na próxima festa de São Tiago, se Deus quiser, irei visitar os meus queridos amigos e o túmulo sagrado de Rosalia.

A tradução da Canção humilde mostra bem a pequeníssima distância que existe entre o galego e o português! O português deve tender para o galego e o galego para o português.

5 agosto 1920¹

Amarante

Meu querido confrade

Muito obrigado pela sua carta e pelo livro encantador de Noriega Varela. É um autêntico poeta galego, duma delicadeza infinita. A força aliada à máxima delicadeza é a característica mais original e bela da Poesia galega. Não tem paralelo em qualquer outra.

Na Vanguardia de Barcelona, de que sou correspondente, falarei Do Ermo e da Galiza. Na próxima festa de São Tiago, se Deus quiser, irei visitar os meus queridos amigos e o túmulo sagrado de Rosalia.

A tradução da Canção humilde mostra bem a pequeníssima distância que existe entre o galego e o português! O português deve tender para o galego e o galego para o português.

1 Carta manuscrita autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R15, 2 páginas.

até se tornarem numa só Língua.
 Felicito-o pela nova Revista e faço
 votos pelo seu êxito e de tudo o que diz
 respeito ao movimento nacionalista
 galego.
 Mando-lhe esta pequena e pobre poesia,
 é inédita. Muito sempre a, me, outora,
 Um grande abraço
 Teixeira de Pascoas

R. 15

até se tornarem numa só Língua.

Felicito-o pela nova Revista² e faço votos pelo seu êxito e de tudo o que diz respeito ao movimento nacionalista galego.

Mando-lhe esta pequena e pobre poesia, mas é inédita³.
 Estou sempre às suas ordens.

Um grande abraço.

Teixeira de Pascoas

² Refere-se à revista Nós.

³ Pensamos ser a "Fala do Sol", também incluída no espólio da Fundação Vicente Risco.



Telegrama
[anterior a 11 de Setembro de 1920]¹

Sr. D. Vicente Risco [urgente]

Orense de Mondariz [reexpedido] de Amarante

Envio a todos os meus queridos irmans gallegos a mil entusisatica
[sic] felicidades e o meu profundo reconhecimento. Pascoa[e]s

¹ Telegrama enviado para Vicente Risco, R17, apresentando um corte regular no canto superior direito.



12 [11 de setembro] de 1920¹
Amarante

Querido amigo:

Muito obrigado pela sua carta! Recebeu o meu telegrama de agradecimento ao telegrama tão gentil que me enviaram de Mondariz? Espero ansiosamente o discurso de Cabanillas. Preciso de conhecer a sua obra poética, assim como a de Pondal e outros, pois desejo falar muito da Galiza nos jornais empenhados de que sou colaborador. Esteve aqui um dia comigo João Estelrich. Falamos muito da Galiza! Estou sempre de alma e coração com todos vós, meus queridos Irmãos de Além-Minho! Um grande abraço.

Pascoaes

¹ Apesar da data apontada por Pascoaes, a data do carimbo dos correios é 11 de setembro de 1920. Postal ilustrado com paisagem de Amarante, as duas margens do Tâmega, editado pela casa das Especialidades de Amarante, de Alcino dos Reis. Nela figura a morada de Risco (Plaza Ferro, 6 – Ourense (Hespanha)).

12 Nov 920
 D.C.
 Amarante

Meu muito querido Camarada:

Recebi agora mesmo o primeiro número da Nós.
 gostei imenso! gostei imenso, espiritualmente e ma-
 terialmente! É uma revista literária de primei-
 ra ordem! Honra a Galiza. O seu artigo, meu
 querido irmão, é uma obra-prima! Felicito-o
 com o maior entusiasmo!

Quanto às palavras que a Nós me dirige, são de
 tal maneira carinhosas, revelam tanta genero-
 sidade e sentimento, que me fizeram chorar!
 Eu não mereço nada disso!

Tenho relido o Do Ermo, de Varela. É um li-
 vro encantador! O lirismo galego é o mais puro,

12 Nov 920¹

D.C.

Amarante

Meu muito querido Camarada:

Recebi agora mesmo o primeiro número da Nós. Gostei imenso! Gostei imenso, espiritual e materialmente! É uma revista literária de primeira ordem! Honra a Galiza. O seu artigo, meu querido Irmão, é uma obra-prima! Felicito-o com o maior entusiasmo.

Quanto às palavras que a Nós me dirige, são de tal maneira carinhosas, revelam tanta generosidade e sentimento, que me fizeram chorar! Eu não mereço nada disso!

Tenho relido o Do Ermo, de Varela. É um livro encantador! O lirismo galego é o mais puro,

¹ Carta manuscrita, autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R16, 4 páginas.

o menos literário, o mais popular, o mais entranhado na Natureza, que tem a Europa! É uma virtude da Raça Galega ingénua e sensível até ao Infinito! É um resultado também do isolamento em que tem vivido, da sua vida sedentária, para se servir da sua expressão.

A convivência com o mundo, adulterou bastante a alma portuguesa. Todavia, ela vai tentando depurar-se nos tempos de hoje e tem muito que aprender na Poesia e na Literatura da Galiza. É necessário que os livros galegos sejam postos à venda em Portugal, que se espalhem o mais depressa possível entre nós. Fundou-se uma grande sociedade editora - Lumen - que tem livrarias nas principais terras de Portugal. Ela pode tratar da

o menos literário, o mais popular, o mais entranhado na Natureza, que tem a Europa! É uma virtude da Raça Galega ingénua e sensível até ao Infinito!

E é um resultado também do isolamento em que tem vivido, da sua vida sedentária, para se servir da sua expressão. A convivência com o mundo adulterou bastante a alma portuguesa. Todavia, ela vai tentando depurar-se nos tempos de hoje e tem muito que aprender na Poesia e na Literatura da Galiza. É necessário que os livros galegos sejam postos à venda em Portugal, que se espalhem o mais depressa possível entre nós. Fundou-se uma grande sociedade editora - Lumen - que tem livrarias nas principais terras de Portugal. Ela pode tratar da

vende de, livros galegos. Eu sou amigo do seu
 director e proprietario principal, Arthur Leitão,
 se quizer e concordar comigo, eu falo-lhe nesse
 sentido.

Eu quero ser assinante pagante da Nós. Breve
 mando a quantia do abonamento.

Consta-me que a mocidade portugueza se está interessando
 muito pelo movimento literario e nacionalista
 da Galiza. É a voz do sangue a falar. É o velho
 parentesco que revive. São dois Irmãos que têm
 vivido afastados e se encontram e abraçam depois de
 muitos anos de ausência!

E eu, meu querido camarada, sinto-me cada vez
 mais galego; quer dizer, mais portuguez - a Galiza
 é hoje para nós, o caminho de Portugal. Temos de

venda dos livros galegos. Eu sou amigo do seu director e proprie-
 tário principal, Arthur Leitão, se quizer e concordar comigo, eu
 falo-lhe nesse sentido.

Eu quero ser assinante pagante da Nós. Breve [sic] mando
 a quantia do abonamento.

Consta-me que a mocidade portugueza se está interessan-
 do muito pelo movimento literário e nacionalista da Galiza. É a
 voz do sangue a falar. É o velho parentesco que revive. São dois
 Irmãos que têm vivido afastados e se encontram e abraçam depois
 de muitos anos de ausência!

E eu, meu querido camarada, sinto-me cada
 vez mais galego; quer dizer, mais português. A Gali-
 za é hoje para nós, o caminho de Portugal. Temos de

percorrer a Galiza para voltarmos a Portugal. A
 Galiza será a fonte purificadora da nossa alma desfigu-
 rada pelos remotos climas do Oriente e pelos livros france-
 zes, ou antes, pelos maus livros franceses, porque os bons
 livros franceses pouca gente os lê.
 Enviei um exemplar dos Poetas Lusíadas a Cabanillas, o
 adorável poeta da nossa Raça. Gosto imenso dele!
 Abraço na sua ilustre pessoa, meu querido Irmão, todos os
 colaboradores da Nós. Para si um abraço
 muito amigo deste seu camarada lusitano que muito
 e muito lhe quer e o admira.
 Teixeira de Pascoaes

R. 16

percorrer a Galiza para voltarmos a Portugal. A Galiza será a fon-
 te purificadora da nossa alma desfigurada pelos remotos climas
 da Oriente e pelos livros franceses, ou antes, pelos maus livros
 franceses, porque os bons livros franceses pouca gente os lê.

Enviei um exemplar dos Poetas Lusíadas a Cabanillas, o
 adorável poeta da nossa Raça. Gosto imenso dele!

Abraço na sua ilustre pessoa, meu querido Irmão, todos os
 colaboradores da Nós. Para si um abraço muito amigo deste seu
 camarada lusitano que muito e muito lhe quer e o admira.

Teixeira de Pascoaes

11 dez 1920
 Porto
 Grande Hotel do Porto

Meu querido camarada:

Recambiada para esta cidade onde me encontro há dias, recebi a sua muito querida carta. Acompanho com o maior interesse o grande renascimento literário da Galiza, que é o renascimento da alma galega; alma mater. Causou-me grande alegria a ideia de o ver e conhecer pessoalmente dentro em pouco tempo, o que acontecerá se cá vier com o ilustre Viqueira, na ocasião do Natal! Assim seja! Estou certo que encontrarão aqui mais do que simpatia: verdadeiro amor!

O que me diz da Renascença Portuguesa, quanto

11 dez 1920¹

Porto

Grande Hotel do Porto

Meu querido camarada:

Recambiada para esta cidade, onde me encontro há dias, recebi a sua muito querida carta. Acompanho com o maior interesse o grande renascimento literário da Galiza, que é o renascimento da alma galega; alma mater.

Causou-me grande alegria a ideia de o ver e conhecer pessoalmente dentro em pouco tempo, o que acontecerá se cá vier com o ilustre Viqueira, na ocasião do Natal! Assim seja! Estou certo que encontrarão aqui mais do que simpatia: verdadeiro amor!

O que me diz da Renascença Portuguesa, quanto

¹ Carta manuscrita, autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R17, 3 páginas.

aos livros, não me admira. Fugiu para o Brasil
 há mais d'um anno. Deixou apenas a livraria
 entregue a um sócio, ~~que~~ está sempre fechada e
 tem poucos livros.
 O Arthur Leitão, jornalista e hoje capitalista,
 criou uma sociedade editora que ainda não
 está verdadeiramente concluída. Elle, creio bem
 que dentro em pouco, principiará a funcio-
 nar, e então de tratar da venda dos li-
 vros galegos. Espero aqui o Arthur Lei-
 tão, actualmente em Lisboa, para falar com
 elle a esse respeito.
 Tenho no prelo as novas edições corrigidas
 de As Memórias e de Os Ultramarinos e Portu-

aos livros, não me admira. Fugiu para o Brasil há mais de um
 ano². Deixou apenas a livraria entregue a um sócio. Está sempre
 fechada e tem poucos livros.

O Arthur Leitão, jornalista e hoje capitalista, criou uma socieda-
 de editora que ainda não está verdadeiramente concluída. Mas,
 creio bem que dentro em pouco, principiará a funcionar, e então
 ela tratará da venda dos livros galegos. Espero aqui o Arthur Lei-
 tão, actualmente em Lisboa, para falar com ele a esse respeito.

Tenho no prelo as novas edições corrigidas de As Sombras e do
 Marânos e doutro

2 Referência a Álvaro Pinto, que se afirma administrador da Renascença, desde a sua fun-
 dação e até 1921. A afirmação de Pascoaes, de que Álvaro Pinto teria "fugido" para o Brasil,
 é sem dúvida algum remoque: Álvaro Pinto, chefe dos serviços administrativos da Biblio-
 teca Nacional desde 1919, e na sequência de uma quezília com Jaime Cortesão, seu diretor,
 teria partido para o Brasil, onde já estava, aliás, António Sérgio, com quem viria a fundar a
 editora Anuário do Brasil.

volume - Logo que estejam impressas lhe mandarei exemplares.
 Tenho estado com o Leonardo Coimbra e temos falado muito da Galiza
 e dos seus ilustres representantes.
 Como sabe, nós estamos sempre às vossas
 ordens. Como o Nós seja realmente Nós,
 isto é galiza e portugueses!
 Peço-me avisar do dia em que chegarem ao
 Porto. Um grande abraço
 Pascoaes

volume. Logo que estejam impressas lhe mandarei exemplares.
 Tenho estado com o Leonardo Coimbra e temos falado muito da
 Galiza e dos seus ilustres representantes.

Como sabe, nós estamos sempre às vossas ordens. E que a Nós
 seja realmente Nós, isto é, galegos e portugueses!

Peço que me avise do dia em que chegasse ao Porto. Um grande
 abraço

Pascoaes

19 - Fev - 1921
Amarante

Meu querido confrade e amigo:

Mandei-lhe há dias a 2ª edição do Marânos.
Desejava enviá-lo a outros amigos seus
dessa bela terra galega. Pedia-lhe o favor
de me dizer os ~~seus~~ nomes e direções de
todas as pessoas d'ali a quem deseja que
eu envie ~~exemplares~~ exemplares. Já mandei
a Ramón & Cabanillas.

Também lhe peço o favor de me dizer o nome
das Livrarias onde, por ventura, possa
ir à venda na Galiza.

Brevemente mandarei As Sombras e os Cantos
Indecisos - listas a sair do prelo.

Felicito-o pela magnífica revista Nós, à qual

19 de fevereiro de 1921

Amarante

Meu querido confrade e amigo:

Mandei-lhe há dias a segunda edição do Marânos. Desejava enviá-la a outros amigos seus dessa bela terra galega. Pedia-lhe o favor de me dizer os nomes e direções de todas as pessoas daí a quem deseja que eu envie os exemplares. Já mandei a Ramón Cabanillas. Também lhe peço o favor de me dizer o nome das livrarias onde, por natureza, possa pôr à venda na Galiza.

Brevemente enviarei As Sombras e os Cantos Indecisos. Estão a sair do prelo.

Felicito-o pela magnífica revista Nós, à qual

já mandei também um exemplar
 Acompanho com um interesse cada vez
 maior o movimento intelectual da Galiza
 que é cada vez mais a minha terra.
 Isto por aqui é uma desgraça.
 Não há almas. Há só corpos.
 Então quando vem a Portugal?
 Receba um grande abraço do seu fraternal amigo e camarada
 Teixeira de Pascoaes

já mandei também um exemplar.

Acompanho com um interesse cada vez maior o movimento intelectual da Galiza, que é cada vez mais a minha terra.

Isto por aqui é uma desgraça.

Não há almas. Há só corpos.

Então quando vem a Portugal?

Receba um grande abraço do seu fraternal amigo e camarada

Teixeira de Pascoaes

29 Amarante
 Abril
 1921-

Muito querido confrade e amigo:

Muito de tudo, o que eu desejo de todo
 meu coração, é que seu Pae melhore
 e vença a doença que o tortura!
 Deus o queira! Por tudo e por causa da
 sua vinda a Portugal, onde espero ter o
 imenso prazer de o ver e abraçar! Em
 Portugal e nesta minha e sua casa da
 beira do Tâmega.

Há 15 dias já que dei ordem à Livraria
 do Porto para lhe enviarem 100 exemplares,
 do Ultramar. Na próxima terça-feira

29 de abril de 1921¹

Amarante

Muito querido confrade e amigo:

Antes de tudo, o que eu desejo de todo o meu coração, é que seu Exm. Pai melhore e vença a doença que o tortura! Deus o queira! Por tudo e por causa da sua vinda a Portugal, onde espero ter o imenso prazer de o ver e abraçar! Em Portugal e nesta minha e sua casa da beira do Tâmega.

Há quinze dias já que dei ordem à Livraria² do Porto para lhe enviarem cem exemplares do Marânos. Na próxima terça-feira

¹ Carta manuscrita, autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R21, 2 páginas.

² No original, e pontualmente, "Livraria".

volto ao Porto e tratarei do caso. Se desejarem
 também exemplares, dos As Sombras e dos
Cantos Indecisos de que, brevemente rece-
 berá um exemplar, é só dizer. Dou-lhes
 50% a favor de Nossa Terra e do Nós.
 Não é nada. Só vale como lembrança.
 Agora vou enviar para o prelo um
 livro em prosa. Tenho tido imenso
 que fazer! É preciso trabalhar. Só o
 trabalho nos poderá redimir!
 A Galiza é hoje toda a minha
 esperança, toda a nossa esperança.
 A Mãe salvará o Filho pródigo.
 Um grande abraço fraternal
 Deste seu irmão e companheiro
 Teixeira de Pascoas

ra volto ao Porto e tratarei do caso. Se desejarem também exem-
 plares do As Sombras e dos Cantos Indecisos de que brevemente
 receberá um exemplar, é só dizer. Dou-lhes 50% a favor da Nossa
Terra e do Nós. Não é nada. Só vale como lembrança.

Agora vou enviar para o prelo um livro em prosa. Tenho
 tido imenso que fazer! É preciso trabalhar. Só o trabalho nos po-
 derá redimir!

A Galiza é hoje toda a minha esperança, toda a nossa espe-
 rança.

A Mãe salvará o Filho pródigo.
 Um grande abraço fraternal
 Deste seu irmão e companheiro

Teixeira de Pascoas

Amarante
 10 julho 1921
 Venho agradecer-lhe muito comovido o seu admirável artigo acerca do Marânos. Eu não mereço tanto! Mas a sua amizade é generosa como a alma desse Povo que eu amo e a quem pertenço. Rosalia, a divina Rosalia, revelou-me os meus Antepassados.
 Cada vez creio mais no futuro da Galiza. Tem hoje à sua frente uma plêiade de escritores, poetas e artistas que a hão de remir! Assim Portugal tivesse quem

Amarante
 10 de julho de 1921

Meu querido Irmão:

Venho agradecer-lhe muito comovido o seu admirável artigo acerca do Marânos. Eu não mereço tanto! Mas a sua amizade é generosa como a alma desse Povo que eu amo e a quem pertenço. Rosalia, a divina Rosalia, revelou-me os meus Antepassados.

Cada vez creio mais no futuro da Galiza. Tem hoje à sua frente uma plêiade de escritores, poetas e artistas que a hão de remir! Assim Portugal tivesse quem

o comprendere e amare! Ule, e' terrivel
 nel ver una Patria devorada pelo, e as
 filhas! Valha-nos a Galiza, a nós, os
 portugueses!
 Sim. É preciso esperar. Esperemos sempre,
 e contra tudo!
 Soube do imenso desgosto que o feriu; e
 nesse sentido lhe telegrafei e escrevi.
 Oxalá que o seu espirito sossegue e que a
 sua saúde melhore! São os mais ardentes
 votos do meu coração!
 A Irmandade da Fala escreveu-me a
 dizer que desejam ter obras de escritores
 portuguezes para vender. Falei, a
 este respeito, á Empresa Lumen
 recentemente fundada com grandes

o comprendesse e amasse! Mas é terrível ver uma Pátria devorada pelos seus filhos! Valha-nos a Galiza, a nós, os portugueses!

Sim. É preciso esperar. Esperemos sempre, apesar de tudo e contra tudo!

Soube do imenso desgosto que o feriu; e nesse sentido lhe telegrafei e escrevi. Oxalá que o seu espírito sossegue e que a sua saúde melhore! São os mais ardentes votos do meu coração!

A Irmandade da Fala escreveu-me a dizer que desejam ter obras de escritores portugueses para vender. Falei, a este respeito, à Empresa Lumen recentemente fundada com grandes

capitais e boas esperanças. Ela disse-me que sim, que fornecia os livros.

Quando terei eu o prazer de o ver e abraçar? Tenciono agora ir passar uns vinte dias a Entre-os-Rios, onde há um hotel dirigido por Angelo Vasques Henriques, um verdadeiro cavalheiro galego, de Noia, creio eu, de quem sou amigo. Ele fala-me sempre com grande entusiasmo em Vicente Risco, Cabanillas e outros.

Mais uma vez, muito e muito obrigado!
Um grande e fraternal abraço!

Teixeira Pascoaes

capitais e boas esperanças. Ela disse-me que sim, que fornecia os livros.

Quando terei eu o prazer de o ver e abraçar? Tenciono agora ir passar uns vinte dias a Entre-os-Rios, onde há um hotel dirigido por Angelo Vasques Henriques, um verdadeiro cavalheiro galego, de Noia, creio eu, de quem sou amigo. Ele fala-me sempre com grande entusiasmo em Vicente Risco, Cabanillas e outros.

Mais uma vez, muito e muito obrigado!

Um grande e fraternal abraço!

Teixeira Pascoaes

Amarante
Junho
1921

Meu queridissimo amigo!

Logo que soube do seu grande desgosto telegrafei-lhe. Hoje escrevo-lhe tambem para, mais uma vez, lhe significar quanto senti a sua dor! A amizade e admiracao que lhe dedico, tornam-me perfeitamente solidario com os seus sofrimentos. Pode crer na verdade absoluta destas palavras, inuteis como todas as palavras perante a Dor! Inuteis, mas sinceras.

Receba um grande e dolorissimo abraço do seu camarada e irmão que muito e muito lhe quer.

Teixeira de Pascoas

Amarante
Junho
1921¹

Meu queridíssimo amigo:

Logo que soube do seu grande desgosto telegrafei-lhe. Hoje escrevo-lhe também para, mais uma vez, lhe significar quanto eu senti a sua dor! A amizade e admiração que lhe dedico, tornam-me perfeitamente solidário com os seus sofrimentos. Pode crer na verdade absoluta destas palavras, inúteis como todas as palavras perante a Dor! Inúteis, mas sinceras.

Receba um grande e doloríssimo abraço do seu camarada e irmão que muito e muito lhe quer.

Teixeira de Pascoas

¹ Carta manuscrita, autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R24, 1 página.

21 Agosto
1921 Querido irmão:

Saúde e felicidade.
Muito obrigado pela sua carta!
Os exemplares que lhe enviei do Marânos
são para o Nós e Nossa Terra. Desde
que o producto é para esses jornais,
podem-nos vender pelo preço que
quiserem. Mas é assim? Só peço
desculpa da pequenez da oferta.
É só para lhe significar o amor que
dedico à causa sagrada da Galiza!
Eu tenho um grande desejo de escrever
acerca de Rosalia! Mas é tão difficil
tocar com mãos profanas nos almas

21 Agosto
1921¹

Querido Irmão:

Saúde e felicidade.

Muito obrigado pela sua carta!

Os exemplares que lhe enviei do Marânos são para o Nós ou Nossa Terra. Desde que o producto é para esses jornais, podemos vender pelo preço que quiserem. Não é assim? Só peço desculpa da pequenez da oferta. É só para lhes significar o amor que dedico à causa sagrada da Galiza!

Eu tenho um grande desejo de escrever acerca de Rosalia! Mas é tão difficil tocar com mãos profanas nas almas

¹ Carta manuscrita, autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R23, 4 páginas.

que são divinas! Rosalia é
para ser cantada ou rezada!
Vem para além de todas as críticas,
em pleno Olimpo ~~dos~~ Deuses e sua
grados.

Todavia, eu hei de ver se consigo
ser o menos profano possível. Se
conseguir tal milagre, terá a Nós
ou a Nossa Terra um artigo meu sobre
Rosalia. Veremos...

Então quando vem a Portugal?
Venha descansar um tempo nesta
sua casa de Amarante!

Estou a concluir a publicação
d'um livro em prosa no género

que são divinas! Rosalia é para ser cantada ou rezada! Vive para além de todas as críticas, em pleno Olimpo dos Deuses consagrados.

Todavia, eu hei de ver se consigo ser o menos profano possível. Se conseguir tal milagre, terá a Nós ou a Nossa Terra um artigo meu sobre Rosalia. Veremos...

Então quando vem a Portugal?

Venha descansar um tempo nesta sua casa de Amarante!

Estou a concluir a publicação d'um livro em prosa no género

do meu Verbo Escuro². Logo que me liberte da estopada de rever provas, tentarei aproximar-me de Rosalia, depois de me lavar e purificar...

Rosalia e Frei Agostinho!

Estou desejoso de o ver e abraçar! Gosto imenso dos seus trabalhos literários! Como o pensamento e o sentimento se casam, numa prosa encantadora de espontaneidade e vivacidade. Adoro os seus escritos.

Venha, venha brevemente a este pobre Portugal, reduzido a fantasmas e pinheirais: o Bussaco e Os Lusíadas!

Sim! Nós atravessamos uma crise moral terrível; uma dessas épocas em que se vê Trimalcião

do meu Verbo Escuro². Logo que me liberte da estopada de rever provas, tentarei aproximar-me de Rosalia, depois de me lavar e purificar...

Rosalia e Frei Agostinho!

Estou desejoso de o ver e abraçar! Gosto imenso dos seus trabalhos literários! Como o pensamento e o sentimento se casam, numa prosa encantadora de espontaneidade e vivacidade. Adoro os seus escritos.

Venha, venha brevemente a este pobre Portugal, reduzido a fantasmas e pinheirais: o Bussaco e Os Lusíadas!

Sim! Nós atravessamos uma crise moral terrível; uma dessas épocas em que se vê Trimalcião

² Referência a Bailado.

chorar e chorar Maria! Embriaguez de
 Champagne e fome de pão!
 O espírito do nosso Raça existe nos mortos
 e em alguns (poucos) vivos. O resto é
 vil matéria: egoísmo e podridão.
 Os despojos dum Naufrago nas mãos
 da gatunagem! Mas além do rio
 Minho alvorece um novo dia... Esperemos
 e confie-mos n'essa Luz...
 Cabanillas e Noriega, dois grandes Poetas!
 Amo-os de todo o meu coração. Poetas só Poesia.
 Entre nós, o artifício, a pose,
 a missanga multicolor estraga tudo, em arte
 e no resto. É uma vingança dos pretos!
 Adeus! Um grande abraço!
 Pascoaes

R. 23

rir e chorar Maria³! Embriaguez de champagne e fome de pão!

O espírito da nossa Raça existe nos mortos e em alguns (poucos) vivos. O resto é vil matéria: egoísmo e podridão.

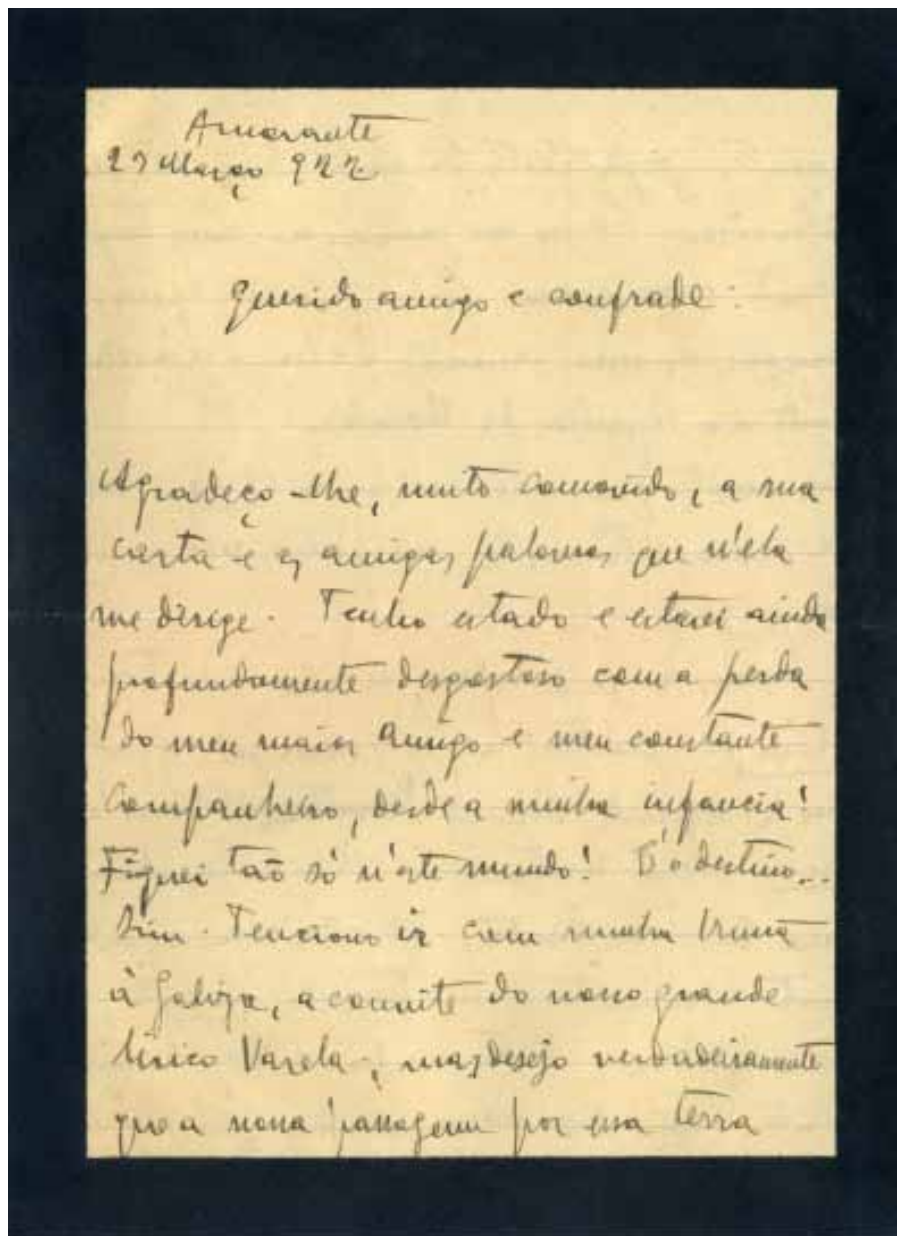
Os despojos dum Naufrago nas mãos da gatunagem! Mas além do rio Minho alvorece um novo dia... Esperemos e confie-mos n'essa Luz...

Cabanillas e Noriega, dois grandes Poetas! Amo-os de todo o meu coração. Poetas só Poesia. Entre nós, o artifício, a pose, a missanga multicolor estraga tudo, em arte e no resto. É uma vingança dos pretos!

Adeus! Um grande abraço!

Pascoaes

3 Cf. latamente, a oposição entre o Satiricon, de Petrónio, e os Evangelhos. Registe-se a tradução de Agostinho da Silva: Banquete de Trimalcíão (Petróneo), Lisboa, Edição do Autor, 1943



Amarante
21 Março 1922¹

Querido amigo e confrade:

Agradeço-lhe, muito comovido, a sua carta e as amigas palavras que nela me dirige. Tenho estado e estarei ainda profundamente desgostoso com a perda do meu maior amigo e meu constante companheiro, desde a minha infância²! Fiquei tão só neste mundo! É o destino...

Sim. Tenciono ir com minha irmã à Galiza, a convite do nosso grande lírico Varela, mas desejo verdadeiramente que a nossa passagem por essa terra

¹ Carta manuscrita, autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R26, 4 páginas.

mater seja feita do modo mais discreto e silencioso. É o que me convém ao meu temperamento e ao meu luto. Quero apenas abraçar os meus irmãos daí e ajoelhar junto ao sepulcro de Rosalia.

Há muito que não recebo a Nós. Mando-lhe, com esta carta, uns pobres versos para ela.

Dos livros a que se refere, recebi o de Taibo, Além, do Quintaniela [sic], a quem já agradecei com a seguinte direção "Irmandade Nazionalista - Ferrol". Será bastante? Recebi também o livro de Vilar Ponte. A estes vou agradecer muito brevemente e mostrar-lhes quanto gostei das suas obras. Não recebi a segunda edição do Vento Mareiro do nosso grande Cabanillas.

mater seja feita do modo mais discreto e silencioso. É o que me convém ao meu temperamento e ao meu luto. Quero apenas abraçar os meus irmãos daí e ajoelhar junto ao sepulcro de Rosalia.

Há muito que não recebo a Nós. Mando-lhe, com esta carta, uns pobres versos para ela.

Dos livros a que se refere, recebi o de Taibo, Além, do Quintaniela [sic], a quem já agradecei com a seguinte direção "Irmandade Nazionalista - Ferrol". Será bastante? Recebi também o livro de Vilar Ponte. A estes vou agradecer muito brevemente e mostrar-lhes quanto gostei das suas obras. Não recebi a segunda edição do Vento Mareiro do nosso grande Cabanillas.

2 Pascoaes refere-se aqui, provavelmente, a Gregório de Vasconcelos (assinatura litetária: Neno Vasco), falecido em Setembro de 1921, uma das maiores figuras do anarco-sindicalismo da 1ª República em Portugal, com quem Pascoaes desde cedo convive, chegando com ele a escrever alguns dos seus primeiros versos.

Tenho tido imenso que fazer e uma péssima disposição de espírito. Daí a minha demora em escrever.

Sim, o caso do Coimbra faz lembrar o do Joffre - causas secundárias, mas que revelam muito.

Felicito-o, de todo o meu coração, pelo terem colocado à frente do vosso movimento nacionalista³. Não podiam escolher melhor general.

Muito me alegra as notícias que dá do incremento que a vossa actividade tem tomado. Não me admira. A raça galega é ainda uma raça intacta, virginal, depositária, portanto, de grandes energias espirituais. O futuro da Alma saudosa, isto é, da nossa Divindade, está nas mãos dos

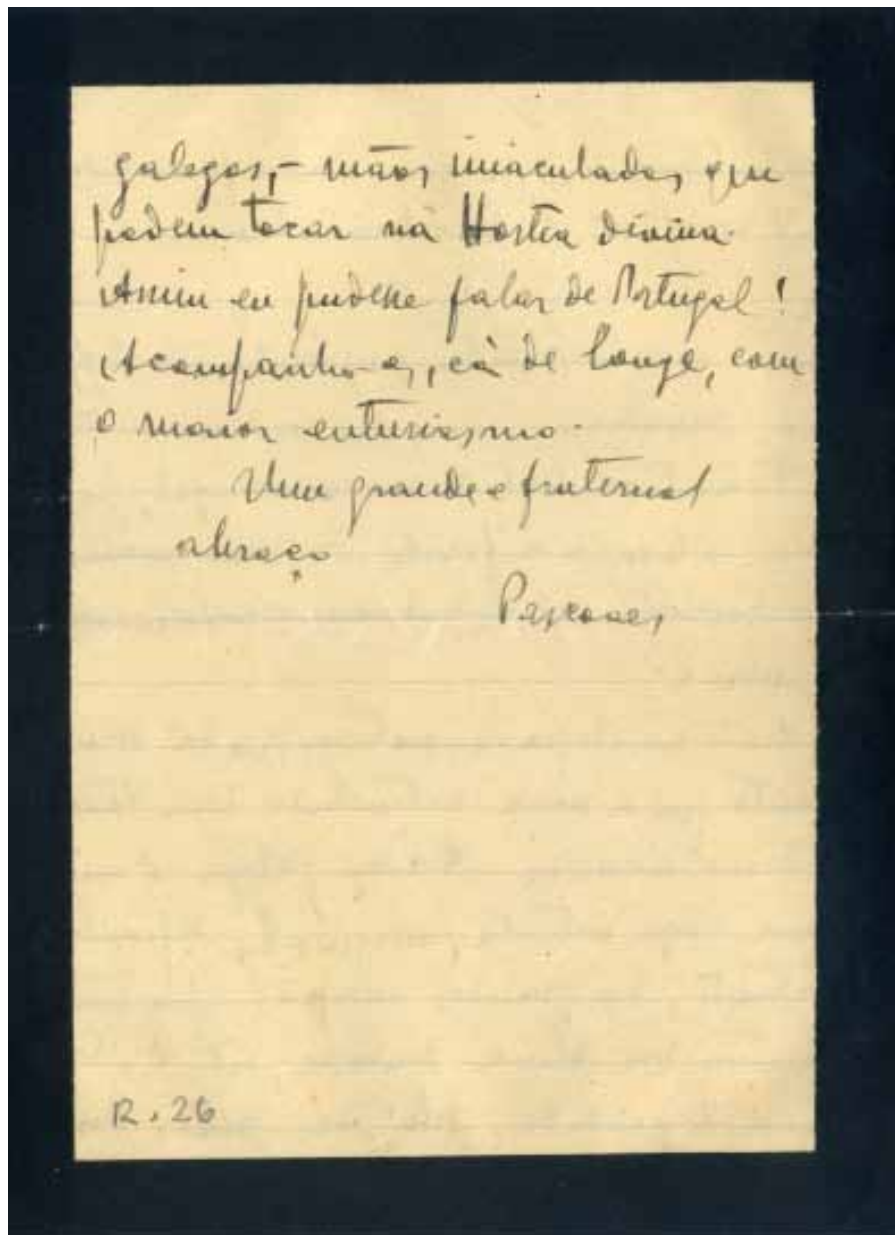
Tenho tido imenso que fazer e uma péssima disposição de espírito. Daí a minha demora em escrever.

Sim, o caso do Coimbra faz lembrar o do Joffre – causas secundárias, mas que revelam muito.

Felicito-o, de todo o meu coração, [por] o terem colocado à frente do vosso movimento nacionalista³. Não podiam escolher melhor general.

Muito me alegra as notícias que dá do incremento que a vossa actividade tem tomado. Não me admira. A raça galega é ainda uma raça intacta, virginal, depositária, portanto, de grandes energias espirituais. O futuro da Alma saudosa, isto é, da nossa Divindade, está nas mãos dos

³ Na Assembleia de Monforte de Lemos, em Fevereiro de 1922, Vicente Risco defendera a vertente essencialmente cultural do nacionalismo galego, em oposição aos que defendiam a maior importância da ação política. Dessa assembleia, que opôs os nacionalistas de Ourense aos de A Coruña, surgiu a Irmandade Nacionalista Galega (ING).



galegos, - mãos imaculadas que podem tocar na Hóstia divina. Assim eu pudesse falar de Portugal! Acompanho-os, cá de longe, com o maior entusiasmo.

Um grande e fraternal abraço.

Pascoas

18 março 1926
Lisboa
Janelas Verdes - 92 -

Queridíssimo irmão:

A sua carta recebida agora em Lisboa, onde estou desde novembro, causou-me enorme alegria. Eu não o esqueço, como não esqueço a Galiza - Terra Mater - dedico à sua ilustre pessoa a mesma amizade e admiração e o meu pensamento nunca abandona as terras d'Além-Minho.

Tenho trabalhado bastante na revisão dos meus livros publicados e compus três novos livros, um que lhe vou enviar, publicado há dias, e um volume de memórias (Memórias da Infância e Mocidade) ainda inédito. Também converti num poema em verso o Pobre Tolo que publicarei brevemente.

18 março 1926¹
Lisboa
Janelas Verdes -92-

Queridíssimo irmão:

A sua carta recebida agora em Lisboa, onde estou desde novembro, causou-me enorme alegria. Eu não o esqueço, como não esqueço a Galiza - Terra Mater. Dedico à sua ilustre pessoa a mesma amizade e admiração e o meu pensamento nunca abandona as terras d'Além-Minho.

Tenho trabalhado bastante na revisão dos meus livros publicados e compus três novos livros, um que lhe vou enviar, publicado há dias, e um volume de memórias (Memórias da Infância e Mocidade) ainda inédito. Também converti num poema em verso o Pobre Tolo que publicarei brevemente.

¹ Carta manuscrita, autógrafa, da Fundação Vicente Risco, R414, 3 páginas.

O meu silêncio tem representado trabalho mas não esquecimento.
 Eu creio no futuro da Galiza e da sua
 raça. Sim, os tempos não passaram
 e hão de chegar ainda. Em Portugal,
 em europa, reina uma desorientação
 completa. Uns querem destruir tudo,
 outros, querem conservar tudo. Futuristas
 integralistas, — uma desordem! Mas a har-
 monia que eu presenti, há de vir a ser uma
 realidade. Da velha fonte há de brotar
a água nova.

A Renascença do Porto e a sua revista
 Águia vão ~~entrar~~ entrar num perí-
 odo de vida nova que pode ser fecundo.
 É ideia minha e do nosso grande escritor
 Raul Brandão e de outros, converter a
 Renascença numa sociedade literária
 luso-galaica, sendo a revista Águia
 o seu órgão, colaborada por galegos

O meu silêncio tem representado trabalho mas não esquecimento.

Eu creio no futuro da Galiza e da sua raça. Sim, os tempos não passaram e hão de chegar ainda. Em Portugal, por enquanto, reina uma desorientação completa. Uns querem destruir tudo, outros querem conservar tudo. Futuristas integralistas, — uma desordem! Mas a harmonia que eu presenti, há de vir a ser uma realidade. Da velha fonte há de brotar a água nova.

A Renascença do Porto e a sua revista Águia vão entrar num período de vida nova que pode ser fecundo. É ideia minha e do nosso grande escritor Raul Brandão e de outros, converter a Renascença numa sociedade literária luso-galaica, sendo a revista Águia o seu órgão, colaborada por galegos

e portugueses. Que lhe parece? Parto
 para o Norte (Amarante) nos fins deste
 mês. Passarei pelo Porto, onde trataremos
 deste importantíssimo assunto.
 Logo que eu chegar a Amarante, enviarei
 colaboração minha para a Nós.
 Ainda bem que ela reaparece animada
 de nova vida! Ainda bem!
 Muitas saudades deste seu irmão
 que sempre lhe quer e o admira.
 Um grande abraço!
 Teixeira de Pascoas

e portugueses. Que lhe parece? Parto para o Norte (Amarante) nos fins deste mês. Passarei pelo Porto, onde trataremos deste importantíssimo assunto.

Logo que eu chegar a Amarante, enviarei colaboração minha para a Nós.

Ainda bem que ela reaparece animada de nova vida! Ainda bem!

Muitas saudades deste seu irmão que muito lhe quer e o admira.

Um grande abraço!

Teixeira de Pascoas

Fala do Sol
 Aos jovens poetas galegos

W'um lar azul sem fim
 Sou velho tronco a arder.
 Há florestas de mãos voltadas para mim,
 Velhinhas, a tremer...
 Os cegos andrajosos
 Gritam por mim nas trevas. Querem luz!
 Gritam por mim as árvores desfolhadas,
 Os roxos corpos nus,
 As fontes congeladas...
 E os ventos invernosos...
 Gritam por mim, à noite, a voz dos mundos
 E os poetas moribundos...

As lágrimas da chuva,
 As lágrimas do órfão e da viúva,
 As lágrimas dos trágicos vencidos,
 As lágrimas dos mortos esquecidos,
 Pelas noites de outono, errando ao luar,
 Vendo-me, em alvas nuvens se evaporam;
 Nuvens que eu bebo, a rir, pelos que choram,
 Erguendo a Deus, meu cálice de amargura
 Meu cálice de oiro aceso, a trasbordar [sic],
 Cheio de toda a humana desventura...

(mebta)

Teixeira de Pascoas,

Fala do Sol

Aos jovens poetas galegos

Num lar azul sem fim

Sou velho tronco a arder.

Há florestas de mãos voltadas para mim,

Velhinhas, a tremer...

Os cegos andrajosos

Gritam por mim nas trevas. Querem luz!

Gritam por mim as árvores desfolhadas,

Os roxos corpos nus,

As fontes congeladas...

E os ventos invernosos...

Gritam por mim, à noite, a voz dos mundos

E os poetas moribundos...

As lágrimas da chuva,

As lágrimas do órfão e da viúva,

As lágrimas dos trágicos vencidos,

As lágrimas dos mortos esquecidos,

Pelas noites de outono, errando ao luar,

Vendo-me, em alvas nuvens se evaporam;

Nuvens que eu bebo, a rir, pelos que choram,

Erguendo a Deus, meu cálice de amargura

Meu cálice de oiro aceso, a trasbordar [sic],

Cheio de toda a humana desventura...

Teixeira de Pascoas

1 Folha autógrafa, da Fundação Vicente Risco (DVR2). Versos dedicados "Aos Jovens Poetas Galegos", in Revista Nós, Ourense, Boletim Mensal de Cultural Galega, ano I, nº 1, 30 de Outubro de 1920.

De mim
 Aos grandes poetas da Galiza Cabanillas e Varela

Sou um triste castelo ao pé d'um mar brumoso,
 Eternamente a ouvir histórias de naufrágios,
 À voz do vento negra de preságios...

Sou ^{velha} cruz ~~em~~ em ermo penhascoso,
 Onde as aves da noite não cantam,
 Embriagadas de sombra e de luar.

Sou lívido pinheiro
 Fantástico, a rezar na encosta dum outeiro,
 Quando os vales soturnos escurecem
 E as nuvens, como sonhos esquecidos,
 No céu empalidecem...
 E em religiosos lábios doloridos
 As boas tardes choram

E pérolas de luz tremendo, afloram
 Naquele etéreo manto de veludo,
 Manto da Virgem Mãe de Deus colorindo tudo...

Vivo da negra morte alegremente
 Que, ante mim, se levanta imensa de ternura,
 Como de encontro às bandas do Oriente
 Ergue o Marão a trágica estatura..

Vivo da negra morte que me empece
 Na lua que detrás dos montes aparece;
 No soturno perfil, à noite, dos penedos,
 Na brisa a semear murmúrios e segredos.

1 volta!

De mim
 Aos grandes poetas da Galiza Cabanillas e Varela

Sou um triste castelo ao pé d'um mar brumoso,
 Eternamente a ouvir histórias de naufrágios
 À voz do vento negra de preságios [sic]...

Sou velha cruz em ermo penhascoso,
 Onde as aves da noite vão cantar,
 Embriagadas de sombra e de luar...

Sou lívido pinheiro
 Fantástico, a rezar na encosta dum outeiro,
 Quando os vales soturnos escurecem
 E as nuvens, como sonhos esquecidos,
 No céu empalidecem...
 E em religiosos lábios doloridos
 As boas tardes choram

E pérolas de luz tremendo, afloram
 Naquele etéreo manto de veludo,
 Manto da Virgem Mãe de Deus colorindo tudo...

Vivo da negra morte alegremente
 Que, ante mim, se levanta imensa de ternura,
 Como de encontro às bandas do Oriente
 Ergue o Marão a trágica estatura..

Vivo da negra morte que me empece
 Na lua que detrás dos montes aparece;
 No soturno perfil, à noite, dos penedos,
 Na brisa a semear murmúrios e segredos...

1 Folha a que corresponderiam os versos enviados com a carta de 21 de Março de 1922, incluída no espólio da Fundação Vicente Risco, DVR461. Poema publicado na Revista Nós, Ourense, Boletim Mensal de Cultural Galega, ano III, nº 14, 1 de Dezembro de 1922.

Na aurora desmaiada
 Me cadáver branco de afogada,
 Boiando à flôr de nuvens cheias de água,
 Com um lírio nas mãos desfeito em cinza e mágoa.
 - Em tudo o que me cerca de tristeza
 E em meus olhos acende espiritual beleza:
 Fantasma de anjo a voar, branca visão celeste,
 Prateando, ao de leve, a rama do cipreste...
 Uma sombra caída aos pés da cruz...
 A morte já distante da agonia,
 Extática, vestida em macerada luz,
 Toda sonho, luar, melancolia...
 Teixeira de Pascoas

Na aurora desmaiada,
 Esse cadáver branco de afogada,
 Boiando à flôr de nuvens cheias de água,
 Com um lírio nas mãos desfeito em cinza e mágoa.
 - Em tudo o que me cerca de tristeza
 E em meus olhos acende espiritual beleza:
 Fantasma de anjo a voar, branca visão celeste,
 Prateando, ao de leve, a rama do cipreste...
 Uma sombra caída aos pés da cruz...
 A morte já distante de agonia,
 Extática, vestida em macerada luz,
 Toda sonho, luar, melancolia...

Teixeira de Pascoas

2 Quebra de página, assinalada pelo autor com “(volte)”.

Risco

Vicente